

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO
E GEOGRAPHICO

DO

RIO GRANDE DO SUL

PORTO



ALEGRE

BRASIL

COMISSÃO
DE
REDACÇÃO:

ADROALDO MESQUITA DA COSTA
E. F. DE SOUZA DOCCA
MANSUETO BERNARDI
EDUARDO DUARTE

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO RIO GRANDE DO SUL

Séde: PORTO ALEGRE

Presidente: Desembargador Florencio C. de Abreu e Silva
1.º secretario: Dr. Francisco de Leonardo Truda
Thesoureiro: Affonso Guerreiro Lima

Publica a sua Revista em fasciculos trimestraes ou semestraes, formando annualmente um volume de setecentas paginas, na média.

Condições de assignatura:

Por anno 15\$000 rs.

Por fasciculo trimestral 4\$000 rs.

Preço da collecção até 1930 500\$000.

Para assumptos da Revista dirigir-se directamente ao Dr. Eduardo Duarte, á rua Duque de Caxias n.º 1231. Porto Alegre — Rio Grande do Sul — Brasil.

REVISTA
DO
INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO
DO
Rio Grande do Sul



PORTO ALEGRE-1930

II Trimestre

ANNO X

COMISSÃO DE REDACÇÃO:
Adroaldo Mesquita da Costa
Mansueto Bernardi - Eduardo Duarte
E. F. de Souza Docca

PORTO ALEGRE
TYPOGRAPHIA DO CENTRO — RUA DR. FLORES 108

1930

A COLONISAÇÃO ALLEMÃ NO RIO GRANDE DO SUL

F. de Leonardo Truda

Capítulo I

ASPECTO ECONÓMICO DO RIO GRANDE, ANTES DA INDEPENDENCIA NACIONAL

A vinda dos colonos açorianos — Motivos que determinaram o governo portuguez a promovel-a — A transformação dos colonos em estancieiros — Circumstancias que a favoreceram — Facilidade na obtenção de terras e abundancia de gado — A agricultura no Rio Grande do Sul — Causas que se oppunham ao seu desenvolvimento — Exagero das affirmações que a respeito se têm formulado — O que demonstram as estatisticas de Antonio José Gonçalves Chaves — O abandono da cultura do trigo no primeiro quartel do seculo XIX.

„Na historia da industria rio-grandense — escrevia Antonio Eleutherio de Camargo, em 1868 — ha duas epochas muito distinctas a assignalar: a que teve origem em 1715, quando se formaram as primeiras *estancias* e a que teve origem em 1824, quando chegaram os primeiros 38 colonos, para serem estabelecidos na Real Feitoria do Linho Canhamo, actual ex-colonia de S. Leopoldo.“¹⁾

Não falta razão ao asserto. A tentativa de colonisação que se fizera ao terminar a primeira metade do seculo XVIII, com a vinda dos casaes açorianos, nem tivera seguimento methodico, nem mesmo, embora representasse uma contribuição de

¹⁾ Antonio Eleutherio de Camargo: Quadro estatistico e geographico da provincia do Rio Grande do Sul. Cap. V; pag. 77.

larguissimo valor no povoamento do Rio Grande, bastára para traçar rumo diverso ao que já levava, mercê dos primeiros povoadores, a nossa incipiente economia.

Attendera-se, aliás, nesse caso, como sempre ocorreu durante a dominação portugueza, menos aos interesses da colonia que aos da metropole. Nos Açores e na Madeira, a população, sobreexcedente, chegára a um estado de verdadeira penuria. E foi para attender ás representações dos habitantes das ilhas que se dispoz a vinda, para o Brasil, de até quatro mil casaes.

„Faço saber a Vós, governador e Capitão General da Capitania do Rio de Janeiro — diz uma ordem real datada de 9 de agosto de 1747 ²⁾ — que em consulta do meo conselho, & Livro de oito de Agôsto do anno passado, sobre a representação dos moradores das Ilhas dos Assores, em que me pedirão mandasse tirar dellas o numero de casaes, que me parecerem para serem transportados a America. E tive por bem resolver se mandassem até quatro mil casaes para as partes do Brasil que fossem mais precisos e conveniente povoarem-se. . .“ E mais adiante: „... e representando-me depois o mesmo conselho que seria conveniente extender-se a mesma graça tambem as ilhas da Madeira assim houve por bem aprovallo.“

O tom geral da ordem regia e o qualificar-se como „graça“ a concessão feita aos habitantes das ilhas, mesmo levado em conta o estylo peculiar aos documentos regies do tempo, demonstram sufficientemente o interesse que havia em alliviar os Açores, como a Madeira, da sobeja população. Mandaram-se affixar editaes, ordenando-se ás autoridades das ilhas „fizessem allistar toda a gente que se offerecessem para se transportar á Ilha de Santa Catharina, por parecer conveniente começar a introduccão dos Casaes para se estabelecerem assim nellas, como na terra firme do seu contorno.“ E tal era a soffreguidão das populações açorianas por libertar-se das penosas condições de existencia que se lhe deparavam no archipelago, ao tempo,

²⁾ Reproduzida no livro „A fundação de Porto Alegre“, do sr. Augusto Porto Alegre, que a extraiu do Vol. III, fls. 142 do archivo da Delegacia Fiscal.

assolado por uma serie de males, que a ordem regia nem busca dissimular-a: „E para quanto das Ilhas dos Asores se souberão já noticias de achar-se grande numero de gente pronta para este transporte se julgou a proposito não deixar passar este verão sem cuidar com todo calor na ezeção delle. . .“

O governo de Lisboa offerencia vantagens identicas ás promettidas aos casaes açorianos, aos „casaes de Extrangeiros que não fossem subditos que tenham dominios na America a que possam passar-se, comtanto que sejam Catholicos Romanos. . .“ Taes restricções não eram, por certo, de molde a facilitar a entrada de estrangeiros no Brasil. Nem della se tratava seriamente.

*

*

*

Quanto aos açorianos, as condições que se lhes faziam eram, em verdade, para a epoca, não só razoaveis, mas até generosas. Recommendava-se que os novos colonos fossem „bem tratados e agasalhados“; provia-se á sua subsistencia, dando-se-lhes, alem disso, uma ajuda de custo. Escolher-se-iam „os sitios mais proprios para fundar lugares,“ estabelecendo-se, em cada um delles, mais ou menos sessenta casaes. A cada cada cabeça de casal se assignava „um quarto de legua em quadro“ e logó que estivessem os novos colonos estabelecidos se lhes davam duas vaccas e uma egua, tiradas das Reaes Estancias, cabendo ainda „a cada lugar em commum, quatro touros e dois cavallo.“ No tempo opportuno se distribuiriam sementes e, logo que estivessem installados, teriam os recém-chegados armas e ferramentas: „hua espingarda, hua fouce rossadoura, e as mais ferramentas conforme lhe forão promettidas no dito Edital, e procurará que as conserve, sem as vender, especialmente as espingardas.“

Essa iniciativa, porem, de que havia de resultar, no caso que a nós mais directamente interessa, a fundação de Porto Alegre, não chegou a converter-se em movimento permanente,

nem della derivou uma corrente immigratoria que, pela sua continuidade, pudesse merecer, realmente, esse nome.

Em 1773, a população da capitania do Rio Grande era estimada em 22.500 habitantes. Realizado em 1803, por ordem do visconde de Anadia e sob a direcção do governador Paulo José da Silva Gama, um censo da população, o seu resultado attribuiu á capitania um total de 59.142 habitantes. Disseminados estes por um vasto territorio, facil é avaliar como viveria essa exigua população, em pequenos, escassos nucleos, uns de outros isolados por enormes extensões despovoadas, sem estradas e sem meios de transporte, em permanente estado de insegurança, quando não de luta aberta, á mão armada.

Os colonos açorianos, tendo chegado meio seculo antes da data desse censo, sem perder algumas de suas mais apreciaveis qualidades, tinham, forçosamente, de deixar-se vencer pelas condições do meio em que se os isolava. O novo „habitat“, que haviam escolhido, acabaria por triumphar da sua resistencia, impondo-lhes as suas características peculiares e afeiçãoando-os a ellas.

„O pesado ilhéu — escreve Alfredo Varela — ao pouco tempo, não era mais reconhecível no listo gaúcho, dominando o cavallo com a maxima destreza, trocados os habitos sedentarios por um viver entre o arado e as aventuras da campanha semi-deserta, a indole refractaria ao serviço militar pelo entusiasmo guerreiro, o modo de ser pacato e tranquillo pelo ar de livre franqueza e espontanea vivacidade.“³⁾ „Novas terras, novos usos!“ — commenta o erudito escriptor patricio. Mas o que se lhe afigura „superior faculdade de adaptação“ do colono açoriano, parece-nos, antes, forçada obediência á fatalidade de um conjunto de circumstancias historico-geographicas, ás quaes ou o recém-chegado se submettia ou se condemnava ao aniquilamento.

Nessa sua adaptação, levada a extremos de total abdicação dos habitos e qualidades originarias, vae implicita a renuncia do colono á tentativa de imprimir á terra que o attrae, o cunho

3) Alfredo Varela, „O Rio Grande do Sul“. Cap. VI; pag. 32.

especial de sua personalidade, o rumo novo que de sua actividade se poderia esperar.

Os colonos açorianos dispõem de amplas extensões de terra: um quarto de legua por casal, inicialmente. Essa propriedade facilmente se amplia, porque aos descendentes daquelles é permittido obter egual concessão, o que dá em resultado vir uma mesma familia a possuir area bem maior que a que de direito lhe caberia.

As cartas de sesmaria avultam e as apropriações de terras ainda devolutas ou mal demarcadas se tornam cousa commum. A tal ponto chega a desordem, no que á distribuição de terras se refere, que, em 1810, o governador D. Diogo de Souza se vê forçado a lançar famoso „bando“, com cujas disposições procura pôr limite aos excessos, mas, no qual, ao mesmo tempo, largamente se contemporisa com os abusos commettidos e muitos delles encontram sancção que definitivamente os legitima.

Menciona o „bando“,⁴⁾ em extensa enumeração, as „datas de terrenos“ que se devem considerar incuriaes e nullas. „E ainda muito mais nullas são — prosegue — e athé criminosas as posses que os Colonos se attribuem derivados de intrusão que se arojão a praticar nos terrenos devolutos.“ Enganar-se-á, porem, quem espere dessa severidade de linguagem a comminação de penas ou a exigencia de obrigações especiaes para reparação do que se qualifica como acto não só nullo, mas até criminoso. Ao contrario, vem, logo a seguir, este expresso reconhecimento do *statu-quo*: „O mal, porem, proveniente destas infracções, achando-se tão propagado pelo abuso, e radicado pelo costume, exige para socego publico, e conveniencia do Estado, que se remedeie com a modificação da restricta Justiça, quanto ao passado admittindo-se requerimento dos mesmos Colonos, supplicando Legaes Cartas de sesmarias das terras, que

⁴⁾ Este bando vem reproduzido na integra nas „Memorias economico-politicas“, de José Gonçalves Chaves. Revista do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul. Anno II; 2.º e 3.º trimestre; pag. 149.

assim *erroneamente* ⁵⁾ estiverem desfructando, com clausula de que não praticando no termo de 8 mezes decorrentes da data deste Bando, ficarão excluidos de qualquer pertença ao dito respeito, e serão as mencionadas terras conferidas a quem as pedir com as devidas formalidades.“ Como se vê, o crime, já agora convertido em „erro“, legitima-se; segue-se, apenas, a advertencia de que elle não será tolerado para o futuro.

Mas as concessões não se detêm ali. O 12.º item do Bando textualmente dispõe: „Sendo impraticavel promover o beneficio da Agricultura nos Campos destinados á obtenção dos gados, se annuncia que não obstante os Estancieiros gosarem de suas Sesmarias em terras daquella natureza, lhe será facultada outra para lavouras, puramente onde houver terrenos aptos. não excedendo meia legoa quadrada, e ficando obrigados a verificar o melhoramento de cultura, pelo modo com que nas Cartas ha de prescrever-se.“

Facilima, pois, como vimos, era a obtenção de terras, sobretudo aos mais audazes. Por outro lado, não resultava muito mais difficil povoal-as de gados. Coincidem os historiadores, como todos os viajantes, que, ao tempo, visitaram terras do Rio Grande e nos deixaram escriptas suas impressões, em affirmar a existencia, naquellas, de abundantissimos rebanhos. Não havia maior escrupulo em assenhorear-se do gado, do que em apropriar-se das terras. E é no mesmo „bando“ de D. Diogo de Souza, documento precioso atravez do qual tão claramente transparece o que era essa phase incipiente da nossa evolução economica, é nesse bando que vamos encontrar, mais uma vez, a prova do que acima asserimos: „Conhecendo-se — escreve o primeiro capitão-general — que da excessiva quantidade de gados, que alguns Estancieiros levados de humá desmarcada ambição introduzem nos seus Campos, resulta não só passarem os mesmos Gados para estancias visinhas com notavel prejuizo dos Coereos, de onde se origina frequentes querellas e inimizades, mas tambem a multiplicidade de Gados alçados, o perecimento dos Pastos, e tornarem-se os Campos arenosos, e para sempre estereis, etc. . . .“ — e accrescenta a determinação de

⁵⁾ E' nosso o grypho. — N. do A.

algumas providencias, tendentes a derimir abusos, de incerta efficacia e de cuja rigorosa applicação seria licito duvidar.

Ora, em taes condições, não admira que os colonos do seculo XVIII fossem levados a converter-se em estancieiros. Tudo a isso os incitava. E o estado quasi continuo de guerra e de incessante luta, contra o visinho inimigo ou contra o indigena, não era, por certo, de molde a animar a agricultura, a cujos labores constantes são indispensaveis a tranquillidade e a segurança que só a paz pode dar.

Antonio José Gonçalves Chaves, nas suas notaveis „Memorias economo-politicas“ publicadas em 1822, nos diz bem quaes foram, até a epoca da independencia — e os males não desapareceram, de todo, depois desta — as consequencias que para a agricultura derivaram da nossa sobresaltada existencia politica.

„Não ha todavia maior negligencia — escreve — que a do nosso Governo antigo para a agricultura. Ninguem he mais maltratado entre nós, do que hum lavrador. Antes de se proclamar a Constituição, tirava-se a hum lavrador para a guerra, todos os bois, todas as carretas, todos os filhos, e depois hia mesmo o Chefe da familia, e o restante da casa ficava entregue á Divina Providencia. O nosso Imperador assignalou sua Regencia, com o saudavel Decreto, que serve de garantia ao Direito de Propriedade, e salvou os lavradores d'esta peste devastadora, e esperamos, que nosso Illuminado Congresso faça o restante athé elevarmos nossa agricultura ao estado mais florente, que as circumstancias nos possão permittir, e nossos lavradores gosaráo entre nós da maior consideração, favores e privilegios que forem compativeis com hum Estado livre, e bem policiado.“⁶⁾

* *

*

Em contraposição ao que temos asseverado — e o assignalamos com a lealdade de estudioso, que apenas cura de estabelecer

⁶⁾ „Memorias economo-politicas sobre a Administração publica do Brasil“, por Hum Portuguez. Quinta memoria; cap. VI § 4.º

a verdade, sem preocupação de fazer vingar proposições preestabelecidas — em contraposição ao que temos asseverado, diziamos, não são poucos os historiadores e escriptores que se referem ao periodo de grande florescimento da agricultura no Rio Grande do Sul, no ultimo quartel do seculo XVIII e nos primeiros decennios do seguinte, florescimento esse que seria fruto da colonisação açoriana.

Oliveira Lima, para citar um dos de maior tomo, referindo-se, num dos capitulos desse seu soberbo livro que é „D. João VI no Brasil“ — aos produtos que para consumo e re-exportação para dentro e fóra do paiz, desembarcavam no porto do Rio de Janeiro, menciona os „couros, chifres, xarque, sebo, toucinho, cebolas, arroz, feijão, queijos, farinha de trigo e de mandioca, algodão, assucar e aguardente do Rio Grande do Sul e de São Paulo.“⁷⁾ Não são menos categoricos outros historiadores ao se referirem á nossa produção de milho, mandioca, arroz, este „muito bom e de excellente gosto,“ e mais alguns produtos.

Ayres do Casal, escrevendo em 1817, situa o „berço da agricultura da provincia“ no Taquary, „cujos habitantes são geralmente naturaes e oriundos dos Açores, donde o Senhor D. José fez passar varios casaes para este sitio, onde começaram a cultivar o trigo, e milho, segundo o methodo de sua patria, e ainda hoje sua occupação e riqueza.“⁸⁾

Afigura-se-nos, porem, que, no caso, o que ha, em realidade, é antes uma illusão de optica. Esta, o proprio Oliveira Lima a desfaz, quando, em outro capitulo de sua obra notabilissima, nos fala „dessas terras onduladas e bem regadas, com bellas mattas e muitos campos, onde crescia algum trigo, pastava muito gado e se levantavam poucas cidades, sendo nel-

7) Oliveira Lima. „D. João VI no Brasil“. Cap. IX — Relações commerciaes do Brasil. Vol. I; pag. 367.

8) Manoel Ayres do Casal. „Corographia Brasillica. Vol. I; pag. 125. Saint-Hilaire, em sua „Viagem ao Rio Grande do Sul“ (Cap. III) tambem escreve: „Os arredores de Rio Pardo e principalmente, a parochia de Taquary, são, ao que parece, a parte desta capitania que produz mais trigo.“

las mais frequentes as casas de taipa que as de tijolo e mais numerosas as immensas estancias, com habitações isoladas, do que os aldeamentos."⁹⁾

Em meio de uma terra fertilissima, de população escassa, em grande parte entregue, ainda, a habitos de nomadismo, frugal, frugalissima, qualidade que adquirira como consequencia natural de suas proprias condições de existencia, tendo como alimento principal e habitual a carne — o churrasco ou o xarque — a produção agricola, pequena que fosse, abundava aos olhos de observadores inexperitos, sobretudo em confronto mentalmente estabelecido com regiões menos felizes e que não davam como a capitania do extremo-sul a apparencia da fartura constante, na constante saciedade dos seus habitantes, bem faceis de contentar. Na verdade, porem, a lavoura se restringia ás chacaras em torno dos centros mais habitados.

O „bando“ de d. Diogo de Souza, em 1810, mandando conceder, a despeito dos abusos verificados, novas terras aos estancieiros, com tanto que as dedicassem á agricultura, é positivo indicio do abandono em que esta vivia. Apesar das extensões enormes de seus dominios, está-se a vêr que nenhuma ou insignificante parte delles destinavam os estancieiros á lavoura. Era, ao menos, essa, a regra geral a deduzir, logicamente, da providencia adoptada por d. Diogo.

Melhor, porem, do que quaesquer outras considerações, melhor do que todas as illações que se poderiam tirar de um conjunto de observações que logo se impõem ao espirito, falará a prova documental que, no caso, nos pode offerecer a estatistica. E aqui nos são de auxilio verdadeiramente inestimavel os quadros estatisticos que enriquecem e documentam as já citadas „Memorias economo-politicas“, de Gonçalves Chaves. Um desses quadros é constituido por um „Mappa comparativo das Exportações das Praças de Porto Alegre e do Rio Grande, em 16 annos consecutivos de 1805 até 1820.“ Nelle, pôde-se dizer, um unico produto agricola contribúe apreciavelmente para o total das exportações: o trigo. Um outro se menciona

⁹⁾ Oliveira Lima. Obra cit. Vol. I. Cap. III; pag. 112.

— a cevada — mas esporadicamente e com quantidades insignificantes: 36 alqueires em 1811, 62¼ em 1815 e 4.100 em 1820. As demais rubricas cabem todas á pecuaria: couros de boi, xarque, chifres, sebo, que são as principaes, barris de carne, graxa, couros d'egua e cabello.

Noutro capitulo, as „Memorias“ reproduzem, mais especificadamente, os „Mappas da Exportação das Produções da Fronteira do Rio Grande e seus preços.“ Vão esses mappas de 1816 a 1822. Ainda ahi predominam em absoluto — e quasi diriamos exclusivamente — os produtos da pecuaria. Representando a agricultura, só encontramos nelles o trigo que, nos ultimos annos se reduz a quantidades cada vez menores, numa decadencia rapida e impressionante. Em 1819, apparece uma exportação de alpiste, com o total de 354 alqueires e o mesmo produto encontramos com a insignificancia de 20 alqueires em 1820, 102 em 1821 e 183 em 1822. A „erva de mate“ apparece em 1820 com 5.682 arobas exportadas para Montevideo, subindo essa quantidade para 39.468 no anno seguinte, com o mesmo destino, para elevar-se, ainda mais, em 1822, já então com saída para Buenos Aires e Colonia, além de Montevideo, num total de 92.119 arrobas — quantidade, essa mesma, aliás, não muito de impressionar.

Não nos parece se possam arguir as estatisticas de Gonçalves Chaves de possível omissão em relação á agricultura. Si elle menciona o alpiste e a cevada, com quantidades insignificantes, não ha razão para crêr deixasse de incluir em seus quadros outros produtos, que alcançassem proporções mais apreciaveis. A realidade é que nada mais havia para exportar.

E mais que isso: mesmo de alguns produtos que varios escriptores citam como cultivados em abundancia no Rio Grande do Sul, a esse tempo, não se colhia nem sequer o necessario para o consumo interno. Prova-o, de maneira irrefutavel, a importação que delles se fazia. Eis, por exemplo, um breve quadro da importação de farinha e arroz, nos annos de 1816 a 1822:

Annos	Alqueires de farinha	Alqueires de arroz
1816	34.619	5.060
1817	40.704	4.816
1818	48.529	4.976
1819	34.232	3.378
1820	2.201	6.621
1821	18.632	5.222
1822	34.997	4.530

Idêntico quadro se poderia reproduzir com relação ao fumo, ácerca de cuja produção — em realidade só muitos decennios depois definitivamente implantada no Rio Grande — não poucos escriptores se deixaram illudir pela famosa remessa de dez barricas de tabaco Virginia, enviadas pelo governador Paulo José da Silva Gama a S. A. Real, por intermedio do visconde de Anadia e pelas „instrucções“ sobre tal cultura baixadas em 1805.

Mas ha mais. Em 1820, para não estender fastidiosamente a investigação a annos anteriores, importavamos, embora em quantidades pequenas, milho, feijão e até amendoim, de Santa Catharina, farinha de trigo, do Rio de Janeiro e Paranaguá.

Assim, o que existia no Rio Grande, embora dando prova do que seriam as nossas possibilidades futuras e da fertilidade da terra pela adaptação ás mais variadas culturas, eram pequenas plantações, aqui e ali, sobretudo chacaras junto aos centros populosos, mais para consumo do proprio plantador e sua familia, do que para objecto de amplo commercio, que, em todo caso, seria apenas local.¹⁰⁾

* *

*

Uma unica excepção aceitamos antes e aqui cumpre amplial-a: a do trigo. Essa é a unica realidade tangivel que

domina o supposto desenvolvimento da agricultura no periodo que decorre da vinda dos açorianos á independencia. Prova-o, ainda aqui, a exportação que, de 1805 a 1820, accusa estas cifras:

Annos	Alqueires	Annos	Alqueires
1805	136.825	1813	342.087
1806	87.755	1814	270.349
1807	140.338	1815	288.447
1808	257.308½	1816	279.621½
1809	154.038½	1817	133.359
1810	190.545	1818	76.395
1811	205.534¼	1819	121.542
1812	213.928¼	1820	109.608½

E' bom não esquecer que as quantidades ahi se exprimem em alqueires. Alfredo Varela, inserindo no seu livro „Rio Grande do Sul“ um quadro da produção de trigo, tambem no periodo de 1805 a 1820, dá como anno de maior rendimento dessa cultura, o de 1816, com 388 mil alqueires equivalentes a 14.702.760 litros.¹⁰⁾ A cifra pôde impressionar a quem não esteja habituado a lidar com estatísticas do genero. Convem saber, porem, que, em nossos dias, basta para superal-a tão sómente a produção do municipio de Alfredo Chaves, que alcançou, na safra de 1921-22, a nada menos de 15.200.000 kilos. Reduz-se, assim, a bem modestas proporções a produção de trigo no Rio Grande, no começo do seculo passado, a despeito do muito que della se tem escripto.

Além de tudo, alcançado o maximo de rendimento, nos annos de 1813 a 1816, segue-se, de immediato, a decadencia que rapidamente se precipita. Depois de 1820, ella se aggrava até a annullação e o abandono completo da cultura do trigo. E', ainda, Gonçalves Chaves quem nos documenta a esse respeito:

¹⁰⁾ Alfredo Varela — „Rio Grande do Sul“; pag. 439.

„Desde o anno de 1814 — escreve elle — faz a ferrugem (alforra) nesta Provinciã mais ou menos estragos nas searas. Em 6 annos reduziu-se a exportação a menos de a metade, e em nove não há hum grão de Trigo para o consumo do Paiz e estamos gastando alguma farinha que os Americanos trazem, e pelo dinheiro que querem. Tem-se tentado em vão algumas receitas inculcadas como especiaes, para preservar da ferrugem: ella tem progressivamente augmentado os seus estragos em tal maneira que o anno corrente já os nossos lavradores de Trigo não semeiarão por não terem semente.“¹¹⁾

Fechava-se, assim, essa primeira phase da cultura do trigo no Rio Grande, e com ella, ao mesmo tempo, lamentavelmente se extinguia a nossa agricultura. Que esta houvesse tido, antes, periodos de grande desenvolvimento parece-nos, como deixamos exposto, muito duvidoso, maximé quando já em 1787 se encontram acenos aos obstaculos que lhe impedem o florescimento. Nesse anno, com effeito, o governador Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara escrevia, tratando das condições da capitania para a lavoura: „O terreno é muito fertil e os habitantes muito habeis para a mesma agricultura, mas muito necessitados e desanimados pela grande quantidade de generos que lhes tem tirado a fazenda Real, sem se lhes pagar, e que por isso os tem animado com segurar-lhes que daqui em diante lhes não ha de tirar senão com o dinheiro á vista, e que fica nesta resolução.“¹²⁾ Apezar, porem, da „segurança“ e da „resolução“, a situação permaneceu a mesma. E as palavras de Xavier da Veiga confirmam e reforçam, com um argumento novo, o que haviamos exposto sobre as causas que, a nosso vêr, se oppunham ao supposto grande desenvolvimento da agricultura no Rio Grande, no periodo que estudamos, e que as estatisticas reproduzidas mostram, em realidade, não haver existido, ao menos, nas proporções que se lhe querem attribuir.

¹¹⁾ Gonçalves Chaves — „Memorias economo-politicas“. Quinta memoria; cap. VI; § 5.º

¹²⁾ Publicações do Archivo Publico Nacional. Citado pelo sr. Aurelio Porto em seu estudo „A Real Feitoria do Linho Canhamo“, na Revista do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul. Anno II; IV trimestre.

De qualquer modo, porem, e mesmo aceitando o ponto de vista dos que sustentam these contraria, si esse florescimento existiu já delle não restava no começo do seculo XIX outro traço sinão o de limitada cultura do trigo e esse mesmo se extingue, se apaga de todo, antes da independencia. Essa é a conclusão a que obrigadamente chega o dr. Florencio de Abreu e Silva, em seu excellente „Retrospecto Economico e Financeiro do Rio Grande do Sul“, quando escreve: „No anno da nossa emancipação politica, essa polycultura estava em completo abandono. A Real Feitoria, (reflectindo, aliás, o que acontecia em toda a Provincia) fôra transformada, por um certo padre Cruz, numa grande fazenda de criação.“¹³⁾

Era, pois, em terras de que a agricultura se podia considerar totalmente banida, que se ia iniciar a colonisação allemã, em 1824. Ella ia marcar, como, com acerto, assignalou o conselheiro Camargo, o inicio de uma nova época.

¹³⁾ Florencio C. de Abreu e Silva. „Retrospecto Economico e Financeiro do Rio Grande do Sul. 1822—1922“. Parte III. Cap. III: pag. 264.

Capítulo II

AS PRIMEIRAS TENTATIVAS DE COLONISAÇÃO

Um decreto do príncipe regente d. João — Um projecto de immigração chinesa — Fundação de Nova Friburgò pelos colonos suíços — A vinda dos primeiros colonos allemães para o Brasil — A Real Feitoria do Linho Canhamo — Obstáculos creados pelo brigadeiro Pinto Bandeira ao seu desenvolvimento — Administradores ineptos ou rapaces — O abandono em que se achava a Feitoria — A transformação desta segundo um projecto de José Thomaz de Lima.

„Na America, governar é povoar. Definir de outro modo o governo, é desconhecer sua missão sul americana. O governo recebe esta missão da necessidade que representa e domina todas as demais em nossa America.“¹⁴⁾

Ainda em nossos dias, a profunda verdade do aphorisma nesses precisos termos enunciado por Juan B. Alberdi domina toda a nossa realidade economica. Alguns decennios antes, porém, que o formulasse o notavel pensador argentino, já ao governo esclarecido de d. João VI se patenteava a flagrante necessidade que elle resume. Entre as iniciativas desse fecundo governo — tão fecundo que não se repetiram com muita frequencia, na historia de nossa administração, periodos que o excedessem ou egualassem — não faltou a de encaminhar para o Brasil, a immigração estrangeira, européa sobretudo. No

¹⁴⁾ Juan B. Alberdi — „Selección de pensamientos“, publ. por „El Hogar“.

proprio anno da chegada ao Brasil, em 25 de Novembro de 1808, o principe regente baixava o decreto seguinte:

„Sendo conveniente ao meu real serviço e ao bem publico augmentar a lavoura e a população que se acha muito diminuta neste Estado; e por outros motivos que me foram presentes: Hei por bem que aos estrangeiros residentes no Brasil se possam conceder datas de terras por sesmarias, pela mesma forma com que, segundo as minhas ordens, se concedem aos meus vassallos, sem embargo de quaesquer leis ou disposições em contrario.“

Nos annos seguintes, em mais de uma iniciativa se evidenciou o interesse do governo de d. João pela immigração européa para o Brasil. Por esta, com rara clarividencia, ao mesmo tempo que demonstrava os males gravissimos da escravidão, pugnava pelas columnas do *Correio Braziliense*, Hyppolito da Costa.¹⁵⁾

Mas, em materia na qual tanto temos errado, cedo começaram os desacertos cujas consequencias havia de vir a soffrer o Brasil. Do mais grave com que a esse tempo se nos ameaçou, felizmente nos livramos. Oliveira Lima nos fala, com effeito, de um projecto de colonisação chinesa que o conde de Linhares acariciára, e com o qual se propunha ir preparando a substituição do elemento servil, cuja importação as medidas da Inglaterra para a suppressão do trafico, ameaçavam, já então, tornar impossivel.¹⁶⁾ Estivemos, assim, a pique de repetir o erro que representou a introdução do negro na America, para libertar do captivo, a que nem por isso escaparam, os indigenas. O do conde Linhares, porém, seria de consequencias etnicas e economicas, muito mais funestas, pois que o encaminhamento de uma forte corrente immigratoria chinesa para as nossas terras, dellas arredaria, fatalmente, o trabalhador europeu.

Ainda o mesmo historiador refere a passagem pelo porto de Lisboa, assinalada pelo consul geral francez Lesseps, de

¹⁵⁾ Oliveira Lima — O movimento da Independencia. Pag. 80.

¹⁶⁾ Oliveira Lima — D. João VI no Brasil.

duas fragatas napolitanas, a bordo das quaes se transportavam para o Brasil, destinados ao trabalho dos campos, uns duzentos homens colhidos dentre a escoria das galés de Napoles e cujo destino final nos é totalmente ignorado.

Em 1818, porém, se faz, finalmente, uma tentativa mais seria. Estabelecidas relações diplomaticas entre o reino do Brasil e a Confederação Suissa, recebia o governo do Rio, no anno citado, uma sollicitação do cantão de Friburgo para o estabelecimento de algumas familias suissas no Brasil. Acolhendo, prazenteiro, o valioso offerecimento, d. João VI tratou, solcito, de facilitar a execução da proposta. Por decreto de 6 de maio de 1818 mandou comprar a fazenda do Morro Queimado. Pertencia ella a monsenhor Almeida e era formada de quatro sesmarias de Cantagallo, na provincia do Rio de Janeiro, tendo-a pago o governo 10:468\$000.

Na mesma data, outro decreto commettia ao Ministro dos Negocios do Reino a incumbencia de organisar e dirigir a fundação da colonia que se resolvia crear, attendendo á faculdade nesse sentido solicitada pelo cantão de Friburgo e visto ter S. Magestade — dizia o decreto — „determinado promover e dilatar a civilisação do vasto Reino do Brasil, o qual não podia rapidamente progredir sem o auxilio e accrescimento de habitantes affeitos aos diversos generos de trabalhos com que a agricultura e a industria costumam remunerar os Estados que as agazalham.“

Desta vez, o elemento humano, embora deixasse a desejar pela sua composição, em avultada proporção constituida de mulheres, velhos e crianças, podia considerar-se bom. Mas teria de lutar contra a má escolha da região em que iam localisalo: montanhosa, privada de communicações e, assim, difficilmente accessivel. Mesmo em taes condições, porém, a colonia do Morro Queimado visivelmente prosperou, como o attesta o alvará que em 3 de janeiro de 1820 a erigiu em villa, com a denominação de Nova Friburgo. Nesse mesmo anno chegavam mais 1682 colonos suissos.

Os acontecimentos que precederam e acompanharam o movimento da independencia fizeram, porem, interromper essas primeiras tentativas de colonisação. E foi só em 1824 que o pro-

blema voltou a ser abordado, iniciando-se, verdadeiramente, nesse anno, a corrente mais ou menos regular de immigração européa no Brasil.

* *

*

Procura-se, agora, uma nova colonisação: a allemã. Ao contrario, porém, de uma supposição muito generalisada, o governo imperial não tem em mira encaminhal-a exclusivamente para o Rio Grande. E' certo que em 31 de março de 1824, o governador da provincia, José Feliciano Fernandes Pinheiro recebe uma ordem imperial, pela qual se mandam preparar as terras da Feitoria do Linho Canhamo, para nella estabelecer uma colonia de allemães.¹⁸⁾ Mas é ainda para a colonia de Nova Friburgo que se voltam, de preferencia, as vistas do governo do Rio de Janeiro. Não deixa duvidas, a respeito, o decreto de 20 de abril de 1824, que dispondo sobre a colonisação allemã, dizia:

„Tendo determinado que os colonos allemães que se acham na Armação da Praia Grande partam a estabelecer-se em Nova Friburgo; e considerando que, emquanto se lhes não distribuirem terras para cultivarem e se lhes não proporcionam outros meios indispensaveis de poder empregarem-se alli vantajosamente, convem liberalizar-lhes o mesmo subsidio que se concedeu aos suissos, quando foram estabelecer-se em a dita villa de Nova Friburgo, dando-se-lhes por cabeça, no primeiro anno, a quantia de 160 réis diarios e, no segundo, a de 80 réis, tambem diarios, não entrando as creanças menores de 3 annos. Hei por bem que, pelo Thesouro Publico se entregue, por prestações mensaes ao sargentomór, actual director da mencionada villa, Francisco de Salles Ferreira e Souza, emquanto se achar incumbido de arranjo e direcção destes colonos, as quantias necessarias para a satisfacção dos referidos subsidios por

17) Officio de José A. Fernandes Pinheiro ao ministro Luiz José de Carvalho e Mello, de 22 de Abril de 1824. Documentos do Archivo Historico do Estado.

dous annos, devendo o mesmo director entender-se directamente com o mesmo Thesouro Publico apresentando-lhe regularmente mappas circumstanciados dos colonos existentes, bem como todas as contas concernentes a este objecto.“

Affirma-se que os primeiros colonos allemães chegados a Friburgo eram uns duzentos, entre homens, mulheres e crianças. Não se pode ter duvida, acerca desta ida de colonos allemães para tal ponto, em 1824, em face dos detalhes que a respeito se conhecem.¹⁸⁾ Estes nos narram minuciosamente o itinerario dos recém-chegados. Monsenhor Miranda, o encarregado da colonisação, acompanhou-os da Praia Grande até Macacú, onde os entregou ao coronel Manoel dos Santos Portugal que os levou até a fazenda do Collegio; no terceiro dia pousaram na povoação de Sant'Anna; no quarto caminharam até o trapiche do coronel Francisco Ferreira da Cunha, onde descansaram um dia „tanto em attenção ao máo caminho da Serra como para terem tempo de arranjar suas bagagens.“ „Ahi os esperava o Director da Villa de Nova Friburgo, o sargento-mór Francisco de Salles Ferreira, encarregado de dirigir

18) As duvidas a que alludimos poderiam originar-se do facto seguinte: o Serviço do Povoamento organizou um quadro do „Movimento immigratorio no Brasil de 1820 a 1920“, o qual vem reproduzido no Diccionario Historico, Geographico e Etnographico Brasileiro, organizado pelo Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Esse quadro dá como tendo entrado no Brasil, em 1824, apenas 126 colonos. Ora, 126, como adiante veremos, foram só os allemães que nesse anno chegaram ao Rio Grande do Sul. E os que se dirigiram a Nova Friburgo?

Facilmente, porém, se verifica a origem do engano. Em nota ao quadro citado, o organisador faz observar que a cifra referente ao anno de 1824, foi colhida no parecer de J. Candido Gomes sobre a mensagem do ministro da Prussia, referente á colonia de São Leopoldo, em julho de 1863. Consultamos esse parecer, referente á famosa questão de terras que determinou a intervenção daquelle ministro, e do qual existe copia no Archivo do Estado. Verificamos, assim, que J. Candido Gomes dá a cifra dos colonos entrados no Rio Grande do Sul, sem cogitar, em absoluto, dos que se dirigiram para outros pontos do paiz. O erro existente no quadro do Serviço de Povoamento resulta de se haver, portanto, tomado pelo todo, o que era, apenas, parte.

a viagem até ao seu termo, dando ainda uma vez descanso aos colonos no *Registro debaixo* e no lugar denominado Corrego — o primeiro no meio da Serra, e o segundo a uma legoa de Friburgo.¹⁹⁾ Levava, assim, dias, uma viagem que é, hoje, de horas.

Nos contratos com os colonos destinados a Nova Friburgo apparece, como encarregado do governo imperial, o mesmo famigerado major Schaefer cujo nome figura, por varios annos, nos contratos com os immigrants encaminhados para o Rio Grande. E da mesma Armação da Praia Grande, donde saíram os primeiros colonos allemães destinados a Nova Friburgo, poucos dias depois partiria outra leva em demanda do extremo sul do paiz.

E' que o governo imperial se lembrára, afinal do estado de ruína e de abandono em que jazia a Real Feitoria do Linho Canhamo e decidira dar melhor destino áquellas terras.

* * *

Como em regra, de tudo quanto diz respeito aos primeiros tempos de nossa historia, é, ainda, muito pouco o que de preciso sabemos das origens e vida da Real Feitoria do Linho Canhamo.

Fora ao tempo do marquez de Pombal, „tempo em que — commentava, saudoso, Gonçalves Chaves — se olhava para as cousas grandes e de utilidade publica, com a devida attenção,²⁰⁾ que se decidira fundar a feitoria. Escolheu-se, para installal-a o lugar denominado Cangussú, á margem do rio dos Sinos. Logo, porém, serias difficuldades lhe embaraçaram a existencia. E as vicissitudes foram de tal ordem, que a almejada cultura do linho canhamo, embora no anno de maior prosperidade se chegassem a colher 40 quintaes daquelle, jámais chegou a estabelecer-se com caracter de definitiva continuidade. Tanto assim que, em começo do seculo passado, já se podia considerar de todo mallograda a tentativa.

Divergiam as opiniões, apenas, quanto á causa do fra-

¹⁹⁾ Jornal do Commercio. Edição commemorativa do 1.º centenario da independencia do Brasil. Anno 1824; pag. 35.

²⁰⁾ Gonçalves Chaves — op. cit. Quinta Memoria. Cap. II, § 3.º

casso, que o vice-rei d. Luiz Vasconcellos e Souza, alheio às condições do meio, attribuia á indolencia dos colonos. Mas não era do mesmo parecer o capitão-general d. Diogo de Souza, o qual em correspondencia ao vice-rei, atirava a culpa á Fazenda Real: „Quanto a mim — dizia o futuro conde de Rio Pardo — o maior obstaculo á cultura do canhamo, é, como parece V. Ex. estar instruido, a falta de pagamento aos lavradores, em a dependencia delles com a Fazenda Real.“²¹⁾

Para Gonçalves Chaves, a responsabilidade inicial do desastre deve inculpar-se ao brigadeiro Rafael Pinto Bandeira, ao tempo da fundação da feitoria governador interino da capitania: „hum commandante no Brasil, como Rafael Pinto, — escreveu aquelle — he bastante para não deixar prosperar cousa alguma.“²²⁾

Com effeito, desde o inicio, os administradores da Feitoria tiveram de lutar contra a má vontade do brigadeiro. O primeiro delles um tal Fachina, acabou fugindo: „largou tudo por mão, e não parou, se não em Lisboa.“ Pode-se avaliar dahi o temor que lhe haviam incutido as ameaças de Rafael Pinto Bandeira com o qual logo se incompatibilisara. Ainda assim, pouco depois, vemos voltar esse mesmo Fachina, que, ao parecer, devia ser muito entendido na cultura do canhamo, acompanhando o novo administrador padre Francisco Xavier Prates. Este pouco pôde fazer e tanto o desgostaram as difficuldades que preferiu retirar-se, indo, desse modo, a administração da Feitoria parar, de novo, ás mãos de Fachina. Estava escripto, porém, que o pobre homem não havia de ter sorte no cargo: morreu sem ver progredir a empresa a que se dedicára.

„Por morte deste Fachina — informa-nos, ainda, Gonçalves Chaves — veio o Ajudante de Milicia, Francisco Xavier da Cunha Pegado, homem de bastante capacidade para aquelle

21) P. J. B. Hafkemeyer, em „A conquista portugueza do Rio Grande“, no Anuario do dr. Graciano de Azambuja para 1912, cita essa correspondencia, mencionando a fonte (Revista do Inst. Hist. Bras. 1878) que não nos foi possível consultar.

22) Gonçalves Chaves — op. cit. Quinta Memoria. Cap. II, § 3.º

emprego; mas o dito Rafael Pinto tão máos tratos lhe fez, não obstante as recommendações, que Pegado largou a Feitoria.“

Foi o estabelecimento, então, já no governo do chefe de esquadra Paulo José da Silva Gama, o futuro barão de Bagé, transferido para o chamado Fachinal do Corita, á margem do mesmo rio dos Sinos. Nem por isso melhorou o destino da Feitoria: o que começára mal, pessimamente ia continuar

Aos primeiros administradores, pouco felizes, iam succeder-se outros, incapazes ou deshonestos. E essa causa que, nem d. Diogo de Souza, nem d. Luiz de Vasconcellos, tomam em conta, foi, talvez a que mais decisivamente concorreu para tornar definitivo o fracasso.

Entregue a direcção a um certo padre Cruz, a feitoria, embora conservando a designação originaria, se foi convertendo em uma vasta fazenda de criação de gados, emquanto a cultura do linho e canhamo, cada vez menos cuidada, ia a caminho de crescente e total abandono. A ruina se completou, com o successor do padre Cruz, „hum tal Frota — diz-nos o autor das „Memorias economo politicas“ — que trazia privilegio de roubar tudo quanto houvesse na Feitoria, huma vez que repartisse, e com effeito conseguiu dar cabo de quasi todos os productos escapando-lhe os negros e o terreno, para o que lhe não chegou o tempo, por causa de sua morte prematura.“²³⁾

Pode-se avaliar das condições em que o novo administrador receberia o estabelecimento. Era esse, porém, homem de boa vontade, que mais adiante havemos de encontrar como primeiro director da colonia allemã de São Leopoldo. José Thomaz Lima, nomeado inspector da Feitoria Nacional do Linho-Canhamo — como elle denomina, em documento official, o estabelecimento — esforça-se por melhorar a situação deste que „no Estado em que o achei quando delle tomei conta — diz — não era capaz senão de cauzar perjuizos.“

Não foi muito o que conseguiu e, em 1822, num documento interessantissimo, traçando um quadro pouco animador do que era a Feitoria, propunha, esclarecidamente, a sua radical

²³⁾ Gonçalves Chaves — op. cit. Cap. II, § 3.*

transformação num centro de actividade agricola-pastoril. Nem o gado de que o padre Cruz povoára a Feitoria encontrou mais José Thomaz de Lima.

„Achei a escravatura — informa o inspector — sem ter q. vestir, e nem ao menos plantação de algodão; para se tecer e vestilos; agora pois com o cuidado que tenho tido fiz alguma plantação deste genero, e continuo a fazela de sorte q. este anno já colhi cem arrobas q. se tem tecido, e se vai tecendo, e distribuindo pelos mais precizados, espero q. no anno q. vem haja p.^a sima de mil arrobas, e q. chegue p.^a vestir abundantemente a todos; isto só não basta, era preciso meterem-se na Fazenda dois outros rebanhos de Ovelhas, q. montassem todos pelo menos a mil e quinhentas; para da lã se tecerem ponches, e vestuario proprio p.^a o inverno p.^a a Escravatura; pois q. he mui deffícil rezistir a esta rigorosa estação tão mal vestidos como actualm.^{te} elles estão.“²⁴⁾

Mas não é só a carne que escasseia e o algodão que falta. Podendo preparar de 400 a 500 arrobas de linho, apenas se acham, no referido anno, „80 arrobas entre Linho e Estopa promptas.“ A Feitoria mesmo em taes condições e, apesar da exiguidade do numero de trabalhadores escravos, talvez „não dê desfalque, e sim vantagem.“ Mas, para chegar a essa conclusão o inspector tem de computar na receita, „a Escravatura q. está em differentes serviços, q. a não os haver seria percizo pagar-se-lhes; as armas q. se achão alugadas, etc. etc.“

Isso, porém, que é, comparado com o que se poderia obter daquellas terras feracissimas, mas pouco adequadas á cultura do linho ali tentada? E José Thomaz de Lima, feitas varias considerações, formula, afinal, a sua proposta, traçando o quadro do que da Feitoria Nacional pensa poder obter-se. Extensa embora a transcrição, vale a pena lêr essa parte final do interessantissimo documento:

„A Feitoria com os adjutorios q. aponto e com dois Feitores Brancos; póde, não digo no primeiro anno, mas no segundo produzir não só algodão necessario p.^a a vestimenta da Escravatura; mas sobrar de duas a tres mil arrobas ou para

²⁴⁾ Officio de José Thomaz de Lima, de 12 de Junho de 1822 — Documentos do Archivo Historico do Estado do Rio Grande do Sul.

se vender, ou para se fazer tecer; produzir a farinha necessaria para a mesma e sobrar, para mais de metade do municio da Trópa, milho, feijão, trigo, & & e sobrar muito; muitos coiros excedentes do gasto da Fazenda, que se podem ou vender, ou fazer curtir, pois q. ella tem cortume; Madeiras, Lenhas, Telha, & & he verdade q. para ella chegar a este ponto, he percizo abandonar a cultura do Linho, e empregar toda a Escravatura nestes serviços; não he da minha mente fazer persuadir, q. se abandone a plantação do Linho Canhamo; mas só fazer vêr o producto q. se tira plantando-o, e o q. se póde tirar não o plantando; muito especialmente não sendo as terras, mesmo as q. agora se escolherão, inda q. melhores, muito boas para semelhante cultura, e aliás excellentes para as demais.

„Queirão V. Ex.^{as} fazer comparar as despezas percizas para se povoar a Fazenda com trez ou quatro mil rezes; q. se póde aproveitar para este effeito o gado q. haja do confisco; 400 a 500 Egoas com os competentes Pastores; 1500, a 2000 ovelhas; com o fructo annual q. se deve tirar quer no cazo da plantação do Canhamo, como assima digo, quer no segundo cazo; especialmente visto q. depois della assim povoada; nada se gasta com Escravatura, nem costeo da Fazenda, e todo o remanescente he lucro; em bem poucos annos ficará amortizada esta despeza, e lucrando a Fazenda Nacional constante.”

Apresentavam-se claras e seguras ao espirito do inspector da Real Feitoria as possibilidades do vasto estabelecimento. Mas dominado pela estreiteza das idéas do tempo, afeito á economia alicerçada exclusivamente sobre a base do elemento escravo, faltava-lhe descortino para antever o que daquellas terras se poderia obter em outro regimen de trabalho: o do trabalho livre.

Os colonos allemães, que começariam a chegar dous annos depois, iam demonstral-o, com a mais fulgurante evidencia.

Capítulo III

A FUNDAÇÃO DA COLÔNIA DE SÃO LEOPOLDO

A chegada das primeiras levas de imigrantes — Como eram ellas compostas — Os soffrimentos dos imigrantes durante a viagem — Vantagens offerecidas pelo governo imperial aos colonos — As difficuldades na installação destes A construção das casas para os recémchegados — Os máos elementos que perturbam a existencia da nascente colônia de São Leopoldo — „Solteiros“ e „voluntarios“ . . . — A suspensão do pagamento dos subsidios — Consequencias a que isso dá lugar — A ameaça dos indios — Sangrentas incursões dos bugres — Apesar de tudo, a colônia consegue prosperar.

A 18 de Julho de 1824, ancorava no porto de Porto-Alegre o bergantim „Protector“. A seu bordo, haviam viajado, desde o Rio de Janeiro 38 pessoas — homens, mulheres e creanças — de nacionalidade allemã. Eram os primeiros colonos dessa nacionalidade destinados pelo governo imperial ao povoamento das terras da Fazenda do Linho Canhamo.

Recebidos pelo presidente da provincia, José Feliciano Fernandes Pinheiro, poucos dias depois eram encaminhados a seu definitivo destino e a 25 de julho de 1824 desembarcavam no Passo do Rio dos Sinos.²⁵⁾

25) Houve duvidas quanto a esta data, escrevendo-se que os primeiros colonos chegaram á Feitoria, no mez de junho. O dr. Eduardo Duarte, em carta dirigida á imprensa e amparado num officio de José F. Fernandes Pinheiro, dissipou essa duvida. E' curioso assignalar que Carlos von Koseritz, num valioso „Relatorio da administração central das colonias da Provincia“, que apresentou como „agente interprete da colonisação“, dá como data de chegada dos primeiros colonos o dia 25 de julho de 1825. E' evidentemente um engano.

Não tardaram a ir juntar-se-lhes, mais cinco colonos que haviam ficado retidos no Rio, e que a Porto Alegre chegaram na *sumaca* „São Francisco de Paula“. Perfaziam assim o total de 43, numero que se tem attribuido á primeira leva de imigrantes allemães. Entretanto ha, em velhos documentos, a affirmativa de que os recém-chegados eram 45 e um quadro estatistico em que se demonstra o „Estado primitivo da colonia de S. Leopoldo, com as entradas em differentes epochas desde 1824 a 1830 inclusive“, ²⁶⁾ diz-nos que estes se dividiam em 10 familias, com 41 membros e mais quatro solteiros. Predominavam, no elemento masculino, os agricultores. Mas havia, tambem, entre os chefes de familia, dous marceneiros e um encadernador, e, entre os solteiros, um padeiro e um alfaiate.

A 6 de Novembro chegava a segunda leva, composta de 81 pessoas. Havendo accordo quanto ao total, tambem aqui divergem as informações em relação ao numero de casaes e de solteiros. Segundo uns, as familias eram 15 com 66 pessoas; segundo outros, inclusive o quadro estatistico já mencionado, eram 16 com 68 membros. Os solteiros são respectivamente fixados em 15 ou 13.

Ainda nesta segunda leva, os agricultores predominavam, mas muitas outras profissões estavam nella representadas: havia nada menos de quatro jardineiros, dous marceneiros, dous commerciantes, dous selleiros, dous carreteiros, um alfaiate, um pintor e até um ourives! Nem estes dous ultimos, nem aquelles dous commerciantes seriam dos elementos mais apropriados para os rudes trabalhos da terra que o inicio da colonisação ia exigir. E não é ousado conjecturar que só os azares da fortuna adversa os tivessem impellido á aventura de vir procurar no solo viçoso da America uma vida nova em que esperavam encontrar compensação para os soffrimentos que na patria de origem se lhes haviam, de certo, deparado.

Completavam o grupo um pharmaceutico, Richtammer, de Württemberg, um pastor protestante, João Ignacio Ehlers, que muito daria que falar de si, como causa de dissidios no seio da colonia, e dous medicos: Carlos Godofredo Ende, da

²⁶⁾ Documentos do Archivo Historico do Estado. Vide pag. 241.

Saxonia, e João Daniel Hillebrand, de Hamburgo, que, por longos annos, se tornaria a figura de maximo relevo entre a população de origem germanica. Ao todo, os entrados no anno de 1924, no Rio Grande do Sul, attingiam a 126. 27)

Antes de chegar á terra que se lhes havia de afigurar a da Promissão, a longa viagem lhes deparara interminaveis soffrimentos. Os que vieram na sumaca „São Francisco de Paula“ queixavam-se de que o mestre e proprietario desta, na viagem do Rio de Janeiro a Porto Alegre, „os tratara com mesquinhez e miseria como a escravos vindos da Costa d'Africa“. 28)

Mas não se fazia em melhores condições a viagem trans-oceanica. Um dos colonos chegados em 1828 fez da travessia impressionante narrativa. 29) Cerca de tres semanas levaram os emigrantes em carreta, da Provincia Rhenana ao porto de Bremen, onde deviam embarcar. Ahi, depois de uma espera de 14 semanas, acharam navio que os trouxesse ao Brasil: um veleiro de tres mastros, já bastante velho. Além da tripulação, nelle foram embarcados 875 passageiros. E' facil avaliar com que commodidades viajariam esses infelizes. Quanto ás condições sanitarias de bordo, demonstra-as expressivamente o facto de haverem morrido durante a travessia cincoenta pessoas. Isso, porém, não deve ter parecido demasiado extranho ao autor da narrativa, que philosophicamente observa: „Apezar de ter corrido relativamente bem a viagem, vieram a fallecer 50 pessoas, mas tambem nasceram 50, de maneira que não soffreu alteração o numero de passageiros com que saimos da Europa.“

Durára a viagem 14 semanas; outras tantas esperaram os recém-chegados no Rio por uma embarcação que os trouxe dali a Porto Alegre em 14 dias. Quando, afinal, puderam chegar ao Rio dos Sinos, havia já quarenta e nove semanas que tinham abandonado seus lares.

* * *

27) Confrontar esta cifra com a de que se fala na nota 18, cap. II.

28) Officio de José F. Fernandes Pinheiro, de 18 de Agosto de 1824. Documentos do Archivo Historico do Estado.

29) Encontramos essa narrativa na publicação „O municipio de São Leopoldo no anno do 1.º centenario da independencia do Brasil“, do sr. Leopoldo Petry, que informa havel-a reproduzido de um fasciculo publicado em 1899, cujo titulo não cita.

Mas o termo da viagem marcava, apenas, o início de uma rude existência de penosos trabalhos, de não poucos soffrimentos nos primeiros annos e, aggravados, ainda, nesses remotos tempos, por certos perigos.

As condições que o governo imperial fazia aos colonos eram liberaes. Detalhadamente as especifica um documento do consulado do Brasil na cidade de Bremen.³⁰⁾ Além da viagem paga e de „serem admittidos como Cidadãos Brasileiros“, os colonos gosariam das vantagens seguintes:

„1.^a Terreno — Receberão como propriedade livre, um terreno de 400 a 600 braças, ou mais conforme o tamanho das familias, parte em campo, terra para a lavoura, e parte em Matos.

2.^a Gado — Receberão igualmente como propriedade livre e em proporção ao tamanho das familias, Cavallos, Vaccas, Bois, Ovelhas, Porcos, Gallinhas, &.

3.^a Subsídios — No primeiro anno receberão diariamente a quantia de um franco (160 rs.) e no segundo a metade (80 rs.).

4.^a Direitos — Durante os primeiros 10 annos, serão isentos a pagar direitos, tanto de seus rendimentos como de Serviços pessoaes ao Estado.

Ainda se deve notar que os Colonos receberão gratuitamente, e como propriedade livre, sem com tudo nada poder alienar nos primeiros 10 annos, findo este prazo poderão dispor do mesmo como bem lhes convier; e pagarão o decimo do producto das suas terras.“

A essa brilhante miragem não correspondia, porém, desde logo, a realidade tangivel. Chegados ao Rio dos Sinos os primeiros colonos, ali se ia arranchando, provisoriamente, cada familia na velha Feitoria, pois — informava o presidente da Provincia no já mencionado officio de 23 de julho de 1824 — „ainda por ora não lhes são demarcadas as quatrocentas braças de terreno, em observancia da imperial Ordem, pois que ainda

³⁰⁾ Documentos do Archivo Historico do Estado — „Condições que o governo de S. M. o imperador D. Pedro I estipulou com os colonos allemães“.

não foi possível verificar a Medição Geral da Fazenda, por cauza das immanças aguas do inverno, que tornam intranzitaveis alguns lugares dellas.“ Em novo officio de 18 de Agosto de 1824, se informa: „como melhorou a estação invernoza, partirão os officiaes competentes para verificarem a medição de todas as Fazendas, e ser então dividido o terreno em datas.“³¹⁾

E ainda os primeiros chegados foram felizes porque não se demorou muito a dar-lhes a necessaria installação. Com a vinda da segunda turma, as difficuldades crescem e o inspector da nascente colonia allemã de São Leopoldo — nome que, por proposta de José Feliciano Fernandes Pinheiro lhe fôra dado, em portaria de 22 de dezembro de 1824 — perplexo quanto á maneira de ir arranchando os novos colonos, pergunta ao presidente da Provincia onde quer que os installe, si á margem direita ou esquerda do rio.³²⁾ Como se vê, davamos, já cem annos atraz, evidentes e promissoras provas da imprevidencia que continuariamos a manifestar, atravez de todo um seculo, no referente á localisação dos immigrants recém-chegados á nossa terra...

Outro problema logo surgia, depois de feita a distribuição das „datas de terreno“: a construcção de casas para os colonos. Infelizmente, não se mostravam estes, desde logo, apparelhados para a tarefa que se lhes exigia. Muito diversas das da terra de origem eram as condições do ambiente para onde se viam transplantados; muito differentes dos trabalhos a que estavam afeitos — e vimos que entre elles havia não só agricultores, mas marceneiros, alfaiates, pintores e até um ourives — os que se lhes impunham, agora, em meio de uma natureza para elles desconhecida e, ás vezes, hostil.

Não surpreende, pois, que José Thomaz de Lima, o inspector da colonia, não divisasse nelles, como escrevia, geito para a construcção das casas. „Accresce, tão bem, — ponderava o inspector — o inconveniente de não conhecerem as

³¹⁾ Officio do presidente da Provincia José Feliciano Fernandes Pinheiro — Documentos do Archivo Publico do Estado.

³²⁾ Officio de José Thomaz de Lima ao presidente da Provincia em 16 de Novembro de 1824. Documentos do Archivo Historico.

madeiras.“³³⁾ E, afinal, foi necessario alugar gente para a construcção, porque „os colonos da maneira que trabalham nem em um anno acabarão os seus arranchamentos.“³⁴⁾

A ferramenta tambem tarda a chegar, embora o inspector não cesse de reclamar as necessarias remessas. Mas apesar de todas as difficuldades, os colonos vão trabalhando e a nascente colonia começa a produzir. As terras da antiga feitoria, em breve, estão inteiramente distribuidas. Em março de 1826,³⁵⁾ já não ha mais terrenos devolutos sinão na Serra Geral, aos fundos dos outros. Esses mesmos, porém, preferem os colonos a terem de seguir para a nova colonia que se estabelece em São Pedro de Alcantara das Torres.

Entretanto, nem todas as terras occupadas são bem aproveitadas. Ha colonos solteiros, de posse de excellentes lotes de terreno que não cultivam como deviam. José Thomaz de Lima chega a propor que se deem esses lotes a familias que melhor os aproveitem, entregando-se, em troca, aos seus possuidores outras terras „que não fossem tão boas.“

A proposta, porém, ao que parece não foi tomada na devida consideração. E as consequencias não tardaram a verificar-se.

* *

*

Nem só bons elementos, trabalhadores, honestos e tenazes, constituíam as primeiras correntes de immigrants allemães encaminhados para a nossa Patria. Pessimo fôra o processo adoptado pelo governo imperial para promover a immigração. Arborado em agente desta, o famigerado major Schaeffer, remunerado a tanto por cabeça, não era homem de severos escrúpulos, capaz de resistir á tentação do lucro maior. Pouco se lhe dava a qualidade, comtanto que avultasse a quantidade. Entregava-se elle, pois, desesperadamente, ao recrutamento de emi-

³³⁾ Officio citado, de 16 de novembro de 1824.

³⁴⁾ Officio de José Thomaz de Lima ao presidente da Provincia, em 5 de janeiro de 1825. Documentos do Archivo Historico do Estado.

³⁵⁾ Officio de março de 1826. Documentos do Archivo Historico do Estado.

grantes, sem indagar muito da sua origem, nem se preocupar com os seus antecedentes.

Não admira, assim, que algumas turmas chegassem, até nós, excessivamente turbulentas. Das que maiores motivos de queixa deram, nesse particular, uma houve, que felizmente se não encaminhou para São Leopoldo: chegados a Porto Alegre, pelas sumacas *Delfina* e *Ligeira*, os imigrantes que a formavam foram, em fins de novembro de 1824, endereçados para as Missões. Outros recém-chegados, que pouco se recomendavam, quer pelo comportamento quer pela moralidade, foram encaminhados para Torres. Procurava-se, assim, resguardar quanto possível a tranquillidade da colonia que ia se desenvolvendo á margem do rio dos Sinos.

Apezar dessas precauções, porém, entre os colonos enviados para as terras da antiga Feitoria do Linho Canhamo, não faltavam elementos pouco desejáveis. Estes eram, especialmente, os solteiros. De tal modo se conduziam que o inspector tantas vezes mencionado nestas paginas, escrevia em fevereiro de 1825: „Muito temo que se senão coactar com tempo estas inconductas, e se senão promover castigos vigorozos sobre os q. se esoneram em perturbar a boa ordem, se espalhe e cresça a desobediencia, e immoralidade, e então em hua epoca q. estando a nascer esta Colonia deve necessariamente regenerar-se os costumes.“³⁶⁾

Razões tinha para temer o bom do inspector. E tanto que, nesse mesmo anno de 1825, os máos elementos da colonia promovem uma revolta que obriga Thomaz de Lima a sair apressadamente para Porto Alegre, a pedir providencias immediatas ao governo provincial. Pouco se sabe das causas e extensão dessa *revolta*. Della temos conhecimento, porém, atravez de um officio de José Feliciano Fernandes Pinheiro em que se manda regressar a seu posto o inspector fugitivo, por haverem „cessado os motivos de receio“. „Tendo cessado os motivos de receio — diz, com effeito, o officio — que o estorvavão á voltar á Colonia de S. Leopoldo, pelo embarque

³⁶⁾ Officio de José Thomaz de Lima ao presidente da Provincia, em 28 de fevereiro de 1824. Documentos do Archivo Publico do Estado.

dos revoltosos para esta Capital, deverá V. Mcê. partir sem perda de tempo para a dita Colonia, não só para distribuir os subsidios pertencentes á este mez, mais para restituir a ordem e a tranquillidade alterada naquella Colonia, pondo em pratica e execução com disvello e cuidado, as medidas e providencias, que lhe tenho insinuado.“³⁷⁾

Mas, afora essas „medidas e providencia,“ quaesquer que ellas fossem, outro remedio mais energico se offerecia ao governo provincial. Das bandas do Prata resoavam brados de guerra. Lavalleya, com os seus 32 compatriotas, proclamára a independencia da Cisplatina. Iniciava-se a luta que ia prolongar-se até 1828.

Mais afeitos, é de crêr, ás aventuras guerreiras que ao amanho da terra, muitos dos novos colonos e precisamente dos que mais encommodos iam dando, se offereceram voluntariamente para o serviço da guerra. *Voluntariamente* é o termo que os documentos officiaes da epoca registram, mencionando esse gesto com que os colonos testemunham „o seu reconhecimento á nação que os recebeu“. Entretanto é tambem um documento official, o mesmo citado officio do presidente da Provincia, de 10 de novembro de 1825, que determina a José Thomaz de Lima: „Para aliviar ainda a Colonia do peso dos perversos, convem que yenhão logo e logo os oito individuos nomeados na Lista junta para se ajuntarem a Companhia dos Voluntarios Alemaens, e para mais incentivo lhes ordenará da minha parte que devem vir receber aqui os seus subsidios, e no caso de desobediencia lhes serão suspensos estes, e outros soccorros.“

E' ainda outro documento official que, accusando a remessa de tres colonos, diz que o primeiro destes „está na lista dos Voluntarios, porém diz que não assignou,“ o segundo „hé dos voluntarios, porém está com muitos dezejos de ficar na Colonia“ e, quanto ao terceiro, vae porque é um dos que o presidente da Provincia ordenou que fosse mandado. Póde-se duvidar, ao menos em relação a esses, da espontanei-

³⁷⁾ Officio de José Feliciano Fernandes Pinheiro, em 10 de novembro de 1825. Documentos do Archivo Historico do Estado.

dade com que marchavam... Isso, porém, não os livra de seguir. ³⁸⁾

O numero dos colonos que partem para o serviço de guerra attinge, em breve, a algumas dezenas. E com a saída dos „solteiros“, euphemismo com que, na correspondencia do

³⁸⁾ A origem da formação dessa Companhia de Voluntarios; um officio de José Feliciano Fernandes Pinheiro, a monsenhor Miranda, datado de 3 de dezembro de 1825, nol-a revela nestes termos:

„Quanto aos avulsos ou solteiros, alguns dos quaes perturbavão a Colonia com a sua immoralidade, e até chegavão a dar receios aos Fazendeiros circumvisinhos, aproveitando-me de hum momento de entusiasmo, e munido antecipadamente de faculdades, formei huma companhia de — Voluntarios Alemaens — e lá marcharão em numero de Setenta e Oito praças para defender nossas Fronteiras; desta maneira preenchi o duplicado fim, de empregar braços robustos, e muitos delles já adestrados, em defeza da sua nova Patria, a de expurgar a Colonia de hum elemento vicioso, que hia tornando-se cada dia mais assustador, e perdia muito na opinião publica.“

Em outro officio, endereçado este ao barão do Serro Largo, Governador das Armas da Provincia, Fernandes Pinheiro informára pouco antes:

„Previno á V. Ex.^a de que por estes dous dias está a sahir desta Capital huma Companhia de sessenta á setenta Alemaens; diversas razoens me dicidirão á empregar estes Estrangeiros, tanto porque elles se offerecerão voluntariamente á militar nesta crise, e Sua Magestade Imperial acceitou esta offerta; como porque havendo a maior parte delles feito a Guerra na Alemanha, não erão já Soldados bisonhos, e poderião ser de alguma utilidade, servindo principalmente na Infantaria; accrescia ainda huma razão politica, que seria escandaloso, que na conjunctura presente não se poupando á ninguem á acudir a defeza, arrancando-se até individuos das suas lavouras, excitaria clamores, se sendo a Colonia de S. Leopoldo tão beneficiada, não pagasse tambem o seu contingente, e ao mesmo passo se poupão outros tantos agricultores util do pais: declaro que muitos delles não são da melhor conducta, propensos e dados principalmente á embriaguez, mas tudo isso se emenda debaixo de huma boa e rigida disciplina, da qual sobre tudo elles precisão, e á que estão acostumados, principalmente intervendo-os V. Ex.^a em diversos corpos e posiçoens como entender conveniente, até para remover desconfianças: elles vão desarmados, por evitar disturbios, e podem ser fornecidos no Deposito de S. Gabriel, para onde mandei de prevenção Armamento de Infantaria; alguns delles mais estropeados, serão talvez empregados com utilidade nos Postos, que V. Ex.^a terá á guarnecer.“

inspector da colonia, se insiste em designar os promotores de desordens, a situação melhora: „Depois que daqui sahirão os solteiros — escreve José Thomaz de Lima — ficou a Colonia, em grande susego, e os Colonos em muito boa harmonia.“ ³⁹⁾

Mas a tranquillidade não é absoluta, nem dura muito tempo. Num relatorio em que responde a duvidas formuladas pelo governo, sobre as causas que se diz retardarem o progresso da colonia, o inspector desta fórmula, entre outras, a seguinte observação:

„Convem tam bem q. os Colonos que vieram posteriormente aos primeiros não erão tão escolhidos, e apropriados a Colonisação; e abundaram a Colonia de Homens inuteis e viciosos, e cujo fito não he outro q. utilizar-se do Subsidio, e liberalidade de S. M. I. sem q. se proponham á algum fim decente.“ ⁴⁰⁾

Assim, aos poucos, a desordem se insinúa. Em 1829, os conflictos se amiudam. Na Freguezia, o colono Ignacio Rach, „que como tem hua venda e algumas patacas todos se ligão a elle“, segundo diz um documento do tempo, é accusado de serias tropelias. Um dia, insulta e aggride, sem razão, um pobre homem que tem o infortunio de passar-lhe ao alcance. E no officio em que relata o occorrido ao presidente da Provincia, José Thomaz de Lima acrescenta: „O Policia q. he portador deste achava-se presente, e tão bem foi insultado pelo dito Rach. Eu não lhe fiz nada temendo q. me fizesse alguma violencia, pois conheço q. lhe seria isso facil visto a ascendencia q. tem sobre os outros. Espero q. V. Ex. atendendo as razões ponderadas dê as mais promptas providencias, afim de q. seja o dito Rach rigorosamente castigado para exemplo, e

³⁹⁾ Officio de 19 de novembro de 1825. — Documentos do Archivo Historico do Estado.

⁴⁰⁾ Officio de 28 de julho de 1827. — De um tal Lischer, implicado num roubo que soffreu o padre Ehlers, se veiu a saber, mais tarde, que fôra „tirado da cadeia para vir cá, estando sentenciado a quinze annos de prizaõ,“ como informava José Thomaz de Lima ao presidente da Provincia.

q. eu tenha aqui huma boa guarda afim de poder conter esta boa gente.“ 41)

*

*

*

Não pequena responsabilidade cabia ao governo imperial, no estado de animo que, na colonia, se ia creando.

O estabelecimento dos novos immigrants que chegavam se ia tornando cada vez mais moroso. O subsidio que o governo lhes pagava não bastava para o sustento. Familias inteiras viviam, assim, em grande penuria. Em 1829, o subsidio deixou de ser pago e, então, a situação dos infelizes ainda mais se aggravou. Os negociantes da colonia, tendo soffrido prejuizos, recusavam-se a continuar a fornecer generos fiados. E só os demoveu dessa justificada attitude, a condição de passar a inspeccão da colonia a fornecer vales das mercadorias fiadas.

Mas a falta de pagamentos dos subsidios continuou; os vales, não resgatados, caíram em completo descredito, e os negociantes recusaram-se a continuar a recebel-os.

A intranquillidade dos colonos recém-chegados, de augmento em augmento, foi, afinal, raiando em desespero. E chegou, então, em fins de 1830, a espalhar-se o boato de uma possivel alteração da ordem; falava-se em não se sabe que mysteriosa trama com uns officiaes estrangeiros e o governo enviou a São Leopoldo, o brigadeiro reformado Manoel Carvalho da Fontoura, com a incumbencia de manter a ordem.

O boato era, porém, falso. Comtudo, teve, talvez uma vantagem: activar os esforços da Junta de Fazenda Publica, afim de ministrar aos colonos alguns pagamentos dos subsidios atrasados.

*

*

*

A's razões apontadas, outra causa de desassocego para os habitantes da colonia se accrescentava, retardando o de-

41) Officio de 26 de maio de 1829, — Documentos do Archivo Historico do Estado.

envolvimento desta, pelos temores constantes que gerava: eram as incursões dos índios.

Enquanto os novos povoadores se limitavam a ocupar os campos da antiga Feitoria, donde o gentio de longa data fôra arredado, esse perigo não se fez notar. Cedo, porém, o augmento do numero de colonos tornou insufficiente a vasta area da Feitoria e novas terras foram distribuidas aos recém-chegados na encosta da Serra. Ia sendo, assim, invadido, cada vez mais, o territorio que constituiria, até pouco antes, dominio indisputado dos bugres. Estes não se resignaram ao esbulho e o peso de sua colera e do seu odio contra o branco invasor mais de uma vez se fez sentir.

Em começo de 1829, varios estabelecimentos de colonos, dos mais internados na Serra, soffreram um violento ataque dos índios: cinco pessoas foram assassinadas e tudo quanto o trabalho tenaz dos colonos creara naquellas paragens foi brutalmente destruido. „Esta catastrophe, e a presunção de que será ella repetida, segundo o costume deste gentio — diz o documento da epoca que nos dá conhecimento do facto — tem causado no animo daquelles Colonos hum terror panico, q. nem se afoitam a distanciar-se de suas Colonias, e a dar maior expansão aos seus trabalhos ruraes, e nem podem permanecer tranquilllos, e seguros no isolamento em q. se acham, e na carencia de meios q. os ponham ao abrigo de nova irrupção.“ 42)

Esta não tardou muito. Em 8 de abril de 1831, os índios renovaram o ataque á picada dos Dois Irmãos. Foram, dessa vez, assassinados tres colonos e raptada uma creança.

Um mez e pouco depois, em 15 de maio do mesmo anno, nova incursão se produziu, na picada do Hortensio, e esta de consequencias bem mais funestas: onze pessoas, homens e mulheres, foram assassinados, ficando, ainda, duas gravemente feridas.

Longo tempo, a ameaça subsistiu. Crearam-se destacamentos especiaes para defeza dos estabelecimentos mais expostos, contra os ataques dos bugres. Mal pagos, esses des-

42) Officio de José Thomaz de Lima, de 17 de dezembro de 1829. — Documentos do Archivo Historico do Estado.

tacamentos pouca efficiencia demonstraram. E em regra, os proprios colonos tiveram de prover, solidariamente ligados nesse objectivo, á commum defeza, até que a crescente penetração da Serra fosse arredando o perigo, pelo continuo recuo dos bugres, até os campos onde cincoenta annos depois, ainda iriam encontral-os os primeiros colonos italianos.

* *

*

Muito de proposito insistimos sobre os perigos que ameaçaram, nos primeiros annos, a vida da colonia de São Leopoldo e perturbaram o seu normal desenvolvimento.

A falta de selecção dos immigrants, entre os quaes ao lado de trabalhadores honestos e tenazes, que vinham reconstituir, na patria de adopção, os lares abandonados na de origem, se haviam deixado infiltrar individuos perniciosos, guiados somente pelo espirito de aventura; a imprevidencia e a desidia do governo imperial, descuidando-se, de começo, de prover aos novos povoadores dos elementos indispensaveis á sua iniciação nos rudes trabalhos a que iam entregar-se, faltando, depois, ás suas promessas e abandonando os colonos á sua propria sorte; a ameaça constante do gentio — tudo conspirava contra o progresso, contra a propria existencia da colonia.

E são essas condições adversas que tornam, precisamente, mais admiravel a lição de energia, de tenacidade, de laboriosissima actividade que os colonos allemães desse periodo inicial legaram aos que se lhes seguiram. Alguns annos depois de 1824, a despeito de todas as vicissitudes, atravez de todos os obstaculos, a vitalidade da colonia se affirmava brillantemente.

O que fôra a improductiva Feitoria do Linho Canhamo transformára-se numa vasta seára de intensa operosidade. A lavoura se desenvolvia e a propria industria iniciava seus primeiros passos. Não ha exagero na asserção. Em 1829, encontravam-se em São Leopoldo todas as qualidades de grãos e batatas. Havia além disso, já, oito cortumes e outros tantos moinhos, uma fabrica de sabão, um engenho para a lapidação de pedras de toda qualidade e trabalhava-se, ainda, em toda especie de obras de chifre e de crina. „N'hum estabeleci-

mento de cinco annos — diz o documento official em que encontramos estas notas — e povoado aos poucos, não deixa de merecer attenção os progressos que se devizão.“ ⁴³⁾

Admiraveis, podemos nós qualifical-os hoje, quando tão exuberantemente vemos confirmados os primeiros indicios promissores que elles continham.

⁴³⁾ Officio de José Thomaz de Lima, de 24 de novembro de 1829. — Documentos do Archivo Historico do Estado.

Capitulo IV

TENTATIVAS QUE FRACASSAM

A fundação da colonia de São João das Missões — Os elementos que lhe foram destinados — Como fracassou essa tentativa — A colonisação em Torres e Tres Forquilhas — Como foram installados os colonos — Abandono em que foram elles deixados — Os immigrants entrados, no Rio Grande do Sul, até 1830 — Interrompe-se a corrente immigratoria — As colonias e a revolução de 35 — Os progressos de São Leopoldo, após a guerra civil — A decadencia das colonias de Torres e Tres Forquilhas — A difficuldade das communicações entre essas colonias e a capital — Um projecto para facilitar os transportes: a navegação pelas lagoas.

A iniciativa do governo imperial em prol da immigração européa suggeriu, desde logo, vastos planos, em que entrava uma larga dose de phantasia.

Apregoavam-se projectos de rapido povoamento em ampla escala, delineava-se a fundação de nucleos novos de população européa, em pontos remotos do nosso territorio, quasi inacessiveis dados os precarios meios de communicação do tempo. Surgiram, assim, no Rio Grande, suggestões que, ousadas mesmo quando encaradas como méras possibilidades futuras, excediam, de muito, á capacidade de realisação das administrações da época e teriam necessariamente de fracassar, como fracassaram, logo que ao contacto com os obstaculos invenciveis oppostos pela realidade geographica e economica, se desfizessem os devaneios em que taes projectos se fundavam.

Um destes foi o do encaminhamento de uma parte dos colonos allemães que iam chegando, para o territorio das Missões. Propuzera o presidente da Provincia José Feliciano Fernandes Pinheiro, ao governo imperial, o povoamento dessa região. Os indigenas que a habitavam, já reduzidos a minguado numero pelas migrações continuas, seriam reunidos na Estancia imperial de São Vicente, no povo de São Miguel, onde facil seria prover á sua assistencia.

Nos outros seis povos „se accomodarião — dizia o presidente da Provincia — milhares de colonos Alemaens, os quaes principiarião por saborear logo grandes Hospícios com magníficos templos, quintas e hortas que pertencião aos Jesuítas, num clima ameno onde as produções d'Agricultura são as mais variadas e exuberantes.“ „São incalculaveis — accrescentava Fernandes Pinheiro — as vantagens que de semelhante passo resultarião, as quaes de certo não escaparão á perspicacia de V. Ex. não me parecendo menor a de tornar com taes povoadores mais formidavel a Linha de fronteira do Uruguay.“ 44)

O marechal José de Abreu, governador das Armas da Provincia, mostrava-se encantado com o projecto e tanto que se propunha ir pessoalmente estabelecer os colonos. O problema da distancia, o isolamento em que os colonos iriam ficar, num quasi degredo, a ausencia de meios de transporte que os impossibilitaria de commerciar o que chegassem a produzir, tudo isso era esquecido ou passava para segundo plano, ante o objectivo „de tornar mais formidavel a linha de fronteira“.

Por mais que se nos patenteie, hoje, todo o absurdo que, para aquella época, encerrava tal projecto, certo é que elle entrou em execução. O governo imperial approvou a suggestão do futuro visconde de São Leopoldo. Chegára, assim, a hora de erigir a villa de São Luiz da Leal Bragança que, decretada desde 1817, não pudéra ser fundada pela „penuria de habitantes brancos“ da região. Para assento da villa designou-se a antiga povoação de São João. Das razões que para a es-

44) Officio de 22 de abril de 1824. Documentos do Archivo Historico do Estado.

colha poderiam ter influido uma sobrelevava: a de ser a povoação indicada, „hum pouco mais central“ e, desse modo, „não tem os inconvenientes das que collocadas mais á beira do Uruguay, ou são mais expostas as invazoens dos nossos vizinhos, ou proporcionão melhor a emigração e o tranzito para o outro lado“. Assim, „não se distrahirão tão facilmente os colonos para os nossos vizinhos, como já infelizmente aconteceu em outros tempos“... E era desse modo que se queria tornar „formidavel“ a linha de fronteira, ao mesmo tempo que, situando-a em ponto mais central e de mais difficeis communicações, maiores obstaculos se creavam ao desenvolvimento da projectada colonia.

Em breve, porém, outras razões bem diversas que as de ordem militar ou economica iam ser invocadas para justificar a execução do projecto. Referimo-nos, em capitulo anterior, ao pouco escrupulo que ia presidindo á selecção dos imigrantes encaminhados para o nosso paiz, após a remessa das primeiras levas. Assim é que começaram a chegar elementos de todo indesejaveis. E a divisão se impôz, para que os máos elementos não corrompessem os bons. Em officio de 23 de novembro de 1824, dando contas a monsenhor Miranda, inspector geral da immigração, da maneira por que se ia esta fazendo na Provincia, José Feliciano Fernandes Pinheiro, assim referia o destino dado aos colonos: „Tomei o expediente de os dividir em duas colonias, com o escolhido dellas formei a Colonia de São Leopoldo, pouco distante desta cidade, com o resto, mais immoraes, vou levantar outra colonia na deserta missão de São João, proxima a fronteira do Uruguay, adoptando esta medida, não só a requerimento dos primeiros que mal se combinavão com os ultimos, porem até por não os apinhonar em demazia naquella colonia.“⁴⁵⁾

E em documento posterior, referindo-se á chegada de colonos vindos, a um tempo, pelas sumacas „Ligeira“ e „Delfina“, o presidente da Provincia informava: „Pareceo-me conjuntura apropriada de lançar o fundamento da Colonia Estrangeira nas

⁴⁵⁾ Officio de 23 de novembro de 1824. Documentos do Archivo Historico do Estado.

Missoens, não só por não apinhoallos em demazia na Colonia de São Leopoldo, mas porque entrando de mistura, nesta ultima remessa gente mais immoral, senti repugnancia nos primeiros em se associarem á ella, estremei-os por tanto depois de informado, e os fiz seguir para aquelle Destricto deizgnando para seu assento a antiga Povoação de São João.“⁴⁶⁾

O que constituia, de inicio, um erro administrativo, convertia-se, assim, em medida providencial: a nova colonia projectada transformava-se em logar de degredo. Mas desse modo, afastando aquella „gente mais immoral“, que acabava de chegar, arredavam-se de São Leopoldo elementos que ter'iam, talvez, posto em perigo sua existencia.

* * *

A viagem de Porto Alegre até os Sete Povos foi para os colonos vindos pelas sumacas „Delfina“ e „Ligeira“ uma longa odysséa. Ella se tornou mais penosa, ainda, pelo pessimo comportamento da maioria dos que nella tomavam parte. De Rio Pardo, o capitão Alexandre José Bernardes, que conduzia os colonos, escrevia ao presidente da Provincia, que aquelles iam satisfeitos, mas accrescentava estas suggestivas palavras: „não cessão de andarem dia e noite inbriagado; depois hé brigã e a decizão hé pancada hus nos outros, nas mulheres ellas fazem o mesmo.“⁴⁷⁾ Póde-se avaliar dahi de que natureza seria essa gente da qual São Leopoldo se livrou, mas que, tambem, não se arraigou pelas Missões.

De nada valeu a cautelosa resolução de installar a nova colonia em ponto central, como meio de impedir a emigração dos seus povoadores e diffcultar o „tranzito para o outro lado do Uruguay“. Por um documento de outubro de 1825 se verifica que vieram dar em Porto Alegre „fugidos e bem desgra-

⁴⁶⁾ Officio de 26 de novembro de 1824. Documentos do Archivo Historico do Estado.

⁴⁷⁾ Officio do cap. Alexandre J. Bernardes ao presidente da Provincia, em 11 de dezembro de 1824. Documentos do Archivo Historico do Estado.

cados“, dous dos allemães enviados para as Missões. Outros dispersaram-se para varios rumos. E da nova colonia se foi falando cada vez menos, até que toda menção sobre ella desapareceu dos papeis officiaes.

A tentativa tivera o resultado que era de prevêr: não chegou a traduzir-se num começo, siquer, de realidade.

* * *

Não foi tão completo nem tão rapido o insuccesso dos outros dous projectos de colonisação, em Torres e em Tres Forquilhas.

Ainda desta vez, a iniciativa coubera a José Feliciano Fernandes Pinheiro, que, como se vê, despendia, na presidencia da Provincia, assignalada por mais de um acto meritorio, infatigavel actividade.

Ao mesmo tempo em que preconisava o estabelecimento da colonia que tão mal havia de ser succedida nas Missões, lembrava Fernandes Pinheiro a conveniencia de que outra se fundasse, em Torres: „Hé hum ponto importantissimo — observava elle, já em 1824 — a chave propriamente da Provincia da parte do norte.“⁴⁸⁾ Por isso, „quando viessem colonos em superabundancia“, desejava ser autorisado a „plantar huma pequena colonia“, no ponto indicado. E, antecipando-se á deliberação do governo imperial, accrescentava: „Ha pouco na minha passagem por ahi recommendei á hum official que levantasse a planta do espaço de terreno que me pareceu azado para huma fundação.“

Tenaz nos seus propositos, convencido das vantagens da colonisação, Fernandes Pinheiro nunca mais deixou escapar occasião de recordar ao governo imperial o seu projecto. Frequentes vezes, na correspondencia official entre o presidente da Provincia e a Côrte, o thema resurge, sempre por iniciativa daquelle.

⁴⁸⁾ Officio cit. de 22 de abril de 1824. Documentos do Archivo Historico do Estado.

Em maio de 1825, ocupadas quasi totalmente as terras da antiga Feitoria e quando está a chegar nova leva de colonos, observa Fernandes Pinheiro que „pouco restará da area superficial para dividir, porque não se deve por ora contar com os matos virgens da Serra, pelo horror que os novamente vindos tem á ellas, não avezados á arrostar as feras de que abundão.“⁴⁹⁾ E analisa então, a situação que se ha de apresentar quando chegarem novas remessas de immigrants: „ou hão de ser amontoados na referida Colonia, o que necessariamente trará perturbação e desârranjo, ou se me ordene expressamente para accomodal-os, seja no despovoado Districto das Missoens Orientaes do Uruguay, seja beirando a estrada nova que se trabalha por fazer praticavel entre o prezidio das Torres e os habitantes de cima da serra, para descerem por alli os animaes e mais productos, que se exportão para a Provincia de S. Catharina, e cujas terras, consta-me que são tão pingues.“

Afinal, o governo imperial se deixa convencer. Já em janeiro de 1826, certo da aprovação imperial ao seu plano, o presidente da Provincia, annunciando ao inspector da colonia de São Leopoldo, a ida de uma nova „conducta de Alemaens“, diz que „ella vae, como em deposito, para essa colonia, para que ao depois escolhidos os de melhor comportamento e que nella pudèrem ser arranchados, sejão os outros transferidos para a Colonia das Torres.“⁵⁰⁾ Mas a deliberação final do governo vae sendo retardada por infinitas delongas. José Feliciano deixa o governo da Provincia a 14 de janeiro de 1826, sem que a nova colonia se haja installado. E um mez depois, o seu successor, brigadeiro José Egydio Gordilho da Barbuda informa a José Thomaz de Lima, que quanto á mudança de colonos de São Leopoldo para Torres, decidirá „na occasião

⁴⁹⁾ Officio de José Feliciano Fernandes Pinheiro ao ministro Luiz José de Carvalho e Mello, em 22 de maio de 1825. Documentos do Archivo Historico do Estado.

⁵⁰⁾ Officio de José F. Fernandes Pinheiro a José Thomaz de Lima, em 9 de janeiro de 1826. Documentos do Archivo Historico do Estado.

em que tiverem de seguir os que devem formar a nova colonia.“ 51)

O projecto, porem, não fica abandonado. Fernandes Pinheiro, chamado ao Rio, para occupar a pasta do Imperio, vae activar dali, do seio do governo, a sua realisação. Faz-se, então, publicar em São Leopoldo que as familias e individuos solteiros, „ainda não datados“, ou que o hajam sido junto á Serra e não estejam contentes com as suas datas de terreno, poderão dar seus nomes para a relação dos que quizerem seguir com destino a Torres. Em outubro de 1926, é o presidente da Provincia, brigadeiro Gordilho da Barbuda, quem, falando dos arranjos „para ultimação final da remessa da nova colonia“, faz, agora, notar que, „si esta ainda não se tem realizado, não é certamente por omissão de sua parte.“

E, afinal, os colonos destinados ao novo estabelecimento partem de São Leopoldo, nesse mesmo mez de outubro, em cinco hiates, indo desembarcar no Capivary. Dahi até as terras que se lhes concediam, a viagem se fez por terra.

Os colonos puderam, desde então, antever os trabalhos que os aguardavam. Si penosos haviam sido os primeiros tempos para os povoadores de São Leopoldo bem mais iam sel-o os dos fundadores da colonia de São Pedro de Alcantara das Torres. Formavam estes, ao todo, cerca de noventa familias.

Logo que chegaram ao termo da viagem, tratou o inspector da nova colonia, coronel Francisco de Paula Soares, de accomodal-os. Foram os colonos divididos em dous grupos, valendo o criterio da religião para estabelecer a distincção: um delles, o menor, formado dos catholicos, foi instalado nas proximidades do presidio, ao longo duma estrada havia pouco aberta do Mampituba ao rio Verde; o outro, mais numeroso, constituido de 53 familias protestantes estabeleceu-se, em duas linhas parallelas, nas margens do arroio Tres Forquilhas.

Em meio do sertão, tendo de derrubar a matta para po-

51) Officio de 16 de fevereiro de 1826. Documentos do Archivo Historico do Estado.

derem construir suas habitações, forçados assim, a uma existencia tão fundamente diversa daquella a que na terra de origem se haviam habituado, em face de uma natureza que se lhes afigurava, sob todos os aspectos, hostil, privados de communicações faceis com os poucos centros mais populosos da Provincia e condemnados a um quasi total isolamento, facil era de vêr que muitos dos novos colonos se não conformariam com a existencia que se lhes deparava.

Isso não tardou a verificar-se. Bastou que cessasse o pagamento do subsidio, com que o governo imperial, como sabemos, auxiliava os immigrants nos dous primeiros annos de residencia, para que os colonos solteiros se evadissem. O mesmo fizeram algumas familias, cuja retirada o inspector da colonia procurava explicar, mais tarde, pela circumstancia de que „os chefes erão Artífices, a q.m convem mais o exercicio de seus officios mechanicos, do que os trabalhos d'Agri-cultura.“ ⁵²⁾

Os colonos catholicos, installados proximo á povoação, menos felizes que os protestantes, mal se haviam estabelecido nas terras que se lhes destinavam quando dali os desalojou uma forte inundação. Transferiram-se, então, para os terrenos devolutos que existiam entre a lagôa do morro do Forno e a do Jacaré.

A derrubada da matta, a construcção dos ranchos consumiram os dous primeiros annos; depois quando as terras, feracissimas, aliás, estavam promptas para serem fecundadas, faltaram as sementes e mudas de plantas promettidas. A despeito de todas as supplicas, o governo imperial esquecia as suas promessas. E apenas as culturas mais rudimentares se desenvolveram, assim, em uma região de fertilidade exuberante.

Tambem não mais se cuidou; dentro em pouco, de encaminhar novos immigrants quer para Torres, quer para Três Forquilhas. Perdiam, assim, os colonos já estabelecidos a possibilidade de vender aos recém-chegados, que pagariam com o subsidio que do governo recebiam, aquella parte da sua pro-

⁵²⁾ Relatorio de Francisco de Paula Soares, em 16 de março de 1830. Documentos do Archivo Historico do Estado.

dução, que excedia das necessidades domesticas. Era mais um estímulo que desaparecia. E como pensar em exportar a produção para os centros populosos, como Porto Alegre ou a Laguna, representava, ao tempo, uma utopia, o desanimo ia vencendo cada vez mais os colonos e a penuria envolvia aquella pobre gente.

Em 1830, era de verdadeira decadencia o estado das duas colonias, que, aliás, para os effeitos da administração, eram consideradas como uma unica. Desde novembro de 1926, nella haviam entrado, segundo documento da época, „422 colonos Alemaens, tendo n'ella nascido 85 e fallecido 24 pelo que deverião existir na mesma 462.“⁵³⁾ Um mappa annexo mostrava, porem, que para alcançar esse total, faltavam 61: eram os que, menos tenazes ou menos resignados, sinão mais animosos, haviam, desde muito, abandonado a nova colonia. E só admira que não os imitasse o maior numero.

* *

Desse modo, em 1830, a situação da colonisação allemã no Rio Grande, era a seguinte: a colonia de São Leopoldo, apezar de todas as vicissitudes, a despeito das difficuldades e dos dissabores que os seus primeiros povoadores haviam arrostado e máo grão mesmo os inconvenientes graves para a existencia da colonia decorrentes dos máos elementos que na sua população figuravam, ia prosperando. A sua produção agricola se desenvolvia consideravelmente. A tal ponto que, na carta de um colono, escripta dous annos depois, a parentes residentes na Allemanha, se lia esta lisongeira descripção da fertilidade da terra a que se havia acolhido: „E' muito abundante a nossa produção agricola. Colhemos com abundancia o feijão branco e preto, milho, arroz e batatas; tenho tres quintaes de fumo, de qualidade superior ao que ahi é usado; com muito gosto vos remetteria uma partida, mas melhor seria ainda si viesseis para cá todos, porque então poderieis fumar á vontade. As fructas mais communs são la-

⁵³⁾ Relatorio citado de Francisco de Paula Soares.

ranjas, bananas, figos, pecegos, maçãs, limas, limões, ananazes, melões e melancias. Também ha muita canna de assucar e uvas; estas são muito perseguidas pelas formigas. O linho dá duas colheitas por anno; de algodão e ricino ha grande abundancia. O aipim constitue um dos principaes alimentos, suas raizes são mais saborosas do que as batatas inglezas. Da raiz da mandioca se fabrica uma farinha fina que se conserva durante muito tempo. E' usada por quasi todas as familias como succedaneo do pão." 54)

O tempo das peores privações, ao menos para os colonos chegados nos primeiros annos, havia passado. E elles se iam habituando ás condições de vida do novo ambiente.

São Leopoldo recebera desde o inicio da colonisação até 1830, cerca de cinco mil povoadores. Disso dá fé um minucioso quadro estatistico que figura entre os documentos do Archivo Historico do Estado e que aqui reproduzimos:

54) Carta do immigrante Mathias Franzen a seu cunhado Mathias Rockenbach, que a trouxe consigo quando veio da Allemanha. Reproduzida pelo sr. Leopoldo Petry, em seus dados historicos, geographicos e estatisticos sobre „O municipio de São Leopoldo“.

COLONIA DE S. LEOPOLDO

Estado primitivo da mesma, com as entradas em diferentes épocas, de 1824 até 1830, inclusive

MEZES	1824				1825				1826				1827				1828				1829				1830				
	Familias	Membros das mesmas	Solteiros	T o t a l	Familias	Membros das mesmas	Solteiros	T o t a l	Familias	Membros das mesmas	Solteiros	T o t a l	Familias	Membros das mesmas	Solteiros	T o t a l	Familias	Membros das mesmas	Solteiros	T o t a l	Familias	Membros das mesmas	Solteiros	T o t a l	Familias	Membros das mesmas	Solteiros	T o t a l	
Janeiro ...									60	298	6	304					3	11		11							1	1	
Fevereiro .					5	23	39	62	21	114	4	118	74	331	75	406													
Março					16	17		77	21	95	8	103									114	548	189	737	12	34	33	67	
Abril									34	175	21	196	1	6		6													
Maio					20	88	35	123					10	92	14	106	10	54	29	83	95	418	162	580	1	4	3	7	
Junho					17	58	33	91	17	78	3	81									29	114	79	193			5	5	
Julho	10	41	4	45																	1	2	2	4			4	4	
Agosto																					1	4		4			2	2	
Setembro .																	1	3		3	1	4		4		6	18	11	29
Outubro ...													1	4		4					5	12	80	92			2	2	
Novembro .	16	68	13	81	10	42	15	57	4	21	1	22																	
Dezembro .					89	433	66	499	1	2	2	4	106	507	39	566	1	2		2	7	26	53	79					
Somma das familias .	26				157				158				192				15				252				19				
N.º dos membros das mesmas e solteiros .		109	17			721	188			783	45			940	148			70	29			1124	565			56	61		
TOTAL..				126				909				828				1088				99				1689				117	

Total geral . . . 4 856

Quanto á colonia das Missões vimos que não chegára a ter existencia real. A de Torres e Tres Forquilhas arrastava tristemente a sua existencia precaria. De nada valia a fertilidade das terras, faltando aos colonos — e com ellas os meios de conseguil-as — as „plantas e sementes, q. só pelo Estado as poderião obter na precisa qualidade, como são as vides e o canhamo para cuja cultura são as terras adaptadas.“

„As vantagens assima apontadas de nada poderião servir — escrevia, em 1830, o inspector da colonia, referindo-se á facilidade de subsistencia que esta offerecia pela abundancia de peixe, caça, bananas e farinha de mandioca, assim como pela fertilidade do seu solo — nem o terreno por occupar nas fecundas margens dos rios Forquilhas, e Mampituba darão o proveito que se póde esperar se a colonia não fôr auxiliada pelo Governo de S. M. I. com fornecimento de plantas já especificadas; e igualm.^e com o ingresso annual de huma porção de Familias, que viessem animar aos primeir.^{os} colonos já estabelecidos, trazendo-lhes o subsidio para repartir com elles, recebendo em troco o producto dessa agricultura, e a paternal hospitalidade.“ 55)

Essa era a situação, quando sobreveiu a lei de 15 de dezembro de 1830, pela qual ficou proibida toda despeza com a colonisação estrangeira. Já em março do mesmo anno se decretára que nenhum pagamento se faria mais para as colonias. Sabemos que mesmo antes disso o pagamento de subsidios ia soffrendo fortes irregularidades. Quando elle foi suspenso, calculava-se em sessenta contos de réis, o que a Fazenda devia á população de São Leopoldo, sendo a maior parte dessa quantia representada por vales passados aos commerciantes.

Com essa resolução, ao mesmo tempo que se abandonavam as colonias já existentes a seus proprios recursos, estancava-se, de golpe, a immigração que, nessa epoca, não poderia ser espontanea e só se encaminharia para o Brasil mediante as facilidades e as promessas de subsidio que até então haviam sido concedidas.

55) Officio cit. de Francisco de Paula Soares. Documentos do Archivo Historico do Estado.

Com effeito, depois de haver attingido a 2.412 o numero de immigrants entrados nos portos brasileiros, no anno de 1829, verifica-se, pelo quadro do „Movimento immigratorio no Brasil, de 1820 a 1920“, a que já tivemos occasião de nos referir, que no periodo de 1830 a 1835, a immigração cessou por completo. Influiu para isso, tambem, certamente, o estado de violenta perturbação que assignalou os annos que se seguiram á abdicação de d. Pedro I.

E quando, em 1836, o movimento se restabeleceu, com a chegada ao Brasil, de 1.180 immigrants, já estes se não encaminhavam para o Rio Grande do Sul. E' que para a Provincia começara o decennio de lutas epicas, de glorias, mas tambem de ruina, que foi a revolução farroupilha.

* *

O conselheiro Eleutherio de Camargo em seu já mencionado „Quadro estatistico e geographico“, distinguindo os varios periodos da colonisação, aponta o que vae de 1835 a 45, como o do „decrescimento da immigração até que tornou-se nulla“ e o da „destruição da colonia“.

São Leopoldo, effectivamente não se manteve, nem se poderia manter extranho á luta que na Provincia lavrava. A sua população scindiu-se. A maioria, sob a direcção do dr. João Daniel Hillebrand, tomou armas pela causa do Imperio; mas não faltaram partidarios da Republica.

E Carlos von Koseritz, talvez não sem paixão, em seu „Relatorio da administração central das colonias da provincia“, que apresentou, como agente interprete da colonisação, em 1867, traça o seguinte quadro das consequencias que para São Leopoldo decorreram da divisão e dos odios que ali se implantaram:

„... o seu desenvolvimento não data senão de 1846, visto que a guerra civil profundamente transtornou a existencia da colonia, deixando-a em um completo estado de miseria, porque a ambição de algumas personagens que anhelavão honras e dignidades envolveu a colonia nas lutas da revolução, servindo suas terras frequentemente de theatro ás façanhas de ambos os partidos. Originou-se d'ahi uma divisão entre os

habitantes da colonia, que alistados em dois acampamentos, o legal e o republicano, por sua vez se guerrearão durante longo tempo encarniçadamente.

„Raiou finalmente a pacificação da Provincia, mas S. Leopoldo já não era senão um montão de ruínas, seus habitantes estavam reduzidos á miseria e tinham de começar de novo a trabalhar. Vinte annos de existencia da colonia estavam perdidos; a luta começou de novo, mas tal era a seiva vital d'esse estabelecimento colonial, tal a uberdade de seu sólo, tal ainda a applicação e o constante trabalho de seus laboriosos habitantes, que hoje (1867), depois de decorridos outros vinte annos, S. Leopoldo é o municipio mais rico, o mais rendoso, o mais populoso da provincia.“ 56)

Como acima observamos, é talvez, não de todo desapaixorada a narrativa que acabamos de transcrever. Ao menos, suas côres foram carregadas mais que o razoavel. Porque si São Leopoldo effectivamente soffreu, e muito, as consequencias da revolução, esta não levou a colonia á total ruina economica de que Koseritz nos fala. Ainda em 1842, o então barão de Caxias, que assumira a presidencia da Provincia, dirigindo-se ao ministro do Imperio, conselheiro Candido José de Araujo Vianna, assim resumia as suas impressões de uma visita a São Leopoldo: „Estive hontem na colonia de São Leopoldo e fiquei satisfeitissimo de vêr o estado della. Esta colonia pacifica e industriosa abastece a capital da Provincia de todos os generos necessários á vida. Sua exportação mensal regula a 18 contos de réis.“ 57)

A cifra era, como se vê, avultada, para a época. E fossem quaes fossem os damnos causados pela revolução, certo é que São Leopoldo em breve se refez delles.

Em 1849, como se verifica do relatorio apresentado no anno seguinte pelo director da colonia, que era o já mencionado dr. João Daniel Hillebrand, a população subia a 9.393 habitantes. A exportação agricola e industrial, em animador augmento, alcançava ao valor annual de 450 contos de réis.

56) Relatorio citado, de Carlos von Koseritz, em 1867. Pag. 5.

57) Officio do barão de Caxias, de 12 de dezembro de 1824, Documentos do Archivo Publico do Estado.

Faziam-se ensaios para a plantação de fumo, com sementes vindas de Cuba; a plantação de algodão promettia tomar novo impulso e aguardava-se época propícia para tentar a cultura de cevada e aveia.

A situação era, como se vê, promissora.

* * *

Da existencia que nesse agitado periodo levaram as colonias de Torres e Tres Forquilhas, pouco se sabe.

Mas a revolução só poderia ter aggravado os males resultantes da difficuldade de communicações, que, desde a fundação, condemnava essas colonias ao anniquilamento e á miseria. E disso dá prova uma exposição feita, em 1847, em relatorio ao presidente da Provincia, pelo coronel Francisco de Paula Soares da Gama, que viera á capital tratar, provavelmente, de assumptos referentes á sua administração. Escrevia o inspector da colonia, que tal cargo vinha occupando desde a fundação desta: „Sómente o fabrico da Aguardente de Canna bastaria p.^a ellevar a Collonia a hum alto gráo de upolencia e riqueza; a excessiva falta porem de Carretas para conduzir a esta Cid.^e (Porto Alegre) a izorbitancia do frete dellaç, já sentida antes da revolta q. houve na Prov.^a faz com q. tal genero deixe de ser aproveitado, e o m.^{mo} enduza q.^e se despreze assim como todos os mais q.^e abundão aquelle fertelissimo Solo, e tal falta não só tem empecido a prosperid.^e da Collonia, como a vai aniquilando e fará tal véz desaparecer a não se procurar remover tão funesto embaraço proporcionando-se facil e comoda exportação aos generos que alli suprabundão e q. se não cultivão em maior escalla por não se lhes poder dar estação.“ ⁵⁸⁾

E sabem os leitores qual a solução, que o prestimoso inspector propunha? O aproveitamento da navegação „pelas cadeas de lagôas q.^e bordão a flarda da Serra Geral athe a Freguezia da Concep.^{am} do Arroio.“ E o bom do homem sabia que não suggeria, já ha 75 annos, nenhuma novidade,

⁵⁸⁾ Exposição feita pelo coronel Francisco de Paula Soares da Gama ao presidente da provincia Manoel Antonio Galvão, em 1.^o de novembro de 1847. Documentos do Archivo Historico do Estado.

formulando tal proposição. De facto, elle mesmo, em apoio de sua suggestão, lembrava que já antigamente por essa via „se conduzia a Farinha q. vinha de S. Catharina p.^a monicio da Tropa nesta Prov.^a, que embarca na lagôa do Armazem pr. ser alli o Depozito, e decia pelas outras athé o lugar da Pinguella onde os carreteiros a recebião p.^a a conduzir p.^a esta capital.“

Era o unico remedio que poderia valer aos habitantes das Torres, para exportação da sua aguardente, couros e outros generos que „diariamente se torna mais custoza pela ezorbitancia dos Fretes das Carretas, circumstancia q.^e os obriga a não esportarem as produções das suas lavouras, pois é o frete exigido, e sup^{or} ao valor dos generos q.^e podem trazer ao mercado.“

Pouco diversa, como se vê, era, então, a situação, da que hoje se depara aos habitantes da mesma zona do territorio rio-grandense, mesmo após a realisação do velho projecto de Francisco da Paula Soares da Gama, vindo pôr em pratica a navegação das lagôas com o precario resultado que se conhece... Nada ha de novo, decididamente, sob o sol.

E o documenta, ainda uma vez, o relatorio já citado de João Daniel Hillebrand, apresentado em 1850. Contrastando, com a narativa, que acima ficou, do estado em que se achavam as colonias de Torres e Tres Forquilhas em 1847, o director da colonisação assegurava:

„As colonias das Torres e Tres Forquilhas se achão n'hum estado de prosperidade, q.^e nada deixa a desejar; os habitantes (podendo-se calcular em 450 cabeças em cada huma das Colonias), são todos bem remediados, e entre elles alguns q.^e se podem chamar de ricos. A pobreza he desconhecida n'estas colonias, q.^e formarão depositos de Mantimentos onde os Moradores da Serra vão fazer as suas compras. Alguma Caxassa e Couros curtidos vão até a capital d'esta Prov.^a, em troca de outros generos q.^e os colonos precisão.“

E', tambem, de velha data, entre nós, como facilmente, se percebe, o risonho e candido optimismo dos relatorios officiaes...

Capítulo V

O RESTABELECIMENTO DA COLONISAÇÃO

Estende-se a area destinada á colonisação —
A intervenção do governo provincial — Funda-se
a colonia de Santa Cruz — A lei 304, de 30 de
novembro de 1854 — Uma phase promissora —
A iniciativa particular — Feliz, Bom Principio,
Mundo Novo — O povoamento do valle do Taquary
— A colonia de Santa Maria da Soledade — No
valle do Cahy — Uma nova tentativa nas Missões.

Restabelecida a paz na Provincia reiniciou-se, como dissemos em capitulo anterior, a corrente immigratoria. E o anno de 1846 se assignalou como um dos de maiores entradas de todo o periodo monarchico. A cifra de 1515 colonos alle-mães, que nesse periodo se introduziram no Rio Grande do Sul, só fôra superada em 1829 e nunca mais o veiu a ser até 1889, por immigrantes da mesma procedencia.

O territorio que inicialmente se destinára á colonisação, tornara-se já insufficiente. Estendendo a area de suas lavouras, incorporando á agricultura novas terras, os colonos, haviam ido avançando pela Costa da Serra e mais tarde irradiaram pelo valle do Cahy, a cujo povoamento pouco tardou a seguir-se o dos do Taquary e do Jacuhy.

Em 1848, uma disposição legal, dando ás Provincias co-participação numa iniciativa que até ahi se restringira exclusivamente ao governo imperial, veiu contribuir para imprimir mais forte impulso á colonisação. A lei n. 514, de 28 de outubro desse anno, mandou que se concedessem a cada uma das Provincias do Imperio, „no mesmo ou em differentes lugares do seu territorio, seis leguas em quadra de terras devo-

lutas, as quaes serão exclusivamente destinadas á colonisação, e não poderão ser arroteadas por braços escravos.“

Não tardou o governo provincial a valer-se da concessão. Logo no anno seguinte, o presidente da Provincia, tenente-general Francisco José de Souza Soares de Andréa, barão de Caçapava, determinou o estabelecimento da colonia de Santa Cruz. As terras que se lhe destinavam ficavam, então no municipio do Rio Pardo, districto da Serra de Butucarahy, entre a margem esquerda do rio Pardo e o Taquary-Mirim.

A base da colonisação era a mesma: concessão gratuita de terras e subsidios temporarios. Demarcados os lotes, já a 19 de dezembro de 1849, chegaram á nova colonia os primeiros povoadores, em numero total de 13 pessoas. No anno seguinte vieram em fevereiro mais 59 e em dezembro mais 17 pessoas. Em principios de 1851, ahi se installaram mais 145 novos habitantes, entre os quaes havia 30 filhos de antigos colonos de São Leopoldo.

Data desse anno a lei provincial n. 229, de 4 de dezembro, entre cujas principaes disposições são de notar as seguintes:

„Art. 1.º — O Presidente da Provincia mandará medir, demarcar, levantar mappas e arbitrar o valor das colonias existentes em que não tenha sido feito esse serviço, e das que de novo forem estabelecidas.

„Art. 2.º — Outrosim mandará explorar terras devolutas que forem apropriadas para colonias e pedirá ao Governo Geral a concessão das de que trata o artigo 16 da lei de 28 de Outubro de 1848, sob n.º 514.

„Art. 5.º — E' tambem o Presidente autorisado a nomear um ou mais agentes na Europa para promoverem a emigração allemã para esta Provincia.

„Art. 4.º — Estes agentes perceberão a gratificação de tres patações por cada individuo de 7 a 35 annos que fizerem emigrar, e pelos maiores de 35 que forem chefes de familia, e receberão mais um conto e quinhentos milreis por cada mil individuos que enviarem dentro do prazo que fôr designado no contracto.

.....

„Art. 7.º — Cada colono que, com guia do Agente, se apresentar ao Presidente da Provincia, receberá cem mil braças quadradas de terras na colonia de Santa Cruz, ou em outras que de novo forem estabelecidas; e nos titulos, que lhe serão logo dados, se inscreverá o valor das terras, e não só as obrigações a que são sujeitos os colonos, como os favores a que os mesmos tem direito.

„Art. 8.º — Só se considerão com direito a receber terras, os colonos casados, ou viuvos com filhos e os solteiros que se casarem depois que chegarem á Provincia.

„Art. 9.º — As terras serão concedidas gratuitamente.

„Art. 10.º — Será por conta do cofre provincial a despesa da conducção dos colonos, desde o porto do Rio Grande até as colonias, e bem assim a que se fizer com ferramentas e sementes, que se lhes supprirá por uma vez somente.“

.....
Logo appareceu quem quizesse aproveitar-se das vantagens promettidas pelo governo provincial. Em 1851, Pedro Kleudgen, em contrato firmado com este, se obrigava a introduzir dous mil colonos no praso de dous annos. Não o pôde cumprir, entretanto. E os annos a que nos vimos referindo, depois da alta cifra de 1846, foram de escassas entradas:

1847.....	691
1848.....	136
1849.....	95
1850.....	128
1851.....	289
1852.....	597
1853.....	332
1854.....	382

* * *

Ao mesmo tempo, porem, se manifestava um novo factor a collaborar na grande obra da colonisação do Rio Grande: a iniciativa privada.

As vantagens já evidentes nos admiraveis resultados colhidos em São Leopoldo, os auxilios offerecidos pelos gover-

nos imperial e provincial e, mais que tudo, a prodigiosa valorisação de terras obtida mercê da colonisação, induziram varios particulares a tentar a empreza. Surgiram, assim, novas colonias na Feliz, Bom Principio, Santa Christina do Pinhal, Cahy.

Tristão José Monteiro estabeleceu a colonia de Mundo Novo, que a „Chronologia das colonias allemãs do Rio Grande do Sul“, ⁵⁹⁾ organizada pela Repartição de Estatistica, diz fundada em 1846, emquanto Koseritz, em seu relatorio de 67, attribue a fundação ao anno de 1850. E' o mesmo Koseritz, porém, quem informa que Monteiro, empresario e director da nova colonia, comprara em 1846 (donde a razão da duvida) „os terrenos situados entre os rios Santa Maria e Tocano, que margeão a estrada mais frequentada para Cima da Serra. Divididos em prazos coloniaes que o empresario vendia a 300\$000 rs., forão estes a pouco e pouco occupados por familias allemãs, tanto das já estabelecidas nas linhas velhas de S. Leopoldo, como tambem por outras que ião chegando á provincia e não achavão mais accomodações convenientes em São Leopoldo.“ ⁶⁰⁾ Ainda em 1850, o dr. Israel Rodrigues Barcellos fundou a colonia do Rincão d'El Rey, no municipio de Rio Pardo, e povoada com familias idas de São Leopoldo.

Em 1853, iniciou-se sempre por acção de particulares, o povoamento do valle do Taquary. Uma empreza constituida por Baptista, Fialho, Pereira e Cia., que passou mais tarde a ser Fialho de Vargas, fez vir da Allemanha, mediante o adiantamento de passagens e concessão de subsidios, colonos que povoaram a fazenda de Conventos.

No mesmo anno, Victorino José Ribeiro, em terras de sua propriedade, fundou a colonia da Estrella, que Koseritz diz fundada em 1856. ⁶¹⁾

⁵⁹⁾ Ernesto Pellanda — „A colonisação germanica no Rio Grande do Sul“ — Repartição de Estatistica.

⁶⁰⁾ Carlos von Koseritz — Relatorio cit., pag. 40.

⁶¹⁾ Outros dão Estrella, como fundada em 1853. Essa e outras divergencias semelhantes, como a que se refere a Mundo Novo, derivam, provavelmente, do facto de uns alludirem á creação das colonias e outros á sua effectiva installação com o estabelecimento dos primeiros colonos.

Verdade é que, em todos esses annos, a immigração se mantivera fraca, como vimos. Só em 1854, uma nova lei veio modificar a situação. „Póde mesmo dizer-se, sem medo de errar — assevera Koseritz — que a colonisação provincial só começou a vigorar mediante a lei n. 304, de 30 de Novembro de 1854, que a estabelece sobre a base da pequena propriedade rural, sendo vendidos os prazos coloniaes aos immigrants ao prazo de 5 annos.“ Ha quem faça datar dahi o inicio de um novo periodo, uma nova phase da nossa politica colonisadora. ⁶²⁾

A lei 304 consolidava, em parte, disposições anteriores; firmava o regimen da pequena propriedade, não doando a terra ao colono, mas vendendo-lh'a a baixo preço e facilitando-lhe o pagamento, bem como proporcionando-lhe todo o auxilio necessario para a sua installação e primeiros trabalhos. Era, pois, uma lei esclarecida, capaz, em verdade, de produzir os melhores frutos, visto como attendia efficientemente aos aspectos capitaes do problema. Melhor que qualquer commentario, entretanto, dirá o texto da lei, que era o seguinte:

„Art. 1.º — A colonisação na Provincia será feita sobre a base de venda de terras; para esse fim fica o respectivo Presidente authorisado a comprar-as nos lugares mais proprios quando n'elles não haja terras devolutas comprehendidas na disposição do artigo 16 da Lei geral n. 514 de 28 de Outubro de 1848. Esta venda será feita pela forma, e sob as condições seguintes:

„Art. 2.º — O Presidente da Provincia empregará as quantias annualmente consignadas pela Assembléa Provincial na compra de terras asadas para lavoura, as quaes mandará

⁶²⁾ Em seu „Retrospecto economico do Rio Grande do Sul“, o desembargador Florencio de Abreu aponta seis phases diversas na colonisação do Rio Grande: a primeira de 1824 a 1830; a segunda, desse anno, até 1844, periodo em que não houve immigração; a terceira, de 1845 a 54; a quarta, iniciada com a lei, n. 304, vae até 1873; a quinta começa em 1874, com o inicio da colonisação italiana e vae até 1894; a sexta, a partir desse anno, é a que o autor denomina phase republicana.

medir, dividir e demarcar em lotes de cem mil braças quadradas para serem expostas á venda aos colonos, sendo o preço minimo de cada lote 300\$000 rs.

„Art. 3.º — Na medição e demarcação das colonias, o Presidente da Provincia fará reservar as terras precisas para estradas, portos, Igrejas, cemiterios, e outras servidões publicas, cuja necessidade se reconhecer.

„Art. 4.º — A venda das colonias poderá ser feita á prazos, que não excedão a cinco annos, e pelo excesso pagarão os colonos o premio de um por cento ao mez, ficando as terras hypothecadas até o completo pagamento, não só d'estas, como tambem das quantias, que lhes tiverem sido adiantadas.

„Art. 5.º — Fica o Presidente da Provincia authorisado a adiantar para o auxilio da passagem dos colonos, que espontaneamente se apresentarem na Provincia, até a quantia de 50\$000 por cada um, qualquer que seja sua idade ou sexo, com obrigação do embolso no prazo e com as condições do artigo antecedente.

„Art. 6.º — Fica tambem authorisado a fazer as despesas indispensaveis com as accomodações dos colonos, em quanto não chegarem ao lugar de seu destino, e se não estabelecerem em casas proprias, sem que elles fiquem na obrigação do embolso d'estas quantias.

„Art. 7.º — O mesmo Presidente deligenciará a entrada para as colonias de familias brasileiras agricolas, e laboriosas, vendendo-lhes as terras com os favores e onus expressos na presente lei.

„Art. 8.º — Os colonos poderão cultivar suas terras por si mesmos, ou por meio de pessoas assalariadas; não poderão, porem fazel-o por meio de escravos seus, ou alheios, nem possuil-os nas terras das colonias sobre qualquer pretexto que seja.

„Art. 9.º — O Presidente da Provincia fará o regulamento e dará as instrucções precisas para a boa execução da presente lei.

„Art. 10.º — Ficão revogadas as disposições em contrario.“

Promulgada a lei, não tardam a se lhe sentir os effeitos.

De 1855 a 1859, o movimento immigratorio allemão para o Rio Grande do Sul se intensifica. Entram no quinquennio, 5024 immigrantes. Sobrevem, logo, porem, um tropeço: o governo da Prussia proibe a propaganda em favor da emigração para o Brasil e as saidas immediatamente declinam. Em 1866, em meio das difficuldades que a guerra com o Paraguay acarreta, extingue-se o cargo de agente interprete no Rio Grande e supprimem-se todas as despesas com a colonisação. Mas as vantagens desta já se haviam tornado demasiado evidentes. Os seus beneficios iam em crescendo. E o art. 21 da lei provincial n. 603, de 10 de janeiro do anno seguinte, restabeleceu os auxilios da provincia aos immigrantes recém-chegados.

Entraram ao todo, na decada de 1860 a 1870, 6355 immigrantes allemães.

* *

*

Ao influxo da lei n. 304, activa-se, como dissemos, a obra da colonisação. Fundam-se novas colonias e inicia-se ou se intensifica o povoamento das já creadas. Estrella acolhe seus primeiros povoadores. Santa Cruz recebe grande impulso. Particulares fundam, em 1854, a colonia Silva, situada entre Conventos e a villa de Taquary, colonia de pequenas porções, cuja area territorial não excede de tres leguas; em 1856, surge a colonia Mariante, ainda no valle do Taquary, e Maratá, no do Cahy, ás margens do arnoio que lhe empresta o nome.

Em 1857, o conde Paulo de Montavel, funda a colonia de Santa Maria da Soledade, ás margens do Cahy. São seus socios na empreza, o dr. Israel Soares de Barcellos, dr. Dionysio d'Oliveira Silverio e João Coelho Barreto. Obrigára-se Montavel a comprar e colonisar „quatro territorios ou dezeseis leguas quadradas de terras, por elle escolhidas de accordo com

o Governo Imperial e nas proximidades do rio Cahy“. Assumira, ainda, a empresa, a obrigação de introduzir 1440 colonos num anno. Mas o praso findara com a entrada de apenas 256 immigrants, aos quaes ha a accrescentar 157 chegados depois do escoamento daquelle.

No mesmo anno de 1857, fundaram-se, na mesma zona, as colonias particulares de Brochier e Parecy, do mesmo passo que outros pequenos nucleos se iam estabelecendo.

O governo provincial retomára o projecto de colonisação das Missões, onde a primeira tentativa tão lamentavelmente falhara em 1824. Uma lei de 30 de novembro de 1855 creara a colonia de Santo Angelo, mas só em 1857 veio ella a ser effectivamente estabelecida. Outra lei provincial do mesmo anno, creou a colonia de Nova Petropolis, onde em 1858 se installaram os primeiros colonos. Situada „no municipio de São Leopoldo, entre o Cahy e a Barra Geral“, destinava-se a „servir de interposto commercial entre Porto Alegre e Cima da Serra.“

E' de 58, ainda, a fundação de Teutonia, no Taquary. E no mesmo anno, um novo centro de colonisação se abre, no sul do Estado. Uma empresa particular, a do negociante allemão Jacob Rheingantz, funda a colonia de São Lourenço, no 4.º districto de Pelotas. O governo imperial subvenciona a colonia, dando ao seu fundador o premio de 20\$000 por colono adulto que nella se fixar, vindo da Allemanha. Situada „nas fraldas da Serra dos Tapes, acha-se na proximidade do navegavel Camaquã.“ Para ella se antevê risonho futuro e a sua fundação dá logar a esperanças que se não confirmam: „Dahi se espalhará a colonisação — escrevia-se annos após a sua criação — pela citada Serra dos Taipes e mais tarde pelos vastos e ricos municipios de Cangussú, Piratinim e Bagé, onde principalmente o cultivo do trigo que produz com grande espontaneidade e abundancia, contribuirá muito para a prosperidade da Provincia.“

Por acto de 8 de fevereiro de 1859, o presidente da Provincia funda ainda a colonia Monte Alverne, contigua á de Santa Cruz, mas situada em terras do municipio de Taquary.

E a acção particular, amparada, com alternativas de maior ou menor efficiencia, pelos auxilios dos governos imperial e provincial, prosegue na sua acção: Desterro, São Caetano, São Vendelino, Candelaria, Sinimbú, Arroio do Meio, Santa Clara. Cafundó e outras colonias attestam, no periodo que se estende até 1874, a actividade privada na obra da colonisação.

No entretempo, novos factores interveem para activar-a. Contrastando com a propaganda hostile que, na Allemanha, se desenvolve contra a immigração para o Brasil e até mesmo, como vimos, com actos do governo prussiano tendentes a restringil-a, observa-se de 1860 em diante a entrada espontanea de colonos. Em quatro annos, estes sommam um total de 769 e, no anno de 1863, os immigrants espontaneos excedem em numero, aos contratados, demonstrando as novas possibilidades que se abrem á colonisação.

Por outro lado, o interesse colectivo por esta se accentua e surgem manifestações desse interesse da parte das administrações locais. Em 1866, a camara municipal de Cruz Alta dirige-se ao agente interprete da colonisação, que era então Carlos von Koseritz, pedindo-lhe encaminhar para aquella villa certo numero de colonos. Á cada familia a Camara concederia duzentas mil braças quadradas de terras que comprara ao governo, ao longo da estrada do Fachinal, com a obrigação para os colonos de cultivar a terra e conservar a estrada, na parte correspondente a seus prazos. Não houve, entretanto quem aceitasse a proposta.

Até 1873, excluidas algumas tentativas destinadas a lamentavel fracasso, que se fizeram com immigrants norte-americanos e irlandezes, a immigração europeia para o Rio Grande do Sul se constituia exclusivamente de elementos de origem germanica. Só esporadicamente a elles se sommavam pequenos grupos de outras nacionalidades.

De 1871 a 1874, haviam entrado 3.226 novos colonos allemaes. O total destes, recebidos pela Provincia, desde 1822, alcançava, assim, a 24.893. Mas a sua descendencia desdobrava-se, numerosa, povoando vastissima zona, attingindo porcentagem elevada na população total do Rio Grande do Sul e

desenvolvendo como adiante havemos de vêr, uma capacidade produtora que já lhe dava, desde esse tempo, posição de relevo na formação da riqueza da Provincia.

Os annos de 1872 e 73, assignalam com cifras de apreciavel importancia, a chegada de colonos de outra procedencia. Em 1874, a corrente italiana se inicia tomando rapidamente vulto, e superando em breve a allemã, na cifra das entradas. E fica encerrado, então, o cyclo em que a colonisação do Rio Grande se fundára exclusivamente no trabalho allemão.

Capítulo VI

CAUSAS DE RETARDAMENTO E DE PERTURBAÇÃO

A luta contra a natureza — A ameaça dos índios — Afastada com a derrubada das mattas, esta se manteve, entretanto, durante longos annos — Uma absurda concepção dos governantes — Colonias destinadas á abertura de communicações em regiões semi-desertas — O isolamentes e as distancias — Questões religiosas — As questões de terras — Conflictos graves que se geravam da defeituosa discriminação das terras — Um mal que se prolongou até quasi os nossos dias.

Nas novas zonas que se iam povoando depois que, findo o decennio farroupilha, se restabelecera a immigração, não estariam os colonos recém-chegados sujeitos ás penurias em que se haviam encontrado os seus antecessores das levas iniciais de 1824, nem se sentiriam como estes em tão grande e desconsolado abandono. Nem por isso, entretanto, seriam pequenas as difficuldades a vencer, as privações a soffrer e os perigos a arrostar.

Não lhes aconteceria, provavelmente, como aos primeiros moradores dos campos da Estancia Velha, verem-se sem phosphoros, de maneira que quando se lhes apagava o fogo, no rancho, tinham de andar bom pedaço para ir buscar umas brazas ou um tição á choupana do visinho mais proximo. Não teriam, talvez, de substituir, como aquelles, as chicanas de que não dispunham, pelos porongos que o matto lhes fornecia. ⁶³⁾

⁶³⁾ Segundo a narrativa fidedigna de um desses primeiros colonos, confirmada pelo depoimento de outros, e registrada por Leopoldo Petry, nos seus dados sobre „O municipio de São Leopoldo“ já cit.

Mas para o seu estabelecimento nas terras que a cada um eram designadas os trabalhos iniciaes seriam os mesmos e a luta a sustentar, para colher os primeiros fructos, das mais rudes. Por toda parte, as novas colonias eram envolvidas pela matta. Assim acontecia, com a de Santa Cruz, com as que se iam estabelecendo pela Costa da Serra e até mesmo com as que se installavam no valle dos rios, embora algumas destas tivessem, por estar mais proximas das margens daquelles, maiores facilidades de comunicação.

Chegados ao local, a primeira tarefa seria improvisar, numa aberta do matto, uma tosca habitação que os resguardasse das intemperies. Quatro páos fincados no chão; galhos de arvores trançando-se para formar as paredes, revestidos de folhas ou cobertas de barro amassado; outros galhos ou folhas de girivá formando o tecto — e estava prompta a morada dos primeiros tempos, que se contariam por semanas ou por mezes.⁶⁴⁾ Ella seria, depois, melhorada, quando desbravada a terra, substituida uma parte da matta pelas primeiras roças, o intervallo entre os trabalhos da lavoura e a segurança da alimentação garantida pelas primeiras colheitas, deixasse vagar para isso.

Construido o rancho, onde caixões faziam as vezes de mesas e cadeiras e, talvez, de camas, iniciava-se a derrubada, com a ferramenta que o governo fornecia. Os primeiros colonos installados em São Leopoldo faziam pequenas fogueiras com os galhos partidos das arvores que abatiam. Atemorizava-os a idéa de pôr fogo a toda a derrubada, dominados pelo pavor da devastação que as chammas poderiam fazer na matta. Nas novas colonias, muitos dos povoadores eram já descendentes daquelles e os recém-chegados da Allemanha delles recebiam instrucções, de maneira que uns e outros agiam com mais desenvoltura e mais rapidez.

Ainda assim, o trabalho era penoso até que a terra se lhes mostrasse prompta para dar começo á plantação. E a

⁶⁴⁾ „Rancho de „pau a pique“ era luxo de que só mais tarde puderam desfrutar os colonos“ — diz J. Bittencourt de Menezes em seus apontamentos relativos ao Municipio de Santa Cruz.

alimentação desses primeiros tempos mais que frugal. Se havia horas de desanimo, periodos de desalento, aggravado pela nostalgia da patria distante, compensavam-nas, porem, as esperanças de um futuro em que a abastança asseguraria a plena independencia. E os colonos perseveravam no trabalho com uma fé que não seria desmentida e até mesmo com uma alegria de que se encontram frequentes manifestações nas cartas que dirigiam a seus parentes na Europa, convidando-os a vir partilhar seu destino.

* * *

A matta que circundava, na maioria dos casos, as novas colonias ou que, em longos trechos, as separava dos centros mais povoados, onde iam mercadejar seus produtos ou fazer suas aquisições, occultava, então, multiplos perigos.

Atravessadas, apenas, por estreitas picadas, infestavam-nas feras temiveis e em muitos pontos, os colonos aguardavam a descida de tropas que baixavam da Serra para unir-se a estas e marchar sob a sua protecção.

Por muito tempo, porem, em determinadas zonas, o perigo maior o constituiram os indios. Vimos o que delles tiveram de soffrer os primeiros povoadores de São Leopoldo. A' medida que a zona povoada se fôra alargando, aquelles haviam podido ir gozando de uma tranquillidade maior, mas o perigo substituiu para os habitantes da periphéria dessa zona e crescia para os que se intallavam pela costa da Serra.

De quando em quando, os bugres, rechassados cada vez mais para o norte pelo constante avanço dos povoadores brancos, faziam uma sortida. Caindo de surpresa sobre as colonias mais distantes e mais isoladas, matavam os homens que ali encontravam desprevenidos, apoderavam-se das mulheres e creanças que conduziam consigo e roubavam viveres e utensilios. Voltavam, em seguida, a refugiar-se na floresta, aavez da qual, em dias de successiva marcha, se afastavam do theatro de suas sangrentas investidas tornando improficua toda perseguição. Colonos houve que tiveram de deixar as

picadas mais distantes onde se haviam primitivamente instalado e mudaram suas habitações para pontos onde mais facil lhes fosse contar com o auxilio dos vizinhos para fazer face aos ataques dos selvagens.

A crescente derrubada da malta foi afastando o perigo e a anterior situação mais se modificou no decorrer da guerra dos farrapos. As marchas constantes de tropas de uma e outra parcialidade, a presença quasi continua de grupos armados e a maior vigilancia então exercida em consequencia do estado de guerra, obrigavam os indigenas a retrair-se.

Em 1831, numa terrivel investida, contra a picada do Hortencio, onze pessoas haviam sido mortas pelos indios. Fora, no periodo que se contava desde o inicio da colonisação, a sua ultima façanha. E para os colonos de São Leopoldo e das picadas proximas o perigo não mais se renovou.

Mas, na zona do Mundo Novo, em 1852, um bando de indios que se dizia chefiado por um escravo fugido, alcunhado João Grande, entrou a semear de novo o terror. Num dia de janeiro, caíram elles sobre uma colonia cujo proprietario mataram, saqueando a casa e levando consigo a mulher, uma filha casada e dous filhos menores do assassinado. Depois de longos mezes de captiveiro, as duas mulheres puderam fugir e aos que as acolheram deram, então, indicações que permittiram encontrar o terrivel bando e exterminar-o, salvando os menores que já estavam mais ou menos afeitos á vida dos selvagens. Desde essa época, os colonos do valle do rio dos Sinos puderam viver tranquillos, a salvo de novas ameaças dos selvicolas.

Mas o perigo, que dessa região desaparecera e que, depois de 1831 só voltára a manifestar-se nesse breve surto de 1852 logo extinto no anno seguinte, continuára a subsistir para os colonos que haviam ido installar-se, mais ao norte, no valle do Cahy. Os povoadores de Montenegro tiveram de soffrer as mesmas duras vicissitudes a que os primeiros habitantes do rio dos Sinos se haviam visto expostos.

Em 1847, uma communicação feita pelo delegado de policia do municipio de Triumpho, em cuja jurisdicção então se achavam as terras do actual municipio de Montenegro, infor-

mava ao chefe de policia que „os Bugres tem continuado a accometter varias Cazas na Serra Geral“. E em outros documentos se menciona um ataque á casa de „Augusto, Francez, no Maratá, do que resultou matarem um preto crioulo, e levarem huma China de nome Maria Rita, com dous filhos pequenos.“

Ainda em 1851, segundo informa outro officio enviado ao chefe de policia, os „bugres continuão a apparecer pelas extremidades dos mattos da Costa da Serra geral pertencente a este Municipio e q. pelas manr.^{as} misteriosas que apresentam, indica q. os seus fins são sinistros; e talvez identicos aos horrorosos acontecim.^{tos} que infelizm.^e tiverão logar na Vaccaria, praticados por taes selvagens.“ ⁶⁵⁾

E a pressão desse temor que os indios despertavam e a ameaça sangrenta de seus assaltos pairaram ainda por muitos annos sobre os colonos installados no valle do Cahy, se bem pouco a pouco as fossem arredando a derrubada da matta fora da qual aquelles se não animavam a apparecer. Basta recordar que só em 1864, Antonio Machado de Souza, seguido de oito companheiros de confiança, conseguiu fazer a primeira travessia do sertão, partindo de Montenegro para ir ter a São Francisco de Cima da Serra. Em caminho, deparou-se-lhes um campestre, onde encontraram ranchos abandonados e outros indicios de que ali existira um acampamento de indigenas: a esse local se denominou Campo dos Bugres e nelle se levanta hoje, florescente, a cidade de Caxias.

Não havia muito, pois, eram dominio inviolado dos aborigenes aquellas paragens de que os invasores brancos se iam gradativamente avizinhandos e assenhoreando. Não admira houvessem estes de soffrer, assim, de quando em quando, os effeitos da colera e da ferocidade dos indios revoltados contra os novos senhores da terra de que outrora haviam sido exclusivos habitantes.

⁶⁵⁾ O officio, como os anteriormente mencionados, vem reproduzido na integra na publicação official commemoratiya do primeiro cincoentenário da criação do municipio de Montenegro, trabalho de José Candido de Campos Netto.

Ainda em 1868, num assalto á casa de um colono de Santa Maria da Soledade, foram arrebatados pelos bugres a mulher e filhos daquelle. E nunca mais delles houve noticias, porque foram infrutíferas todas as batidas aos mattos para descoberta dos raptos e resgate de suas victimas. Dous annos mais tarde, no relatorio com que passava, ao seu substituto, o governo da Provincia, o presidente desta, dr. João Sertorio informava: „Chegando ao meu conhecimento que tem-se dado correrias de indigenas em diversos pontos da colonia Nova Petropolis, o que me foi relatado na digressão que fiz áquella Colonia, reconhecendo que o destacamento ali estacionado para repellir as aggressões dos indigenas não tem produzido os desejados resultados, resolvi nomear a João Weisheimer para com 20 colonos percorrerem 15 dias as Linhas Feliz, Soledade e Nova Petropolis, com o fim de chamar os indigenas ao gremio da civilisação e fazel-os respeitar os habitantes daquellas linhas. A João Weisheimer recommendei que, no desempenho de sua commissão, proeedesse com a maior prudencia, certo que só lhe era permittido offender os infelizes indigenas quando o exigisse a propria defeza, nos termos do codigo criminal.“⁶⁶)

Eram as ultimas ameaças. Dahi por diante, o perigo se dissiparia. Os italianos iam começar, pouco tempo depois, a instalar-se nas terras situadas ao norte da zona povoada pelos allemães. Os selvicolas seriam definitivamente repellidos e as novas colonias, que soffreram, aliás, mais de uma incur-são, serviriam de solido anteparo ás antigas.

Os allemães haviam pago, porem, por longo tempo, como succedeu, em todas as épocas, aos primeiros povoadores, a tra-vez de todo o paiz, o seu tributo á colera dos aborigenes esbu-lhados de seus dominios.

* *

Em 1864, o presidente da Provincia, dr. João Marcellino de Souza Gonzaga, assignalando quanto era deficiente o sys-

⁶⁶) Relatorio do presidente da Provincia, dr. João Sertorio, em 29 de agosto de 1870, passando o governo ao seu substituto dr. João Capistrano de Miranda e Castro. Pag. 17.

tema de communicações então existente, duvidava se pudesse dar, realmente, tal nome „á rêde de trilhos e carreiros, abertos mais pelo pé do que pela mão do homem, de que está em parte dotado o territorio da Provincia“.

E ainda alguns annos mais tarde, em 1868, o quadro que, a respeito, traça o conselheiro Camargo, é o mais desolador possível: „O que existe em relação a este importante elemento de progresso e civilisação, é o que nos deu a natureza no seu estado primitivo: caminhos que se estendem e ramificação pelo dorso das coxilhas que constituem os nossos campos, e que cortão as encostas das nossas ingremes e escabrosas serras. Os rios, arroios e banhados que atravessão o territorio da provincia em todos os sentidos e direcções, são transpostos pela força e energia dos animaes que tirão as nossas pesadas e tradicionaes carretas. Na estação invernosa, quando não cessão completamente os nossos transportes pela campanha, as viagens são realisadas em um tempo que decorre contado por mezes. E quantas vezes são os dias consumidos esperando os transportes a margem de um rio ou arroio que baixem suas aguas.“ 67)

Se assim era quasi ao termo da setima decada do seculo passado, não custa muito imaginar o que seria, já não diremos ao tempo da vinda dos primeiros colonos installados na antiga Real Feitoria de Linho Canhamo, mas quando passado o vendaval revolucionario de 35, se retomou a faina colonizadora. As estradas que no Rio Grande se conheciam eram as que haviam marcado no solo, inicialmente, as entradas dos primeiros exploradores vindos de São Paulo e, mais tarde, as marchas dos contingentes militares em longos annos agitados e trabalhosos de incessantes lutas com os povos vizinhos.

Não obedeciam, pois, a nenhuma preocupação de ordem economica, nem, traçadas mais ou menos ao acaso, como haviam sido, podiam ser elemento effectivo de povoamento e de desenvolvimento. Verifica-se mesmo que, com o tempo, vieram a ser inteiramente abandonados os caminhos que haviam constituido as grandes vias de communicação anteriores

67) A. Eleutherio de Camargo — Quadro Estatístico e Geographico da Provincia. — Pag. 122.

e que iam decaindo á medida que novas actividades orientavam a outros rumos a vida do Rio Grande e creavam imperativos desconhecidos numa phase de quasi exclusiva acção militar.

A isso, entretanto, não haviam attendido os governantes do tempo. Se os primeiros colonos, installados ás margens do rio dos Sinos ou a pequena distancia dellas, tinham nesse curso d'agua meio facil de communicação com a capital da Provincia, já o mesmo não acontecia aos descendentes daquelles ou aos que, chegados depois, se iam, pouco e pouco afastando do primitivo nucleo. Ante o descaso das autoridades provinciaes, eram os proprios colonos que se encarregavam de abrir caminhos, conservando-os e compondo-os á sua custa, como á sua custa iam construindo e conservando algumas poucas pontes. Em 1854, em seu relatorio ao presidente da Provincia, documento verdadeiramente precioso pela abundancia dos informes que ministra, constituindo um quadro completo e minucioso da vida das colonias que se compreendiam na então vastissima area no municipio de São Leopoldo, João Daniel Hillebrand dá noticia de um importante melhoramento que os colonos iam effectuar „a suas proprias custas“: „a abertura de uma picada que segue da picada do Hortencio ao porto do Bernardo Matheos, sobre a margem esquerda do Rio Cahy, cuja distancia he calculada em tres legoas e meia“. ⁶⁸⁾

E ainda no mesmo documento se pede „a abertura da estrada que segue da Villa de S. Leopoldo a Colonia do Mundo Novo, passando pela Capella de Santa Christina, vulgarmente denominado Pinhal“, estrada cujos trabalhos vieram a iniciar-se em outubro de 1855.

Os habitantes das colonias installadas ás margens ou nos valles dos rios, embora a navegação nelles, á falta de dragagem ou de limpeza, nem sempre fosse facil, deveriam considerar-se muito felizes no confronto com os que iam sendo installados em zonas inteiramente desprovidas de communicações, completamente arredadas dos poucos caminhos que então rasgavam o territorio da Provincia. Predominou, com effeito, na

⁶⁸⁾ Relatorio de João Daniel Hillebrand, em 1854 — Revista do Archivo Publico; nºs 15-16 — 1924 — Pag. 430.

fundação de algumas colonias, uma concepção interessante: não se cuidara de installal-as em pontos onde facil fosse aos seus povoadores pôr-se em contacto com os centros principaes da Provincia ou donde pudessem enviar, sem graves difficuldades, os produtos de seu trabalho a mercados proximo. Ao contrario, installavam-se colonias, não raro em meio de immensas solidões desertas, para assegurar, mediante o seu estabelecimento, pontos de apoio ás communicações entre zonas distantes, quando não para abrir taes communicações ainda inexistentes.

Vimos que, em 1824, com o proposito de tornar „mais formidavel a linha de fronteira do Uruguay“, se fizera uma louca tentativa de colonização das Missões, destinada a irremediavel fracasso. Dos elementos que para ali se enviaram, a grande maioria acabou fugindo, uns para o paiz visinho, outros dispersos pelo territorio da Provincia. Da leva que o capitão Alexandre J. Bernardes conduzira em dezembro de 1824, apenas raros descendentes por ali ficaram. ⁶⁹⁾

Pois bem: em 1855 se renovou a tentativa. Uma lei provincial desse anno creou a colonia de Santo Angelo, onde dous annos depois se installaram os primeiros 119 colonos vindos da Allemanha. O objectivo que se visava era a abertura de „communicação directa entre a Cruz Alta (Cima da Serra) e a fronteira de Alegrete. Dez annos depois, essa communicação ainda se não abrira. Santo Angelo dispunha de uma unica estrada a

⁶⁹⁾ O dr. Hemeterio José Velloso da Silveira, em sua obra „As Missões Orientaes“, referindo-se a taes povoadores, relata ao tratar do povoado de São João das Missões: „Ficaram apenas residindo Ernesto Kruel, cujos filhos enriqueceram no commercio, Carlos Holsbach que se estabeleceu em São João Merim, Tristão Frederico Schmitt, que com seus filhos foi residir nas proximidades de São Miguel e João Bulgsdorph entre São João e São Miguel. Esses poucos colonos souberam honrar as tradições de sua operosa raça, mantendo em seus lares, até seus netos e bisnetos sua lingua, costumes e vida laboriosa“.

Essas notas se referem a 1886. Em publicação mais recente, o ultimo relatorio municipal de Santo Angelo, em interssante estudo-estatistico sobre o municipio, elaborado pelo sr. S. Dias Ferreira, encontra-se a seguinte referencia: „Essa colonia estabelecida no então municipio de S. Luiz da Leal Bragança, foi extinta em 1827 e dos colonos vindos para ali alguns ficaram, e delles descendem as familias Schmidt e Schölze que ainda existem no 3.º districto.“

que por euphemismo se dava o nome de „estrada geral“, mas cujo estado deixava muito a desejar: atravez de uma extensão de doze leguas, a estrada ligava a colonia a Cachoeira. Por outra parte, o director da colonia, barão de Kalden, mandára „á sua custa, abrir um pique, que na extensão apenas de 3 leguas, conduz directamente para Cima da Serra e está sendo transitado, embora com difficuldade“. ⁷⁰⁾ Mas a comunicação directa entre essa região e a da fronteira de Alegrete, que a criação da colonia fora destinada a estabelecer permanecia apenas como uma aspiração: „Com muito resumido dispendio poderia abrir-se uma estrada boa para cargueiros que encurtaria muitas leguas ás communicações entre a Cruz Alta e a fronteira, e offereceria, ao mesmo tempo aos colonos de Santo Angelo occasião de permutarem os seus productos com os de Cima da Serra“.

Emquanto, porem, a aspiração se não realizava, Santo Angelo permanecia no seu quasi completo isolamento, causa da vida precaria da colonia e do escasso desenvolvimento desta, que, tanto sob o ponto de vista do povoamento como do da produção, ficava longe do que alcançavam as colonias melhor aquinhoadas dos valles dos grandes rios que levam suas aguas ao Guahyba.

A fundação da colonia de Santa Cruz obedeceu a idêntica orientação. A lei provincial n. 111, de 6 de dezembro de 1847 autorizava a abertura de uma estrada de Rio Pardo á Cruz Alta. E a colonia fundada pelo barão de Caçapava, dous annos após, visava facilitar a execução daquella lei, pelo estabelecimento de comunicação directa entre Rio Pardo e os campos de Cima da Serra, de modo a attrair para aquella cidade que era, ao tempo, centro de intensa actividade commercial, o trafico da referida zona.

A estrada, porem, tardou a fazer-se. Muitos annos depois, ella ainda era simples projecto e Santa Cruz, embora progredindo consideravelmente, tinha na difficuldade de communicações, o principal obstaculo a mais amplo desenvolvimento. Aquellas se faziam através de picadas estreitas que, na epoca

⁷⁰⁾ Relatorio do Agente Interprete da Colonisação, ao presidente da Provincia, em 1867. — Pag. 30.

das chuvas se tornavam intransitaveis até mesmo para cargueiros. Custavam a vencer as seis leguas de percurso que mediavam entre a colonia e a cidade do Rio Pardo. E, como nos primeiros tempos, nem todos os colonos dispunham de animaes para o transporte, conta-se que muitos delles faziam, a pé, o percurso de dez e mais leguas até o Capivary, onde iam comprar porcos, que pagavam com seus produtos.⁷¹⁾

Assim, a distancia em que a absurda orientação dos governantes os localisava, e o isolamento a que os condemnava a inercia das administrações criavam para os colonos uma situação penosa, em que elles tinham de triumphar, primeiro, de seu proprio desalento, para empreender, depois, a luta contra aquelles obstaculos.

* * *

Não se pôde, em verdade, ao tratar da colonisação allemã no Rio Grande do Sul, falar em lutas religiosas.

Procedentes de diversas regiões da Allemanha, de credos diversos, os colonos recém-chegados iam sendo installados ao azar da distribuição de terras, sem que qualquer distincção de ordem religiosa influísse na sua localisação e, desse modo, catholicos e protestantes visinhavam, em completa paz, ao mesmo tempo que recebia tratamento de perfeita igualdade.⁷²⁾ Apenas, os primeiros, num paiz essencialmente catholico, onde a sua religião era a do Estado, encontravam maiores facilidades para attender ás necessidades do seu culto.

Em relação aos protestantes, porém, também não se descurára por completo, esse problema. Mas, ao resolvê-lo, o major Schaeffer o fizera com a mesma ausencia de escrúpulos que puzera no engajamento dos colonos. Assim, entre os primeiros destes, trouxera elle, contratado um pastor evangelico João Jorge Ehlers, que ia dar muito que falar de si. Não tardou muito se incompatibilizasse com os de seu proprio credo. Mais de uma vez, as autoridades tiveram de receber-lhe as queixas de

⁷¹⁾ Assim informa J. Bittencourt de Menezes em seus apontamentos sobre o Municipio de Santa Cruz.

⁷²⁾ Apenas uma excepção se conhece a esta regra geral: a da colonia de Torres e Tres Forquilhas.

desacatos de que se lamentava, mas a que a sua propria conducta dava logar. Do mesmo modo affluiram as accusações contra elle e, numa representação ao presidente da Provincia, numerosos colonos declaravam que ninguem frequentava suas predicas, taxavam-no de mentiroso e affirmavam que, apesar do sacerdocio não era infenso ao consumo da aguardente, cuja venda o inspector da colonia proibira... Mas nada disso devia surpreender, á vista de uma informação prestada ao presidente da Provincia. Defendendo-se de uma accusação que Ehlers lhe fizera, o medico Carlos von Ende dizia, dirigindo-se áquelle: „... não hé de estranhar, q' o dito Pastor passe agora inventar semelhantes couzas pois q' já em Hamburgo, como a maior parte da sua congrua sabe, foi a sua principal e predileta occupação, de cabalar, intrigar, e calumniar, e q' já naquella cid.^e foi em consequencia de más accoens por elle praticadas publicam.^{te} demetido do posto eccleziastico q' occupava, de sorte q' tinha q' congratular-se extremam.^{te}, quando o Major Schaeffer, compaxionandose delle, o dexpedio p.^a este Imperio, onde desgraçadame.^{te} occupa o lugar de Pastor, sertam.^{te} em desabono desta Col.^a 73)

Não havia de ser facil, aliás, conseguir que os pastores allemães viessem exercer seu ministerio, em terra tão distante da sua, nas condições que aqui se lhe deparavam. Ehlers, durante um anno inteiro, só recebera, do governo imperial, os alimentos necessários á sua subsistencia e á de seus filhos. O subsidio annual de duzentos mil réis não lhe fôra pago. Mais tarde, quando pediu augmento do subsidio, este foi elevado ao dobro.

Aos sacerdotes protestantes, que vieram depois e que se não mediam pela craveira moral de Ehlers, as vantagens concedidas não eram maiores. E mais tarde, foram de todo supprimidas. Assim, é natural que se deparassem serias difficuldades ao exercicio do culto protestante. O facto mereceu a attenção do ministro da Prussia Eichmann o qual, em memoria enviada ao ministro da Agricultura, depois de uma visita ao

73) Revista do Archivo Publico — Ns. 15-16 — 1924 — Pag. 263
Officio de Carlos von Ende ao presidente da Provincia.

Rio Grande do Sul, em 1863, após de alludir ao reconhecimento expresso, pelas leis do Imperio, da legalidade das funcções religiosas que os pastores protestantes tinham a cumprir, dizia: „... e como essas funcções são da mais alta importancia para a vida civil, parece-me que o Estado não se deveria mais abster de fornecer aos pastores protestantes os meios de subsistencia de que precisam para preencher os deveres do culto.“ 74)

Mais tarde, o proprio augmento da população protestante, avaliada pelo ministro Eichmann, em 25.000 almas, á epoca de sua viagem, veio facilitar o custeio das despesas do culto. Surgia, porém, a esse tempo, outra preocupação: a da desigualdade de direitos entre catholicos e protestantes. Os filhos dos immigrants não catholicos, nascidos no Brasil, mas educados na religião de seus paes, ou os allemães naturalizados, completamente integrados na vida nacional, viam, naturalmente, com pezar, e lamentavam, sobretudo, como um signal de inferioridade, as restricções que a lei lhes oppunha e que, de resto, se cifravam, apenas, á inelegibilidade para os cargos publicos.

Não faltavam, pois, preocupações de ordem religiosa, mas não se póde propriamente falar em lutas de religião. De quando em quando surgiam, entretanto, aqui ou ali, incidentes provocado pela intolerancia de uns ou pelo fanatismo de outros. Hillebrand, em seu relatorio de 1854, accusa de intolerancia os padres missionarios jesuitas, o que, desde a entrada destes na colonia „além de ter exitado no principio a rivalidade entre os Colonos de differentes Ritos, foi causa da desunião de muitas familias, principalmente entre os conjuges que vivião em matrimonio mixto.“ 75) E' que os missionarios jesuitas se recusavam a casar catholicos com mulheres protestantes, ou vice-versa, como faziam, antes, outros sacerdotes catholicos e os pastores protestantes, do mesmo modo que se recusavam

74) Revista do Archivo Publico — 15-16 — 1924. Memoria de ministro da Prussia no Rio de Janeiro, Eichmann. Pag. 303.

75) Relatorio de 1854, na Revista do Archivo Publico — N. 15-16 — 1924. Pag. 385.

a baptisar filhos de catholicos, que tivessem protestantes como padrinhos.

Carlos von Koseritz, em seu relatório como agente interprete da colonisação, em 1867, referindo-se á colonia de São Lourenço, lamentava que esta tivesse „vindo a soffrer com intrigas e perturbações da ordem publica, provocadas por alguns individuos de más intenções, que valendo-se de pretextos religiosos, tem sabido semear a discordia no seio d'aquelle florescente estabelecimento Colonial.“ Da colonia de Santa Maria da Soledade tambem se sabe, que a prejudicou muito, de começo, e lhe ia comprometendo seriamente a existencia, a intolerancia do seu fundador, conde de Montravel, empenhado em só admittir ali colonos catholicos.

Um drama sangrento e brutal, a tragedia sombria dos „Muckers“ abalou, entretanto, profundamente o municipio de São Leopoldo e perturbou a paz de seus habitantes. Esse, porém, não deve ser considerado episodio de luta religiosa, mas como o que realmente foi: obra de fanatismo e de ignorancia. Para o desfecho tragico que os acontecimentos tiveram concorreram a incuria e a imprevidencia dos governantes.

Em torno de um carpinteiro que se fizera medico, da noute para o dia, João Jorge Mauer, e de sua mulher, Jacobina, dada primeiro como sonnambula e depois arvorada em prophetisa, começou, no Ferrabraz, a reunir-se uma multidão ignorante e credula, convencida da realidade dos milagres que ao casal se attribuiam. Crescendo o numero daquella, promptamente a credence se transformou em devoção e os colonos fanatisados por Jacobina passar a formar uma verdadeira seita, com as suas praticas religiosas, grotescas em parte e em parte immoraes, nas quaes á leitura da Biblia, interpretada á sua feição pela prophetisa, se entremeiavam ceremonias como a do osculo dos escolhidos, de duvidosa explicação.

Não tardaram os incidentes, as discussões e os conflictos entre os „muckers“ fanatisados e os colonos que se não haviam deixado arrastar pelo embuste. De começo houvera sido facil conter o movimento se se lhe tivesse prestado maior attenção. As vacillações das autoridades, que depois de haver reme-

Maurer e sua mulher para Porto Alegre, instaurando-lhes processo, para permittir-lhes, depois, a volta ao scenario de suas façanhas, para renovação de suas praticas, serviram de estímulo aos „muckers“. Começaram estes a tomar vinganças dos que julgaram seus perseguidores ou dos que tinham por inimigos de sua seita. Os annos de 1872 a 74 se assignalaram por uma serie de assaltos, incendios, assassinios que puzeram em sobresalto toda uma vasta região até ahi consagrada á vida tranquilla do trabalho dos campos.

Onde um esforço preventivo houvera sido bastante para evitar, talvez, a tragedia, tornou-se insufficiente, afinal, a acção repressora da policia, pessimamente aparelhada aliás. Para combater o furor desencadeado dos „muckers“ foi necessario recorrer a uma expedição militar. Enviou-se um contingente que até artilharia levava para o arrasamento do reducto dos fanaticos, e que ia sob o commando do coronel Genuino Sampaio. Derrotado num primeiro choque, o bravo official veio a fallecer, á falta de cuidados promptos, em consequencia de um ferimento de natureza leve que recebera. Prolongou-se, por muitas semanas, a luta, em que os atacados tinham a vantagem do perfeito conhecimento da zona em que operavam e onde, emboscados na matta, facil lhes era arrastar a traíçoerías tocaias os atacantes. Afinal, num assalto decisivo, em agosto de 1874, os „muckers“ foram completamente batidos. O massacre foi horrivel. Jacobina e varios chefes „muckers“ foram mortos na acção. O corpo de João Jorge foi encontrado na matta, tempos após e houve duvidas, sobre si se trataria de um suicidio ou se o mandára Jacobina matar por poltrão.

Muitos dos fanaticos se haviam dispersado. Alguns dentre os sobreviventes, dos mais compromettidos, foram presos, processados e condemnados, para ser annos após, absolvidos e restituidos á liberdade. Esses e outros „muckers“ abandonando o Ferrabraz e suas immedições, foram estabelecer-se uns na „Terra dos Bastos“, no valle do Taquary, outros no Pirajá, na colonia Nova Petropolis. Perduravam, porem, as prevenções contra os „muckers“ e os temores que inspiravam as obscuras e sombrias praticas de que a seita fanaticá fôra accusada. Entre os „muckers“ de uma e outra região, manti-

nham-se relações. O facto não devia surpreender, vendo-se aquelles guardados á distancia pelos seus visinhos e cercados de prevenções e odios, mas deu lugar a novas suspeitas. Estas degeneraram em disputas e incidentes primeiro. Afinal, em 1897, vinte tres annos após a tragedia do Ferrabraz, mais de cem colonos do Pirajá prepararam uma emboscada e nella abateram tres dos mais graduados dos „muckers“ que ali viviam. A esse massacre, outro se seguiu, na Terra dos Bastos, em que foram eliminados cinco „muckers“, por um grupo de mais de duzentos colonos que áquella seita attribuiam o assassinio de uma mulher pouco antes verificada.⁷⁶⁾

E assim se epilougou essa tragedia do fanatismo e da ignorancia que quasi por tres decadas ensombrou o desenvolvimento das colonias allemãs e que, afóra uma ou outra manifestação de intolerancia religiosa a que tivemos occasião de alludir, foi o unico episodio grave, de tal natureza, a assignalar na sua historia.

* * *

Já estavam em viagem os primeiros colonos que deviam vir povoar a antiga Feitoria Real do Linho Canhamo e ainda se não havia feito a medição das terras que se lhes destinavam. O juiz das sesmarias do termo de Porto Alegre, encarregado da medição judicial, aconselhava a deferil-a para tempo e estação mais apropriada, visto estar-se em plena quadra invernosa. A urgencia do caso não permittiu attender ao proposto, mas a correspondencia trocada entre o presidente da Provincia e o juiz das sesmarias, Domingos José de Araujo Basto, mostra quantas objecções se formularam, quantos tropeços surgiram e como, afinal, a diligencia se ultimou ás pressas e sem maiores rigores na demarcação que se executava quasi ao Deus dará.

Menos de um anno após, quando o coronel de engenheiros João Baptista Alves Porto recebeu a incumbencia de partilhar pelos colonos as terras da antiga Feitoria, encontrou-se

⁷⁶⁾ Vêr „Os Muckers“, do p. Ambrosio Schupp, obra cercada de justa fama e na qual se faz a narrativa completa do sombrio drama do Ferrabraz.

na impossibilidade de servir-se da planta levantada „pela sua absoluta inexactidão“, estando „erradamente designadas as possiçoens dos differentes pontos essenciaes“. 77) O serro do Jardim apparecia na planta, fóra do seu logar; a „casa da Estancia posta entre dous arroios que não existem“; faltavam muitos capões, etc. Uma emissão clamorosa, porém, descobrira, sobretudo o coronel de engenheiros. „Havião o Juiz e mais Officiaes da Medição — conforme dias após officiaão José Feliciano Fernandes Pinheiro ao inspector da colonia — deixado de fóra humia porção della conhecida pelo nome de Campo Bom.“ E tão extranho parecia o facto que logo se insinuou ser dolosa a omissão, determinando o presidente da Provincia para esclarecer o caso, providencias, que, afinal, nada adiantaram. Ao mesmo tempo, velhos posseiros reivindicaram terras, de propriedade duvidosa, incluídas na area demarcada. Proprietarios lindeiros, queixavam-se de haver entrado a medição pelos seus campos a dentro. Preparava-se, assim, uma serie de interminaveis conflictos; creava-se um viveiro de futuras questões que haviam de acarretar, á colonia nascente, serios dissabores.

Por outra parte, as cento e sessenta mil braças quadradas que os primeiros colonos recebiam em terras de lavoura, campos e matos, excediam, em regra, á sua capacidade de trabalho e de aproveitamento. Como lh'as davam gratuitamente, pouco representavam, nos primeiros tempos, para os colonos, as areas que não podiam aproveitar. Muitos havia entre elles, como vimos, não afeitos aos trabalhos da lavoura; outros, individuos de máos costumes, que não tardavam a cansar-se daquella vida nova que se lhes queria impôr, eram mais aventureiros que colonos. Esses não hesitavam em desfazer-se das terras que lhes haviam cabido, em troca apenas do dinheiro bastante para poderem beber á vontade durante alguns dias. Em um officio de 1826, o inspector da colonia José Thomaz de Lima, consultava ao presidente da Provincia sobre o que devia fazer no caso de tres colonos solteiros, que haviam vendido a

77) Documentos do Archivo Publico do Estado. — Officio de José F. Fernandes Pinheiro ao juiz das Sesmarias, em 11 de abril de 1825.

outros as terras que lhes haviam sido dadas e não lhes era possível „tornarem a repor o dinheiro que receberão por já o terem gasto“. ⁷⁸⁾

Mais tarde, apavorados pelas incursões sangrentas dos índios, os colonos preferiram ir se approximando uns dos outros, para defenderem-se melhor, em caso de ataque. Abandonavam, assim, as terras que eram suas, para ir instalar-se em outras, nas quaes os proprietarios, por sua vez, não lhes oppunham o menor obstaculo, incapazes, como se sentiam, de utilizal-as e pouco preocupados de perdê-las, pelo escasso valor que lhes attribuiam. Ao mesmo tempo, novas levas de colonos chegavam e como não havia tempo para medições e demarcações precisas, iam sendo localisados mais ou menos ao acaso.

Emquanto o valor das terras foi quasi nullo, tudo correu mais ou menos bem. Depois que aquellas se valorizaram, porém, e a população cresceu, começaram as reivindicações, as lides interminaveis, os conflictos que perturbavam a vida da colonia e lhe abalavam a tranquillidade. Tal se tornou a situação, que, em 1863, ella determinou uma viagem do ministro da Prussia, junto ao governo imperial, Eichmann, ao Rio Grande do Sul. De regresso da excursão, o diplomata apresentou ao ministro da Agricultura uma exposição, lucida e minuciosa, feita em termos muito amistosos, aliás, das queixas de seus patricios com relação á medição e demarcação das colonias. Retrucaram os funcionarios do Ministerio, emittiram-se pareceres, delinearam-se providencias. Enviou o governo imperial, uma commissão especial para estudar a questão e applicar as soluções razoaveis: Mas, afinal, tudo ficou, mais ou menos, no mesmo, confiando-se ao tempo a missão de sanar o mal.

Entretanto, nas colonias novas que se iam creando, incidia-se nos mesmos erros. Em Santa Cruz, demarcaram-se apenas as cem braças da frente nos lotes distribuidos. Ficavam ao cuidado dos proprios colonos a delimitação dos lados e dos fundos. E' facil imaginar o que aconteceu. Annos depois, havia duvidas em relação ás medições da quasi totalidade dos lotes. Além disso, não existia uma planta da colonia. Em

⁷⁸⁾ Officio de José Thomaz de Lima ao presidente da Provincia, em 28 de março de 1826. Documentos do Archivo Historico do Estado.

1865, ao ser nomeado um novo director, este encontrou o archivo em completo desmante-lo, sem um livro de registro, sem um officio archivado. Foi preciso, á custa de longo e penoso trabalho, estabelecer o registro geral de entrada de colonos para, sobre essa base, organizar-se o cadastro. E só depois disso, se pôde começar a entrega de titulos regulares de propriedade, com quantas e quaes duvidas e incertezas, facil e de avaliar.

Por essa mesma época, ao cuidar-se da criação da colonia de S. Feliciano e depois de se haverem medido e demarcado uns trinta lotes, teve de se sobrestar em todo o trabalho, porque appareceu um cidadão a reclamar a maior parte das terras destinadas á nova colonia. Se o reclamante tivesse razão em sua pretenção — dizia um documento official do tempo — seria inutil continuar-se com as medições, „visto que a colonia ficaria então reduzida a tão diminutas dimensões que não teria os necessarios elementos de vitalidade.“

Queixas derivadas dessa mesma causa se encontram mais ou menos em relação a quasi todas as colonias. Quando, mais tarde, se fundaram as colonias italianas, o erro se reproduziu. Delle se geraram contendias ruidosas e episodios dolorosos. E as incertezas decorrentes da má distribuição das terras, dos erros e das falhas dos serviços de medição e demarcação se prolongaram até quasi os nossos dias, attribulando, não raro, a existencia dos colonos. Estava a expirar o regimen imperial e, em seu relatorio de dezembro de 1888, o barão de Santa Thecla, ao passar a presidencia da Provincia, dizia ao seu successor: „Quanto á colonisação geral, devo solicitar a attenção de V. Ex. para o estado de incerteza em que vae a propriedade do colono, quer por duvidas e disputas sobre divisas, quer em consequencia de successivas transferencias dos lotes, ainda não pagos ao Estado, transações contrarias ás disposições em vigor, mas a cujo respeito cupre tomar qualquer providencia, dependente de approvação do Governo, que assegure a paz futura dos estabelecimentos coloniaes.“

Em pleno regimen republicano essa incerteza ainda muitas vezes se manifestou. No passado, frequentemente, ella punha os colonos em risco de ter de abandonar terras que o seu trabalho de longos annos fecundára, e os forçava a sacrificios

e a lutas tenazes em defeza da propriedade de que se tentava esbulhal-os ou cuja legitimidade se contestava.

A tudo isso se sobrepuzaram os colonos allemães. A sua energia indomavel acabou vencendo os temores e o desalento que as questões de terra geravam, como triumphou das demais causas de retardamento e de perturbação. E assim pôde o seu trabalho operar a maravilhosa transformação que fez surgir cidades industriosas e cobrir de lavouras fartas a vasta zona que, ha um seculo, revestia a matta virgem onde se asylavam feras e bugres.

Capítulo VII

AS PRIMEIRAS ACTIVIDADES DOS COLONOS

Os trabalhos iniciaes — Fiando e tecendo para vestir — As primeiras culturas — A derrubada das mattas e a devastação dos ervaes — O plantio do fumo — O algodão e o linho — As primeiras manifestações industriaes — Vicissitudes da industria de couros — Os maravilhosos frutos do trabalho dos colonos.

Transplantados do solo natal para um meio tão diverso daquelle em que haviam vivido até então, a impressão primeira dos colonos allemães devia ser de desorientação. Em contacto com a natureza exuberante, em meio da matta, pejada de perigos mysteriosos que desconheciam, nem atinavam elles — e note-se que entre as levas que chegavam não só agricultores e camponezes havia, mas tambem operarios, pequenos negociantes e outros habituados á vida de cidade — nem atinavam diziamos com os passos iniciaes a dar. Disvirginar aquella terra nova e inviolada que se lhes offerecia apresentava-se-lhes como trabalho herculeo. A matta, onde os animaes ferozes ou damnhinhos abundavam e onde o indio andava a armar tocaias, apavorava os recém-chegados, cuja primeira tarefa havia de ser derrubal-a. E quando abatidas a golpes de machado as primeiras arvores gigantescas, não saberiam como desfazer-se dellas.

„A maior parte dos colonos nem ao menos sabem cortar um pão“ ⁷⁹⁾ — informa desolado José Thomaz de Lima, acrescentando que, da maneira por que trabalhavam „nem em um anno acabão os seus arranchamentos“. E, aceitando o conselho do operoso inspector da colonia, o presidente da Provincia teve de autorizar fossem contratados alguns homens para

⁷⁹⁾ Officio de José Thomaz de Lima, de 5 de janeiro de 1825. Documentos do Archivo Historico do Estado.

ajudal-os a construir suas modestísimas habitações de pau a pique.

Levantadas estas, iam os colonos, em successivas fogueiras, queimando os galhos das arvores abatidas, não se animando a pôr fogo em toda a derrubada, como vimos em capitulo anterior, pelo receio da devastação que o incendio pudesse fazer na matta. Só depois de todo esse insano trabalho podiam iniciar, afinal, as suas culturas.

E' verdade que vinha, então, em seu auxilio, a fertilidade maravilhosa das terras. Em numerosas cartas de colonos, desses primeiros annos de povoamento, ha testemunhos vibrantes do assombro que lhes causava a fecundidade prodigiosa do solo. A's vezes, ella os desnorteava e a ignorancia das peculiaridades da terra e do clima lhes deparava surpresas desconcertantes.

Por isso, de começo, as plantações eram limitadas ao milho, feijão, batatas, aboboras e algumas leguminosas. A cultura do linho e a do algodão, das quaes haviam encontrado restos na antiga Feitoria, foram continuadas pelos colonos. „Tendo iniciado com algum resultado a cultura do algodão e do linho — conta um delles — fabricavamos as fazendas para o nosso uso e com tintas extraídas de cipós as tingiamos de variadas cores: e si as nossas roupas não eram lá muito elegantes, não deixavam de ser bastante resistentes.“⁸⁰⁾

Passados, porém, os primeiros momentos de perplexidade, vencida a phase inicial de quasi desalento ante a brutalidade da natureza com que iam defrontar-se e que se lhes afigurava tão hostil, os colonos entravam a pôr em jogo as suas admiráveis energias, multiplicadas assombrosamente á medida que constataavam com quanta generosidade a terra lhes recompensava os esforços. Poucos annos após a chegada das primeiras levas de immigrants, já se tornára irreconhecivel a zona a elles, entregue.

Em 1929, José Thomaz de Lima della traçava o quadro seguinte: „Ainda que lentamente, a Colonia de S. Leopoldo tem progredido: encontrãose muitas plantaçoens de toda qualidade

⁸⁰⁾ Carta citada por Leopoldo Petry em seus dados sobre „O municipio de São Leopoldo“.

de grão, e batatas, q. aos Colonos tem grande parte no seu sustento, oito cortumes, o mesmo numero de moinhos d'agua para a moenda de trigo, cevada &, huma fabrica de Sabão que perfeitamente immita o q. vem da Inglaterra, hum bello engenho de lapidar toda a qualidade de pedras, (não esqueçamos aquelle ourives que viera entre os primeiros immigrants e que, pelo visto soubera encontrar occupação proveitosa...) e trata-se agora de huma fabrica para a extracção do azeite denominado Palma-Christi. Alem disto, trabalha-se em toda a qualidade de obra de Chifre, de clina, como escovas &, e ha Officiaes de muitos Officios que por falta de meios não podem estabelecer fabricas correspondentes a seus Officios e q. com facilidade do Governo poderia redundar em grande utilidade Nacional. N'hum estabelecimento de cinco annos, e povoado aos poucos, não deixa de merecer attenção os progressos que se devizão“. ⁸¹⁾

Instado, um anno depois, a visitar a Colonia, o brigadeiro Manoel Carneiro da Silva e Fontoura della voltou maravilhado. „Eu me esforço em formalizar huma conta — dizia elle, dirigindo-se ao presidente da Provincia — que V. Ex.^a em hum só golpe de vista venha no conhecimento do numero de fogos, differentes plantaçoens, numero de Artefices, Fabricas que se acham em actividade, e ultimamente quaes os differentes artigos que já com a abundancia exportão desta Colonia para essa Capital transportados em barcos aqui construidos“. ⁸²⁾

Como se vê, não haviam sido defraudadas as esperanças que estadistas esclarecidos tinham posto nas vantagens da colonisação. Quanto aos colonos, se havemos de crêr nas palavras do mesmo brigadeiro Carneiro da Silva, „davão parabens á sua fortuna pela tranquillidade e abundancia, que gozavão“.

Vieram, depois, para a Provincia, annos máos. A colonia, que já espraíara da area da antiga Feitoria, para as terras adjacentes, não escapou indemne, sobretudo nos primeiros annos, ás perturbações violentas, ás lutas terriveis do decennio farrou-

⁸¹⁾ Officio de José Thomaz de Lima ao presidente da Provincia em 24 de novembro de 1829. — Documentos do Archivo Historico do Estado.

⁸²⁾ Officio de 15 de dezembro de 1830. — Documentos do Archivo Historico do Estado.

pilha. Mesmo assim, ali se continuou a trabalhar e a actividade voltou a intensificar-se á medida que a zona de guerra se distanciava da capital da Provincia e nesta, como nas regiões della mais proximas, se ia de novo fortalecendo o poder imperial.

Pouco é o que se sabe do desenvolvimento da Colonia nesse periodo. Mas que os seus povoadores não haviam permanecido inactivos, prova-o uma affirmação do barão de Caxias, já em capitulo anterior mencionada. Visitára o illustre cabo de guerra, então presidente da Provincia e commandante das armas imperiaes, a colonia de São Leopoldo, no dia 11 de dezembro de 1842. E, referindo ao ministro dos Negocios do Imperio, em longo officio em que lhe dava conta de queixas e pedidos dos colonos, as suas impressões da visita, dizia: „Estive hontem, na colonia de S. Leopoldo e fiquei satisfeittissimo de vêr o estado della. Esta colonia, pacifica e industriosa, abastece a Capital da Provincia, de todos os generos necessarios á vida. Sua exportação mensal regula a 18 Contos de reis.“⁸³⁾

Dahi por diante, o progresso accentuou-se rapidamente. A's primeiras culturas, outras tinham vindo a accrescentar-se: a da mandioca, do fumo, da canna de assucar, ao mesmo tempo que cresciam as manifestações de actividade industrial, uma e outra reflectindo-se no augmento da exportação. Esta se as-signalara, segundo as estatisticas levantadas, por Hillebrand, pelas cifras seguintes:

„1843 pelo valor de.....	Rs. 311:320\$896
idem de 1844.....	„ 383:555\$052
idem de 1845.....	„ 393:288\$720
idem de 1848 e 1849 em cada um anno	„ 450:000\$000
Em 1853 o valor dos generos ex- portados por um calculo appro- ximativo, excede a.....	„ 600:000\$000.“ ⁸⁴⁾

⁸⁴⁾ Relatório apresentado ao governo da Provincia pelo dr. João Daniel Hillebrand, ex-director das colonias, em 1854. — Revista do Archivo Publico. Ns. 15-16. Setembro-Dezembro de 1924.

⁸³⁾ Officio do barão de Caxias, em 12 de dezembro de 1842, ao conselheiro Candido José de Araujo Vianna. — Documentos do Archivo Historico do Estado.

Nesse ultimo total, comprehendiam-se 30.000 sacos de milho, 27.000 sacos de feijão preto, 18.000 sacos de farinha de mandioca, 15.000 sacos de batatas inglezas, 35.000 duzias de ovos, etc. A relação que Hillebrand nos dá de todos os productos exportados pela colonia de São Leopoldo, era já então impressionante, não só pela quantidade, como pela variedade. Nos productos agricolas incluiam-se o arroz, a erva-mate, o fumo, os azeites de abobora, de mamono, de amendoim. Entre os industriaes, a par dos couros e seus innumerados preparados — que constituíam a principal industria da região — figuravam estribos, enxadas, ferragens para engenhos, machados, que Hillebrand diz de superior qualidade, teares, etc. E lá eslavavam os „fios grossos de algodão“, „fios de linho para sapateiro“, „linhagem de algodão para sacco“, a indicar que se não haviam abandonado de todo as primitivas culturas do linho e do algodão.

Recomeçada a immigração em 1845, a area povoada se fôra ampliando cada vez mais. A colonisação, em parte operada com os proprios descendentes dos primeiros immigrants allemães, dilatara consideravelmente os limites da colonia de São Leopoldo, ao mesmo tempo que outros nucleos se estabeleciam por todo o valle do rio dos Sinos, como pelo do Cahy. Fundára-se a colonia de Santa Cruz e outras surgiam no Taquary. Podia-se já então advertir a perfeita differenciação que se estabelecia, dividindo o Rio Grande em duas zonas profundamente diversas na sua evolução economica. Alguns lustros mais tarde, Antonio Eleutherio de Camargo o havia de assinalar nestes termos: „Os habitantes da campanha guardão ainda uma instinctiva repugnancia aos trabalhos agricolas, que felizmente n'esta provincia, prògridem obedecendo ao impulso vigoroso e energico do trabalho livre da laboriosa população estrangeira que colonisa as fertes regiões banhadas pelos rios Jacuhy, Taquary, Sinos, Cahy e que já se estende pelas serras centraes. A agricultura floresce pela colonisação, emquanto a criação continua na sua marcha lenta, que resulta dos preconceitos e da rotina.“ ⁸⁵⁾

⁸⁵⁾ Camargo — ob. cit. Pag. 78.

O relatório de João Daniel Hillebrand, do anno de 1854, a que já livemos de nos referir e a que havemos de reportar-nos muitas outras vezes, no decorrer deste trabalho, é um documento positivamente precioso, de que se não póde prescindir no estudo do desenvolvimento da colonisação allemã no Rio Grande. Admiravel repositório de informações, rico de observações agudas e de ensinamentos colhidos numa longa experiência, encerra esse relatório uma exposição completa, minudente do desenvolvimento alcançado, a esse tempo, pela colonia de São Leopoldo, da sua evolução economica e, principalmente, das varias actividades agricolas e industriaes de seus habitantes.

Dispensar-nos-emos de cital-o daqui por diante, neste capitulo, mas é nelle que iremos colher, com abundancia, muitos dos dados de que nos valem para a presente exposição. Elle nos dirá, por exemplo, que se cultivava e prosperava, na colonia de São Leopoldo, o arroz, plantado nos alagadiços daquella zona. Alguns o plantavam para seu exclusivo consumo; outros, colhendo-o em maior quantidade, mandavam o excedente para Porto Alegre. Não havendo engenhos para limpá-lo, a operação era „feita a mão em pilões de páo“. Comtudo, a procura era grande não só colonia, como em toda a Provincia.

A canna de assucar mostrava-se muito produtiva. Durante a revolução, sobretudo durante os annos de 1836 a 1840, della se fabricara muito assucar e rapadura. Mas, passado esse periodo, cultivava-se, principalmente para fabricação de aguardente e de melado. „Raras vezes os Colonos fazem assucar, a não ser para consumo proprio; e isso mesmo acontece quando este genero torna-se raro e caro no mercado; pelo contrario, faz-lhes mais conta fabricar a aguardente ao preço que esta tem conservado na praça, do que assucar ou outro qualquer produto“.

Em 1858, havia 28 engenhos de canna e, no anno anterior, a exportação de aguardente fôra de 42 pipas, do valor de 150\$000 cada uma.

A colonia possuia extensos e ricos ervaes e delles se obtinha produção abundante que se exportava com vantagem. Mas, na ansia da conquista de novas areas para a lavoura, a

derrubada e a queimada das mattas proseguia impiedosa, fazendo, prevêr, como em breve realmente succederia, a extinção total dos ervaes naquella região.

Quanto ao trigo, já andavam desanimados os colonos. Experimentavam-se sementes varias; nenhuma dellas escapava, porém, á ferrugem. E essa era a causa „de não progredir mais como antigamente o trigo progredia nesta Provincia.“

* * *

Nas outras colonias, a produção não variava: o feijão, as batatas, o milho, a mandioca, as aboboras, predominavam. Outros produtos vinham em menor escala.

Santa Cruz, em 1858, apresentava este quadro:

Feijão	7.724 sacos
Batatas	4.158 „
Milho	197.998 mãos
Fumo	287 arrobas
Erva-mate	75 „
Ervilhas	56 sacos
Arroz	40 „
Trigo	20 „

A cultura do fumo era a esse tempo ainda pequena. No anno seguinte, a colheita foi de 292 arrobas, mas já em 1860 apparece decuplicada, elevada a 3000 arrobas.

Já antes da independencia, como vimos no capitulo inicial deste trabalho, se cogitara de introduzir a cultura do fumo entre as escassas actividades agricolas dos povoadores do territorio rio-grandense. Recordámos aquella remessa de dez barricas de tabaco Virginia enviados por Paulo José da Gama ao principe d. João e as instrucções que sobre essa cultura se baixaram em 1805. Se o plantio do fumo não era desconhecido, porém, na provincia, nada prova que elle houvesse alcançado desenvolvimento apreciavel até o inicio da immigração allemã. Antes, devia ser a especialidade de um ou outro agricultor mais caprichoso ou passatempo predilecto de senhores de terras que o plantariam para seu proprio consumo.

Os allemães entraram a cultivar o fumo em São Leopoldo. Em 1854, a cultura prosperava e esperava-se que as plantações

se desenvolveriam em grande escala. A maior parte do fumo que então se colhia era absorvida pelas fabricas de charutos de São Leopoldo e de Porto Alegre. „Julgo que não levará muito tempo — escrevia Hillebrand — para que o fumo seja considerado como genero de exportação desta Provincia“.

Com effeito, assim aconteceria, mas por merito dos habitantes de Santa Cruz. Foi ahi que a cultura do fumo alcançou mais rapido desenvolvimento, em gráo excedente a toda expectativa. Vimos os dados dos primeiros annos de produção. Em 1866, num valor total de 228 contos de réis, em quanto se computava a produção de Santa Cruz, o fumo, já com mais de 25 mil arrobas, entrava com a parcella maior, de 77 contos, mais de um terço da somma.

E através de dados officiaes que se publicaram em 1880, pôde-se, acompanhar a soberba progressão da cultura que se havia de tornar o elemento capital da prosperidade e da riqueza de Santa Cruz. Eis esses dados, elaborados para a Exposição Brasileira-Allemã, celebrada em Porto Alegre, e em cujo catalogo foram reproduzidos:

1861-62	3.532	arrobas	Rs.	20:420\$125
1862-63 (anno de crise)	330	”	”	1:803\$750
1863-64	20	”	”	403\$500
1864-65	12.469	”	”	51:248\$110
1865-66	16.973	”	”	69:410\$145
1866-67	27.607	”	”	85:025\$862
1867-68	19.041	”	”	98:509\$350
1868-69	25.303	”	”	156:559\$750
1869-70	43.491	”	”	280:358\$800
1870-71	94.861	(?) kilogs...	”	187:250\$572
1871-72	747.909	”	”	229:476\$644
1872-73	1.572.112	(?) kilogs...	”	195:950\$700
1873-74	746.152	”	”	286:433\$086
1874-75	1.003.357	”	”	325:161\$740
1875-76	1.473.855	”	”	387:888\$110
1876-77	1.531.735	”	”	342:234\$436
1877-78	1.364.805	”	”	347:626\$139
1878-79	1.566.900	”	”	331:889\$310
1879-80	2.055.180	”	”	421:466\$330

E nos annos seguintes, a progressão continuaria a accentuar-se maravilhosamente.

* * *

Sabemos que os ervaes abundavam, riquissimos, nas terras que formaram a colonia de São Leopoldo. Pouco e pouco, porém, á medida que o povoamento avançava, conquistando novas areas á matta, os ervaes iam désapparecendo, nas derubadas incessantes, sacrificada aquella riqueza pela ignorancia do colono recém-chegado que lhe não sabia o valor e desconhecia as propriedades do „ilex-paraguayensis“. Em 1843, entretanto, São Leopoldo ainda exportara 24 arrobas de erva. Mas no relatorio de Hillebrand, era já, em 1854, motivo de preocupações o arrazamento das mattas, lastimando o benemerito ex-director das colonias não houvesse sido tomada nenhuma medida „para prevenir a destruição de tão util e tão importante planta, cuja falta já cada dia se faz sentir mais“.

Nas colonias de mais recente fundação, sobretudo na de Santa Cruz, os povoadores já se mostravam menos descuidosos dessa riqueza. Em 1867, entre as industrias recenseadas, nessa colonia, mencionava-se um „engenho de soccar erva“. Esta, porém, não figurava na exportação agricola do municipio, o que indica que a produção attendia, apenas, ás necessidades do consumo local.

A exploração dos ervaes se desenvolveu, entretanto, nessa região, nos annos seguintes. E, em 1878, quando a Camara Municipal de Santa Cruz pediu ao presidente da Provincia a abertura de uma estrada que da linha Sinimbú fosse ter aos campos de Cima da Serra, uma das razões adduzidas para justificativa do melhoramento, era a de que „a dita estrada devia percorrer os ervaes de São João, que exportam annualmente 50.000 arrobas de erva-mate, devendo este numero elevar-se ao dobro logo que pudessem ser explorados os ervaes situados mais ao norte dos de São João.“ ⁸⁶⁾

Mais tarde, Santa Cruz attingiu, na exportação da erva-mate, a mais de 130 mil arrobas. Mas os ervaes de São João,

⁸⁶⁾ „Municipio de Santa Cruz“, apont. de J. B. de Menezes. Pag. 70.

nos quaes tantas esperanças se haviam depositado, foram cedendo á acção arrasadora do machado e do fogo. E annotando, afinal, as causas da decadencia da industria ervaiteira em Santa Cruz, J. Bittencourt de Menezes escreveu: „Entre ellas está a devastação dos outr'ora tão ricos ervaes de S. João, sem que, infelizmente, se puzesse um dique á destruição dessa riqueza publica“. 87)

* * *

Installados na antiga Feitoria Real de Linho Canhamo, os primeiros colonos allemães haviam de ser naturalmente tentados a continuar a cultura desse textil. Já vimos que, de começo elles ensaiaram plantações de linho e de algodão, para tecer as fazendas de seu uso. E nem só com os habitantes de São Leopoldo isso se verificou. Em Santa Cruz, igualmente, nos primeiros tempos, os colonos teciam suas roupas, com o algodão e o linho que elles proprios fiavam. Partindo de tão modestos principios, as duas culturas chegaram a alcançar desenvolvimento que fez conceber esperanças não confirmadas pelo futuro.

Em 1853, na colonia de São Leopoldo, a colheita do algodão — posteriormente desaparecido por completo da produção rio-grandense — attingiu de 3.500 a 4.000 arrobas. Metade dessa quantidade se exportava, a outra metade ficava na propria colonia, aproveitada na „fabricação de pannos grossos para camisas dos trabalhadores, para linhagem para saccoes e para fios de varias grossuras“.

Mais tarde, á produção de São Leopoldo sominou-se a de Santa Cruz. Nesta ultima colonia, plantaram-se sementes vindas dos Estados Unidos e a cultura prosperou. Em 1865, colheram-se, ali, 4.230 libras de algodão. E por volta dessa mesma época, asseverava o presidente da Provincia, barão Homem de Mello, em seu relatorio de 1867, que na colonia de Santa Maria da Soledade (Montenegro) o algodão tambem fazia parte das culturas locais.

Mais ainda se generalizára, porém, a plantação do linho.

87) Obra citada — Pag. 308.

De começo, em São Leopoldo, aproveitavam-no, exclusivamente, os colonos para seu uso. Mais tarde, delle fizeram objecto de commercio. Em 1835, ali havia 5 teares para linhas e algodão. Da semente, utilizavam pequena parte para extracção do oleo de linhaça e remettiam o restante para os mercados de Porto Alegre e do Rio. Depois, desenvolveu-se a industria da cordoaria e cresceu, com isso, o plantio. Mas inteiramente desajudada do poder publico, a riqueza não tomava o desenvolvimento que se lhe podia desejar.

Em Santa Cruz, na produção de 1865, se contavam 418 alqueires de linhaça e 9.155 libras de linho canhamo.

Em São Leopoldo, o plantio do linho alimentára, sobretudo, a industria da cordoaria; em Santa Cruz, fabricavam-se tecidos. No mesmo anno já apontado, o director da colonia calculava em 2.318 covados a produção de fazendas de linho, do valor de 480 réis por covado.

O desenvolvimento que essas industrias iam tomando pode se advertir através de algumas indicações e cifras expressivas. Num „Mappa do numero de Fabricas, Officinas, e dos Officiaes de varios officios que existem nesta Colonia“, levantado em São Leopoldo, em 1858, figuram 18 tecelões e 3 cordoeiros. Essas tres cordoarias „fabricão cabos para embarcações de toda grossura, barbante, &, de superior qualidade“.

Em Santa Cruz, mencionava-se em 1865, a existencia de uma fabrica de cordas. Havia, na colonia, nessa época, 365 rodas de fiar e 41 teares. Chegara Santa Cruz, a ter „uma roda de fiar para cada duas familias“.

Das promessas desse periodo, entretanto, tres ou quatro lustros após, quasi nada restava. Na Exposição Brasileira-Allema, realizada em Porto Alegre, em 1881, figuravam amostras de linhaça, de linho em fio, de tecidos de linho e de fazenda de linho para sacos. No precioso catalogo da Exposição, obra do dr. Graciano de Azambuja, vinha, a proposito, a annotação seguinte:

„A materia prima destes tecidos é nacional; o linho produz perfeitamente nesta provincia e foi a *feitoria real do linho canhamo* em S. Leopoldo quem chamou para aqui o primeiro nucleo de immigrantes allemães. 100 gramm. de sementes de

linho dão mais ou menos 45 klgr. de linho entre 1.^a e 2.^a qualidade e 600 gramm. de semente. Para plantar 100 gramm. de semente precisa-se de 600 metros quadrados. O governo provincial já concedeu um subsidio a um tecelão de S. João do Monte Negro a fim de montar uma fabrica de tecidos de linho naquella localidade. Apesar dos esforços realizados desde tempos já remotos pelos poderes publicos para se acclimar entre nós a cultura de linho esta industria não se tem desenvolvido como convém, talvez por falta de uma população especialmente educada nesse myster. No futuro não ha duvida que a cultura do linho ha de ser para o sul do Brasil uma fonte de riqueza."

A esse tempo, entretanto, já as duas culturas iam a caminho do desaparecimento. Em São Leopoldo, onde se accentuára o surto industrial, tanto o linho como o algodão haviam sido já abandonados. A cultura do fumo, em Santa Cruz, generalizára-se e a sua prosperidade fizera com que alcançasse a universal preferencia dos colonos. Em 1880, no anno anterior ao da Exposição Brasileira-Allema, ainda figurava o algodão, na produção agricola desse municipio, com quinze toneladas. Do linho, porém, já se não fazia ali menção.

Caberia aos italianos mais tarde, retomar a experiencia, ensaiando o plantio do linho. Mas as esperanças que nelle se punham, no passado, até hoje não tiveram confirmação.

* * *

Graças ao zelo intelligente de João Daniel Hillebrand temos, dos annos em que elle dirigiu a colonia de São Leopoldo, estatísticas preciosas das actividades que nesta se desenvolviam. Possuimos, assim, daquelle periodo, já remoto, dados que nos faltam de épocas mais recentes e quando o grão de progresso da região alcançara muito maior desenvolvimento.

A um „Mappa do progresso da população, desde o anno de 1824 até o principio de 1835,, acrescentou Hillebrand ⁸⁸⁾ uma nota sobre as „fabricas que existião no principio do anno de 1835“ e cuja relação é, textualmente, a seguinte:

⁸⁸⁾ Documentos do Archivo Historico do Estado. — Publicado na Revista do Archivo Publico. Ns. 15-16. 1924.

- „ 1 Fabrica para lapidar pedras finas
 2 Engenhos d'agua para serrar madeira
 5 Thiares p.^a linhas e algodão
 2 Fabricas de caxassa
 16 Engenhos p.^a mandioca
 14 Engenhos d'agua p.^a trigo
 7 Curtumes
 1 Cordoeiria
 14 Lanxões p.^a transporte de mantimentos p.^a Porto Alegre.“

Como se vê, já se iniciára, a esse tempo, em São Leopoldo, a industria dos couros. Outras manifestações da actividade industrial se ensaiariam, mas aquella, nas suas mais varias modalidades, acabaria sobrelevando a todas as demais. Em 1843, o numero dos cortumes se havia elevado a dezoito. Na estatistica da exportação da colonia de São Leopoldo, no anno de 1842, varias industrias apparecem apreciavelmente representadas. Lá veem carretas, tamancos, freios de ferro, remos, rodas para engenho e rodas para fiar. Exportaram-se nesse anno 21.200 charutos e 145 duzias de garrafas de cerveja.

Mas entre as industrias, a dos couros e seus preparados superava ás demais. Um de seus ramos dava a cifra maior da estatistica, na qual a exportação de lombilhos apparecia com o valor de 41:030\$000, quasi o dobro da somma mais alta da exportação agricola, a da farinha de mandioca, cujas remessas ascendiam a 22:185\$000. E, com effeito, lá estavam a represental-a no quadro geral do commercio da colonia, as rubricas seguintes:

Botinas	178½ dzs. de pares	6:783\$000
Couros de cavallinho	8 duzias	240\$000
Cinxas	542	1:214\$000
Lombilhos lavrados	1.784	41:030\$000
Sapatos	12 12 pares	23\$040
Tamancos	6.720 pares	4:300\$000
Vaquetas	652 duzias	22:168\$000

Entretanto, dez annos depois, a situação dessas industrias era de grave penuria. O famoso relatorio de 1854, refe-

rindo-se aos cortumes, fabricas de lombilhos, sapateiros, etc., dizia :

„Estes ramos de industria, que são os mais importantes desta Colonia estão n'um estado de decadencia completa e difficil a descrever. A maior parte dos cortumes não trabalham mais, ou pouco, e os que ainda trabalham não podem por mais tempo continuar. Varios cortidores dos mais abastados, e entre elles alguns que tem os seus estabelecimentos na Villa de S. Leopoldo, tratão de retirar-se para as Colonias, onde uns comprarão terras, e outros já as têm e onde vão empregar-se na agricultura.“

A causa principal dessa decadencia estava na „pouca ou nenhuma extracção“ dos productos de taes estabelecimentos. E isso porque apesar de „provado que os generos de curtumes fabricados na Provincia e na Colonia de S. Leopoldo, principalmente“, eram „tão bons, senão de melhor qualidade e mais baratos, do que os generos de igual industria vindos da Corte“ eram desprezados no Arsenal de Guerra, „para serem recebidos os do Rio de Janeiro, por muito mais dinheiro e de mais inferior qualidade“. ⁸⁹⁾

Alguns annos depois, a ruina parecia haver-se consumado aos olhos dos mais pessimistas. Comtudo, admittia-se que a industria „tornava a reviver“. O relatorio apresentado pela Camara Municipal de São Leopoldo, em 1858, ao presidente da Provincia, conselheiro Angelo Muniz da Silva Ferraz, nesse sentido se pronunciava:

„Os sessenta curtumes que existião em principio de 1854, hoje estão reduzidos ao numero de trinta e dous, tendo-se verificado o que no citado Relatorio do ex-Director disse sobre a decadencia destes estabelecimentos, demonstrando evidentemente a impossibilidade em que se achavão tantos curtidores de poderem com proveito continuarem a fabricar pelo excessivo preço de materias brutas ao demento pelo que se apurava nos mercados os generos, manufacturados, concorrendo tambem a muita abundancia destes generos, e a falta de compradores, sem calcular o interesse annual do cabedal fixo empre-

⁸⁹⁾ Relatorio citado. — Revista do Archivo Publico. — Ns. 15-16. 1924. — Pag. 428.

gado, nem o interesse empregado em materia prima, tambem coadjuvando muito positivamente a essa decadencia a nenhuma protecção do Governo, que centralizando tudo, mandava da Corte esses generos em muito maior valor e peor qualidade para o Arsenal, pondo em completa apathia esses generos, que outr'ora eram fornecidos por esta Colonia; ainda assim mesmo esse ramo de nossa industria que até agora tem sido mais susceptivel de rapidas alterações nos preços do mercado, agora tornão novamente a reviver e vai em continuo augmento, dando producto mais que sufficiente para satisfazer os meios de existencia, não só dos mesmos fabricantes, mas tambem de muitissimos obreiros empregados neste ramo".⁹⁰⁾

Mas quasi todos os proprietarios de cortumes eram fabricantes de lombilhos. E este ramo de sua industria prosperava visivelmente. Em 1857, se haviam fabricado vinte mil lombilhos, vendidos não só na provincia como no Estado Oriental. O preço medio do lombilho lavrado, „com a competente carona, sincha, sobre-sincha, loros e courinho“, era de 15\$000, o que dá um valor total de trezentos contos de réis para a exportação. Confronte-se essa somma com a de 1842, antes citada, e ter-se-á a medida do progresso realizado. Ella representava, em verdade, quasi oito vezes a modesta cifra de 41 contos, que fôra a registrada tres lustros antes.

Dahi por diante, a melhora se foi sempre accentuando. Em 1867, avaliava-se a produção annual do municipio de São Leopoldo, em 9.000 a 10.000 contos e a sua exportação em 6.000 a 8.000 contos. Neste total, a industria, e sobretudo a dos couros e seus preparados, entrava em larga proporção. A guerra do Paraguay, com as necessidades que determinára, para o aparelhamento das tropas que iam bater-se contra Lopez, estimulára o desenvolvimento dessa e outras actividades industriaes.

„Quasi todos os arreios para consumo do exercito e dos campeiros da provincia — escrevia-se em 1867 — quasi todas as lanças, esporas, freios, etc., para a cavallaria, são fabricados em S. Leopoldo; é ahi que o arsenal se surte de couros cur-

⁹⁰⁾ Relatorio da Camara Municipal de São Leopoldo, no anno de 1858. — Revista do Archivo Publico. Ns. 15-16 — 1924. Pag. 450.

tidos, de cartucheiras e de arreiames; é dahi que todos os mercados da provincia, os do Rio, da Bahia e de Pernambuco, e até do Prata, são fornecidos com feijão, milho, farinha, etc.; é dahi que vem todos esses generos e outros como banha, manteiga, ovos, aves, animaes suinos, etc., para o consumo de Porto Alegre". ⁹¹⁾

Assim, pelas linhas e pelas picadas da antiga colonia, pelos nucleos de mais recente fundação disseminados pela area enorme do municipio — que abrangia, então os territorios dos actuaes municipios de Novo Hamburgo, Taquara e parte do de São Sebastião — a agricultura se desenvolveu formidavelmente, fazendo daquella zona o celeiro da provincia. Ao mesmo tempo, na villa e em algumas povoações, sédes de districtos, sobretudo Hamburg-Berg, as industrias se multiplicavam e prosperavam.

*

*

*

Nos apontamentos que ahi ficaram, são frequentes as referencias a São Leopoldo e Santa Cruz.

Das outras colonias, é, sem duvida, bem menos, o que se sabe. E acerca de todas ellas, desde o relatorio de Koseritz, de 1867, tantas vezes mencionado neste trabalho, e o Quadro Estatistico, de Camargo, publicado em 68, até a organização dos serviços regulares de estatistica, no regimen republicano, faltam dados e mappas economicos regulares que permittam acompanhar o gradual desenvolvimento de suas actividades. Não se effectuaram, no passado regimen, nem nos primeiros lustros do actual, grandes operações censitarias que possam servir de pontos de referencia e permittam organizar uma escala progressiva dos resultados alcançados pelo trabalho dos colonos.

O que ha, nas „falas“ e relatorios dos presidentes, são algarismos esparsos relativos a uma ou outra colonia dependentes do governo da Provincia e que deixam de ser mencionados logo que aquellas se emancipam e se organizam em municipios autonomos. Seria necessario ir rebuscar nos relatorios das administrações municipaes — e existirão elles, em collecções

⁹¹⁾ Relatorio do agente interprete da colonisação, Carlos de Koseritz. 1867. Pag. 6.

completas, dado o descaso com que, no passado, se encaravam taes assumptos? — ou nos archivos das municipalidades, os elementos indispensaveis á fixação precisa, seguida passo a passo, do augmento progressivo dos nucleos coloniaes e da actividade produtora. ⁹²⁾

O que a nós interessa, aqui, porém, é a visão de conjunto. E os apontamentos que ahi ficaram mostram a que rumos se encaminhára aquella actividade.

A industria ervateira, como a das madeiras, desapareceram em consequencia do arrazamento das mattas; o cultivo do algodão e do linho, de começo tentados para provêr ás necessidades pessoaes dos colonos, continuadas, depois, com algum exito, acabaram, afinal, por ser abandonadas supplantados por outras formas mais rendosas ou mais faceis de produção; desaparecêra igualmente a cultura da canna na zona primeiro povoada pelos allemães, como foi abandonada pouco mais tarde a do trigo, tornada improdutiva pela ferrugem. E assim, emquanto São Leopoldo multiplicava os seus cortumes e as suas fabricas, fazendo da industria do couro, um dos elementos principaes de sua prosperidade; emquanto Santa Cruz consagrava as suas preferencias ao fumo, que, como vimos, lhe permittia multiplicar rapidamente as cifras de sua exportação, os outros nucleos coloniaes augmentavam as suas lavouras, estendiam as suas searas, accrescendo, anno a anno, a fartura das mèses. O feijão, o milho, a farinha de mandioca, as batatas ficaram sendo, com numerosos outros produtos cultivados em menor escala, as fontes principaes de sua riqueza. Veiu, depois, a suinocultura, e a banha se inscreveu entre os grandes factores dessa riqueza. Em 1867, Nova Petropolis (S. Sebastião do Cahy) exportou 300 arrobas de banha. Em 1873, Santa Maria da Soledade (Montenegro) exportou 4.406 kil. 880 gr. de banha de porco, como diz, com minucia, um relatorio apresentado á Assembléa Provincial. Monte Alverne, no anno seguinte, exportava 655 arrobas de banha. Depois disso, essas cifras cre-

⁹²⁾ O que existe, a respeito, está, aliás, reproduzido no Retrospecto Economico, do desembargador Florencio de Abreu, publicado por occasião do centenário da Independencia. Revista do Archivo Publico. N.º 7. Setembro de 1922.

sceram vertiginosamente. Contemplando-as, hoje, em face dos totaes a que ascendemos na actualidade, esses algarismos apparecem irrisoriamente minúsculos. Elles prenunciavam, entre tanto, a grandeza futura, grandeza que é hoje magnifica realidade.

A tenacidade do colono allemão, o espirito de iniciativa, estimulado pela necessidade, pelo desejo de maior conforto, pelas possibilidades de lucro, fizeram surgir dezenas de pequenas industrias. Koseritz chegou a escrever, de São Leopoldo, que não havia quasi um só lote colonial, cujo proprietario não tivesse annexado algum ramo de industria á agricultura. Outros asseveraram muitos decennios atraz, não sem grande exagero, que as colonias produziam tudo quanto necessitavam para uso de seus habitantes. Com o decorrer do tempo, algumas industrias incipientes alcançaram apreciavel desenvolvimento e modestas officinas acabaram transformando-se em grandes estabelecimentos fabris. Comtudo, as formas predominantes da actividade produtora das colonias allemãs, agricola e industrial, ficaram sendo as que a grandes traços esboçamos acima e que já ha meio seculo appareciam nitidamente fixadas.

*

*

*

Nos tres ultimos lustres do periodo monarchico, a immigração allemã diminuiu, emquanto se desenvolvia a italiana. Assignala-se apenas um ou outro anno, em que as entradas de colonos daquella origem alcançam totaes dignos de nota. Só num delles, o de 1876, o milhar é ultrapassado. Nos tres annos de 1878 a 80, os immigrants ficam abaixo da centena.

Os que chegavam, porém, com vir espontaneamente, em sua maioria, apresentavam a vantagem de constituir elementos mais efficientes, entre os quaes se não infiltravam, como outrora, nas levas dos immigrants contratados, numerosos individuos ou indesejaveis pelos costumes ou inaptos para o rude trabalho da terra.

Embora todos reconhecessem as vantagens da colonisação, a Provincia, que, por muito tempo, dedicára a esse serviço os

recursos de quelhe era possível dispôr, decidiu abandonal-o, deixando-o inteiramente a cargo do governo imperial. Os resultados foram os mais desastrosos. Em julho de 1883 teve de ser suspenso todo serviço, por não haver sido distribuído, ao Rio Grande, nenhum crédito. Annos mais tarde, vice-presidente da Província dr. Rodrigo de Azambuja Villanova, em relatório de 1887, constata, como consequência do desacerto do abandono do serviço de colonisação pelo governo provincial: „A imigração, que de preferencia e com assentimento do governo imperial procurava esta provincia, tomou outro rumo, encaminhando-se, hoje, em sua quasi totalidade para a provincia de S. Paulo, sendo insignificante o numero dos que buscam a provincia“.

As nossas colonias resentiam-se, evidentemente, dessa situação. Mas não deixavam, por isso, de progredir. Nas suas populações, os imigrantes eram já então pequena minoria. E eram os filhos e netos dos primeiros occupantes que se espalhavam pela zona colonial, dilatando-a cada vez mais, augmentando as areas cultivadas e accrescendo o patrimonio economico do Rio Grande. Em uma publicação official de 1883, computava-se o numero dos colonos de origem allemã em cerca de cem mil. „Tres quartos delles — dizia a publicação — são brasileiros natos; elles conservam, apezar disso, as tradições coloniaes e, como seus paes e seus avós são fortes trabalhadores.“

Não era possível desconhecer a influencia que elles haviam exercido no desenvolvimento da Província. E já ao approximar-se a quêda do Imperio, exaltando os beneficios que da imigração haviam advindo ao Rio Grande, o barão de Santa Thecla, então presidente da Província, em sua „fala“ de 27 de novembro de 1888, á Assembléa Provincial, os proclamava nestes termos:

„Taes foram e taes têm sido ainda as vantagens colhidas com o estabelecimento das colonias, que, sem embargo dos erros do passado e dos muitos desmandos da inexperiencia nas primeiras tentativas colonisadoras, está hoje bem reconhecido que todos os sacrificios de trabalho e dinheiro que ellas exigi-

ram têm sido largamente compensados. Se o regimen da pequena propriedade e do trabalho livre se foi estabelecendo pouco a pouco entre nós, deve-se isso á colonisação. A passagem da industria pastoril para a agricultura propriamente dita já está em grande parte effectuada, graças aos fortes nucleos coloniaes de S. Leopoldo, Rio dos Sinos, margens do Cahy e do Taquary, Santo Angelo, Tres Forquilhas e S. Lourenço e ás modernas colonias Conde d'Eu, D. Izabel, Caxias e Silveira Martins. Não foi outro o motivo porque se deu na Provincia sem abalo immediato a extincção do elemento servil no trabalho e actividade nacionaes. De facto: devem muito e muito á immigração e á colonisação."

Capítulo VIII

A INFLUENCIA ETNICA, SOCIAL E ECONOMICA DA COLONISAÇÃO ALLEMÃ

A immigração allemã e o elemento servil — A progressiva exclusão deste das regiões povoadas pelos colonos — A redução da população negra no Rio Grande do Sul — O cruzamento entre brasileiros e allemães — A estatística dos casamentos — Natalidade e mortalidade nas zonas em que predomina a população de origem allemã — A criminalidade nessas mesmas zonas — A produção agricola na região colonial allemã — Cifras que revelam a capacidade de trabalho da população de origem germanica.

Assignalou Oliveira Vianna, o eminente sociologo brasileiro, a „rapida clarificação das populações locais observada nas regiões do sul, como no platô do Iguassú, no Paraná, em Santa Catharina, no Rio Grande, em S. Paulo, zonas de grande affluxo immigratorio, em contraste com a lentidão do processo clarificador nas outras regiões do paiz, especialmente os nossos sertões septentrionaes, zonas onde a infiltração dos novos contingentes aricos tem sido intermittente e diminuta.“⁹³⁾

Desde 1824, a immigração allemã concorreu, poderosamente, para esse resultado, no Rio Grande do Sul. Não que, em contacto com as raças inferiores, ella representasse factor saliente de cruzamento. Pelo contrario, foram sempre e são rarissimos os casos de união de allemão ou dos seus descendentes com mestiços, mais ainda com negros.

Mas o advento dos primeiros colonos e das levas que se

⁹³⁾ Oliveira Vianna — „Evolução do povo brasileiro“ — pag. 161.

lhes seguiram começou a afastar de certas regiões o elemento servil, tornou desnecessario e até impossivel o seu augmento; chegou, mesmo, em algumas zonas do Rio Grande, a excluir quasi totalmente o escravo negro. Mal poderia comprehender-se a utilidade deste no regimen da pequena propriedade, como — embora não se deva tomar muito a rigor esta designação — vinha a ser o que se inaugurára com a colonia de S. Leopoldo. Para o trabalho da terra que a cada immigrante cabia, contava elle não só com o seu esforço, como com o da mulher e filhos. E', ainda hoje, esse o regimen de trabalho nas nossas colonias. Nos primeiros tempos, quando a produção era escassa e os trabalhos preparatorios absorviam toda a actividade, o auxilio do escravo ainda podia valer ao immigrante recém-chegado — e até tornar-se necessario, como em capitulo anterior vimos — na derrubada da matta e na construcção das habitações; podia ser-lhe util para a iniciação em culturas e misteres que lhe eram inteiramente extranhos. Mas o colono não dispunha, ao tempo, de recursos para tornar-se senhor de escravos. E uma vez encaminhadas as tarefas de cada „colonia“, iniciadas as plantações, o negro representaria apenas uma bocca a mais a consumir e a pesar, portanto, no orçamento domestico, sem compensação na somma de trabalho produzida e da qual a propria familia do colono poderia incumbir-se. Essas razões bastariam para ir afastando o elemento servil das zonas que o immigrante allemão ia colonisando, si sobre ellas não pesasse, ainda, decisivamente, a repulsa natural que aquelle havia, por força, de sentir pela condemnada instituição.

Pouco tempo depois da chegada dos primeiros allemães, foram retirados da antiga Feitoria do Linho Canhamo todos os escravos que nella havia. Encontra-se menção do facto num dos officios de José Thomaz de Lima: „Com esta ultima remessa d'escravos da antiga Feitoria do Linho Canhamo — escreve elle — vem a ficar esta Colonia quasi ezaurida desta gente, e por isso eu embaraçado sobre os meios de acudir a tanto serviço que a ella estava incumbido...“⁹⁴⁾

⁹⁴⁾ Officio de José Thomaz de Lima ao presidente da Provincia, em 22 de fevereiro de 1825. Documentos do Archivo Historico do Estado.

Um quarto de seculo depois, em 1850, quando a colonia já alcançava a cerca de dez mil habitantes, contava apenas 229 escravos. Mesmo assim, porém, o numero parecia excessivo e se reclamavam leis que impedissem a entrada de escravos na colonia. Em documento official, em relatorio enviado ao presidente da Provincia, que era, então, o tenente-general Francisco José de Sotiza Soares d'Andréa, o director da colonia de São Leopoldo, o benemerito João Daniel Hillebrand, escrevia: „Tenho a satisfação de annunciar a V. Ex.^a q. a Escravidura teve pouco Augmento n'esse anno, e conta som.^{te} 229 Escravos; numero este ainda demasiadam^{te}. grande, nhum Districto, que pode dispor de tantos braços livres; muito se precisa de huma Lei, q. prohiba inteiramente a introdução de Escravos nos Districtos Coloniaes da Provincia.“⁹⁵)

Attendendo a esse appello ou, antes, á aspiração generalizada da população colonial, em 13 de Outubro de 1850 era, com effeito, posta em vigor a lei n. 183, pela qual ficava prohibida a introdução de escravos, no territorio das colonias existentes ou que se viessem a formar na Provincia. „Os escravos que forem introduzidos nas colonias, em contravenção a esta lei — dizia o art. 4.^o — serão expellidos por ordem do Director, pagas as despezas pelos donos dos mesmos escravos.“ Em repetidas outras disposições que tivemos occasião de citar em capitulos anteriores, observa-se a mesma preocupação de excluir das colonias o trabalho servil.

Burlava-se, ás vezes, a lei. Elevadas a villas, antigas sédes de colonias, havia quem para ellas levasse captivos. A repulsa, porém, continuava a manifestar-se, impedindo o augmento do elemento servil. Assim, em 1887, a Camara Municipal de Santa Cruz, em seu relatorio annual á Assembléa Provincial, salientava estar o municipio livre de escravos, havia tres annos e pedia que a Assembléa estabelecesse „um imposto de rs. 500\$000 sobre o possuidor de cada escravo que d'ora em diante venha residir no municipio, embora não fosse transferida para este a respectiva matricula“.

⁹⁵) Relatorio do director da colonia de São Leopoldo, João Daniel Hillebrand, em 19 de fevereiro de 1850. Documentos do Archivo Historico do Estado.

Cada vez mais, no decorrer do tempo, se accentuou essa influencia do novo elemento que a immigração européa nos trouxera para a reducção do coëfficiente da raça negra na nossa população. E o recenseamento de 1872 veio dar, com suas cifras, a demonstração pratica do phenomeno. A porcentagem da população branca no Rio Grande do Sul se mostrava bem mais alta da que a media geral do paiz tomado em globo. Eis, com effeito, as cifras da operação censitaria de 1872 relativas ao Brasil todo e as do Rio Grande do Sul:

	Branços	Negros	Indios	Mestiços
Brasil	38.1	49.7	3.9	38.3
Rio Grande	59.4	18.3	5.9	16.4

O coëfficiente da população branca, no Rio Grande, apparece-nos de 21,3% mais alto que o da media geral do paiz, e, si a cifra do elemento negro pouca differença apresenta, esta se nos mostra sobretudoo sensivel no que se refere a mestiços. Comprova-se, nesses dados, o que ao começo do capitulo asse-ramos: o advento do immigrante allemão concorreu para excluir o negro, para reduzir o seu contingente no computo total da população, mas não pela fusão, não pelo cruzamento: e a prova ahi está no minguido coëfficiente dos mestiços, no Rio Grande do Sul.

Em 1890, já então reforçado o augmento de população branca pelo affluxo da nova corrente italiana, iniciada ao começar o ultimo quartel do seculo, a aryanisação ainda mais se accentua e a população rio-grandense apresenta o seguinte quadro:

Branços	70,17 %
Pretos	8,68 %
Indios	5,35 %
Mestiços	15,80 %

Como se vê, para todas as raças inferiores, o coëfficiente declinou, sensivelmente, sobretudoo, para os pretos. Só para os brancos a percentagem cresceu e de muito. No decorrer

dos dezoito annos que mediam entre os dous recenseamentos, ella subiu de 11,13 %. E assim, em 1890, só um Estado, o de Santa Catharina podia apresentar proporção mais alta de população branca, que a do Rio Grande do Sul.

Lá, como aqui, o elemento que beneficemente contribuiu para esse resultado foi o mesmo: a immigração.

* * *

Mas si o allemão se revelou sempre refractario á fusão ou ao cruzamento com o elemento negro, não guardou, naturalmente, a mesma attitudo em relação á população branca local. O facto chegou a solicitar a attenção do já mencionado Oliveira Vianna que assignalou ser, no Rio Grande, „a tendencia ao cruzamento tão profunda e intensa, que a ella não escapa nem mesmo uma raça que, pelo seu orgulho ethnico, parecia gosar de uma certa infusibilidade.“

Essa „infusibilidade“, de velha data attribuida á corrente immigratoria allemã, vae, porém, cedendo, cada vez mais accentuadamente á acção do meio. Temos aqui um pequeno quadro dos ultimos annos de que nos foi possível obter dados, especificando o numero de casamentos entre brasileiros e allemãs e entre allemães e brasileiras:

	Brasileiros e Allemãs	Allemães e Brasileiras
1917	46	92
1918	14	63
1919	10	75
1920	46	91
1921	19	87
1922	21	103
1923	15	91
1924	20	86
1925	24	146
1926	30	134
1927	40	102

Nos annos da guerra e nos que immediatamente se lhe seguiram — até 1920 — o estado de espirito por aquella determinado havia de ter influido, de certo, para reduzir o numero dessas uniões. Mas a tendencia para o augmento é visivel nos annos seguintes, accentuada sobretudo nos tres ultimos incluidos no quadro. Mais expressivas apparecem essas cifras, quando as confrontamos com as que se referem aos casamentos entre allemães e allemãs. Assim em 1925, para 146 allemães que casaram com brasileiras, houve apenas 53 que se unirão com patricias suas. Em 1926, a 134 casamentos entre allemães e brasileiras, corresponderam somente 80 casamentos entre allemães e allemãs. E, finalmente, em 1927, emquanto 102 allemães escolhiam brasileiras para esposas, somente 55 se uniam com allemãs. Não é esse um forte argumento a demonstrar como se vae accentuando, cada vez mais, a fusão?

Releva notar, ainda, que a estatistica não nos diz, e não o poderia dizer, porque não lhe seria licito distinguir no caso, o numero de casamentos que se effectuam entre brasileiros e brasileiras descendentes de allemães e os descendentes de outras nacionalidades. Mas si fosse possivel obter-se essa estatistica ver-se-ia, desde logo, que basta uma geração para que a „infusibilidade“ perca, em grande parte, o seu poder isolante.

E é assim, com maior lentidão, talvez, mas não menos certamente que o elemento germanico se vae e se irá cada vez mais fundindo na grande massa atravez da qual se elabora a futura raça brasileira.

* * *

Para a formação do typo representativo da nacionalidade, que ha de vir a ser a resultante dos cruzamentos que hoje se operam, o allemão contribue com elementos e qualidades das mais apreciaveis.

Vemol-o, de maneira clara e inilludivel, em nosso Estado, nos municipios habitados por populações de origem germanica. Afeita ao ambiente, perfeitamente acclimatada, após a transplantação do tronco originario oriundo de um meio, de um *habitat* tão diverso do nosso, a raça germanica na sua descen-

dencia, como nos cruzamentos em que ella intervem, apresenta-nos populações sadias, robustas, fortes, sobre as quaes as endemias não fazem presa e que accusam altos coefficients de vitalidade.

Municípios ha, cujas populações não soffreram a penetração do elemento alienigena, trazido pela immigração, como o de Bagé — o que apresenta ultimamente mais baixa media — onde o coefficiente de natalidade póde descer, como se verificou, em 1927, a 7,00 por mil habitantes, lembrando as taxas de paizes onde o problema do decrescimento da natalidade é motivo de fundas inquietações. Em São Borja, o coefficiente é pouco mais alto: 10,73; em Conceição do Arroio, alcançou a 11,67; em Torres a 12,52.

Si passamos, entretanto, aos municípios em que predomina a população de origem germanica, vemos logo essa percentagem elevar-se e o coefficiente subir ao dobro e até ao triplo dos anteriormente apontados. Assim o provam estes dados que a estatística official fornece, relativos todos ao mencionado anno de 1927:

Coefficiente de natalidade
por mil habitantes

Lageado	32,58
Montenegro	31,00
Estrella	28,96
São Sebastião	28,60
São Lourenço	25,66
Santa Cruz	25,58
São Leopoldo	25,31
Venancio Ayres	24,37
Novo Hamburgo	21,90
Taquara	20,56
Taquary	17,13

Ha municípios, no Estado, que superam o coefficiente de Lageado. Erechim alcança a 39,70 e Nova Trento a 39,27. Encantado apresenta 36,20 nascimentos por mil habitantes e Caxias dá 36,06. Prata, com 35,14; Guaporé, com 34,24; Garibaldi, com 33,61; Antonio Prado com 32,84 também lhe são

superiores e Bento Gonçalves vem logo a seguir com 31,94. E' que nelles igualmente influuiu para identico resultado, o elemento colonial, de origem italiana, ao qual, no caso de Erechim, se uniu o de origem poloneza e allemã.

Provam, assim, as cifras da natalidade, que a população estadual de origem germanica se mostra altamente prolifica e desse modo dá uma preciosa contribuição, cujo vulto irá crescendo cada vez mais, á solução do nosso problema do povoamento.

*

*

*

Não são menos expressivas as conclusões que resaltam do exame dos coefficients de mortalidade nos varios municipios do Estado.

E' certo que nem só as condições individuaes determinam a maior ou menor elevação desse coefficiente. E' preciso ter em vista o clima, a salubridade de cada região. Si a cidade do Rio Grande nos apparece com o mais alto coefficiente, que lhe dá 26,54 obitos por mil habitantes, em 1927, para isso influiram, sem duvida, aquellas circumstancias, como de certo, é á excellencia do clima que São Francisco de Paula deve o coefficiente de 3,06, o mais baixo que se registrou.

Pelotas accusa o coefficiente de 24,34 obitos por mil habitantes, Jaguarão o de 21,81 e Porto Alegre, o de 18,19, que as obras de saneamento realizadas nos ultimos annos e a melhor organização dos serviços de hygiene vão sensivelmente modificando.

Outros municipios, sobretudo da região pastoril da fronteira, apparecem com taxas altas: Uruguayana, com 17,56 Santa Maria, 17,17; Santiago do Boqueirão, 15,87; São Gabriel, 15,14; D. Pedrito, 14,73; Livramento, 14,65; Quarahy, 14,34; Itaquy, 14,00 que é tambem a taxa de São José do Norte.

Nos municipios da zona colonial, onde a população predominante é de origem germanica, a mortalidade mantem-se distante dessas cifras. Ella desce, com a excepção unica de Novo Hamburgo, abaixo da media geral do Estado, que foi, em 1927, de 9,94 por mil.

Eis, para demonstração do asserto, os algarismos referentes aos mesmos municípios que examinamos em relação á natalidade:

	Coefficiente de mortalidade por mil habitantes
Venancio Ayres	5,20
Taquara	5,83
Taquary	5,85
Estrella	6,72
Lageado	6,93
São Sebastião	7,03
Santa Cruz	7,87
Montenegro	8,45
São Lourenço	8,63
São Leopoldo	8,75
Novo Hamburgo	11,30

São todas, como se vê, percentagens animadoras; optimas podem qualificar-se quasi todas. Ha nellas uma demonstração irrefutavel de grande vitalidade e de solida resistencia.

Esses algarismos nos dão a melhor prova do que acima affirmamos, acerca da raça sadia, robusta e forte que se vae elaborando, no Rio Grande, nos centros de população colonial, atravez do cruzamento, com os elementos de origem germanica.

* * *

Ha outra estatistica, que é de interesse examinar aqui: e da criminalidade.

Existiam, em 1928, na Casa de Correccão 598 reclusos. Os municípios da região colonial allemã figuram entre os que dão mais baixa percentagem destes. Lageado e Santa Cruz, concorriam para aquelle total, com 8 reclusos cada um; de São Leopoldo eram 6 e de Montenegro 5; a São Sebastião e Taquara corresponsdian 4 para cada um; 3 eram procedentes de Estrella e outros tantos, de São Lourenço.

Novo Hamburgo, Taquary e Venancio Ayres tinham, cada um, apenas um recluso na Casa de Correccão.

Não menos expressiva é a observação do quadro estatístico da criminalidade. Occorreram, em 1928, no Rio Grande do Sul, 488 homicídios. Houve um município em que se registraram 42, detendo assim um triste record, que lhe attribue quasi a decima parte dos assassinios occorridos em todo o Estado. Outros municípios ha com cifras altas, que oscillam de 10 a 37. Nos municípios, onde predomina a população de origem germanica, o total nunca alcança á dezena e se mantem mesmo muito abaixo desta.

Houve 5 em Taquara, como em São Leopoldo; 4 se registraram em Lageado, Montenegro, São Sebastião e Santa Cruz; em Estrella, houve 2; Novo Hamburgo, São Lourenço e Taquary, registraram 1 apenas, cada um. Em Venancio Ayres não occorreu, em 1928, um só homicidio.

Do mesmo modo, se mostra reduzida a estatistica dos ferimentos graves. Desses delictos se registraram: em Lageado, 8; em Santa Cruz, 6; em Estrella, 4; em São Sebastião, 3; em Novo Hamburgo, 2; em Venancio Ayres, 1. Em Montenegro, São Leopoldo, São Lourenço, Taquara e Taquary não se registrou um só crime de ferimentos graves.

Entretanto, houve um município do Estado, onde os delictos dessa natureza alcançaram a 51 e em varios delles, o total se manteve acima de duas dezenas.

A estatistica dos attentados á propriedade mostra-se do mesmo modo favoravel. Nella figuram, em 1928, Taquara com 11 roubos, cifra, aliás, excepcional; São Lourenço com 2 e Novo Hamburgo com 1. Os demais municípios da região colonial allemã não apparecem nesse quadro.

Quanto aos furtos, apenas São Leopoldo figura com 3 e Lageado com 1. Nos demais nove municípios a que nos temos referido nem um só caso se registra.

O exame desses dados é, como se viu, o mais favoravel possivel. A estatistica da criminalidade, mesmo estendendo-se a observação ás simples contravenções, comprova a indole pacifica, o temperamento ordeiro, o espirito de obediencia caracteristico das populações que habitam os municípios para onde de preferencia se encaminhou a immigração germanica.

*

*

*

Com essas salientes condições de vitalidade, robustez, de saúde, espirito de ordem, e consequente capacidade de trabalho, o colono allemão ou o seu descendente não podiam deixar de destacar-se como elemento de grande actividade produtora.

Sob esse aspecto, o beneficio que temos recebido da immigração germanica, italiana, ou de qualquer outra origem, mas sobretudo das duas primeiras, é de inestimavel valia.

Num suggestivo quadro, em que se resumiam incisivamente valiosos dados, organizado pela Directoria de Terras e Colonisação, encontravam-se estas cifras que valem pela mais segura das documentações: produção agricola total do Estado, em 1922, 1.234.314 contos de réis; produção da região colonial, no mesmo anno, 794.195 contos de réis. Dahi resultava, para o Estado, uma media geral de 602\$286 de produção por habitante. Na região colonial, porém, a quota, „per capita“, era muito maior. E na realidade, cada habitante desse região, produzia 936\$550.

Bastariam esses algarismos para a mais completa e eloquente defeza da immigração, com o regimen de pequena propriedade e a cultura intensiva do solo que della decorreu. Implicito nesse elogio, o da colonisação allemã, inda melhor se justifica, em presença de dados que mais minuciosamente documentam a actividade das populações de origem germanica.

Veremos que se, com os annos decorridos, aquellas cifras se modificaram consideravelmente, permanece accentuada a preponderancia que ellas conferem á capacidade produtora do trabalhador de nossas regiões coloniaes.

Observemos o valor da produção agricola do Estado. Elle se computou, em 1927-28, num total de 1.075.555 contos de réis. Para essa cifra global, os municipios onde predomina a população de origem germanica concorreram com as parcellas seguintes:

Estrella	24.193	contos
Lageado	21.453	„
Montenegro	30.685	„
Novo Hamburgo	1.216	„
Santa Cruz	20.667	„

São Leopoldo	20.089	contos
São Sebastião	24.668	"
Taquara	23.730	"
Taquary	10.116	"
Venancio Ayres	13.754	"
Total	206.704	"

Temos, assim, onze municipios com uma produção agricola que representa approximadamente o quinto da produção total do Estado. Se estabelecessemos uma media, entre os oitenta municipios, veriamos que ella foi no anno citado, de 13.444. Essa media foi geralmente excedida nos municipios da região colonial allemã. Alguns delles chegam quasi a dobral-a, como Estrella, São Sebastião e Taquara. Montenegro excede de muito ao dobro da media.

A pequena cifra de Novo Hamburgo não deve illudir. Esse municipio della se desforra, brilhantemente, no total da produção industrial. Sendo o de menor area territorial, em todo o paiz, valorizou-se, com effeito, por uma formidavel actividade fabril, desdobrada em multiplas manifestações sobretudo relacionadas com a industria de couros.

Avaliada em 914.000 contos a produção industrial do Estado, em 1927, para ella deram os municipios a que nos vimos referindo, os contingentes seguintes:

Estrella	7.362	contos
Lageado	9.500	"
Montenegro	12.794	"
Novo Hamburgo	35.000	"
Santa Cruz	20.244	"
São Leopoldo	21.250	"
São Lourenço	973	"
São Sebastião	9.400	"
Taquara	15.504	"
Taquary	2.620	"
Venancio Ayres	2.000	"
Total	136.647	"

Se fizermos o calculo, em relação á população do Estado, segundo o computo official em 31 de dezembro de 1927, veremos que a capacidade produtora de cada habitante do Rio Grande se accusa por estas cifras:

	Media por habitante
Produção agricola	411\$695
Produção industrial	350\$239
Total	762\$934

A essa cifra, que representa a quota da produção *per capita*, em todó o Estado, contrapõem-se nos municipios de predominante população de origem allemã — computada pelos mesmos dados officiaes, naquella data, em 402.600 habitantes — os algarismos seguintes:

	Media por habitante
Produção agricola	513\$412
Produção industrial	339\$411
Total	852\$823

Assim, tomada em bloco, a superioridade de produção do habitante da região se mantem, accusando-se por uma differença de 89\$889 a mais *per capita*.

Uma advertencia, porém, é preciso fazer: é que esses algarismos não nos dão a medida exacta do que representa o esforço produtor do trabalhador de origem allemã em terras do Rio Grande do Sul. Com effeito, uma differenciação absoluta é hoje impossivel fazer-se, de modo a aquilatar com precisão aquella capacidade produtora. A's populações dos municipios que nos serviram de base ao estudo feito, teriamos de

sommar as colonias allemãs da Serra, de Cachoeira ou da zona do extremo norte do Estado, de mais recente povoamento, onde os lavradores de origem germanica se confundem com os de outras procedencias. Se a essa minuciosa differenciação pudessemos chegar, veriamos elevar-se sem duvida a cifra acima apontada, marcando uma superioridade de produção *per capita* mais pronunciada ainda que a decorrente dos dados officiaes de 1922, pois que maior é hoje.

E, descendo a detalhes, encontrariamos, em nucleos onde é mais densa a população de origem germanica e menor a penetração de elementos de outra procedencia, exemplos notaveis como os que nos offerecem estes breves quadros:

SANTA CRUZ

Produção agricola	20.667:000\$000
„ industrial	20.244:000\$000
Total	40.911:000\$000

População: 48.000 habitantes.

Media de produção por habitante 852\$312

NOVO HAMBURGO

Produção agricola	1.216:000\$000
„ industrial	35.000:000\$000
Total	36.216:000\$000

População: 10.000 habitantes.

Media de produção por habitante . . . 3:621\$000

São cifras essas, das mais expressivas. A ultima, sobretudo, é das mais altas que se podem apontar em todo o paiz.

* . . . *

No Censo Agricola, a que procedeu em 1.º de setembro de 1920, colheu a Directoria Geral de Estatistica os dados relativos ao valor das terras em todo o Brasil. As cifras apuradas em relação ao Rio Grande do Sul são profundamente expressivas da valorisação que o trabalho fecundo dos colonos alle-mães e seus descendentes operou nas terras por elles povoadas.

E para que bem se possa apreender o phenomeno em toda a sua extensão, a seguir reproduzimos o quadro da estatistica que nos dá o valor medio das terras por hectare, nelle comprehendidas as bemfeitorias, nos municipios recenseados:

Estrella	246\$000
Taquary	243\$000
Venancio Ayres	232\$000
Pelotas	232\$000
Montenegro	211\$000
São Sebastião	200\$000
Bagé	196\$000
São Leopólido	185\$000
Dom Pedrito	180\$000
Bento Gonçalves	171\$000
Taquara	164\$000
Caxias	161\$000
Uruguayana	157\$000
São Lourenço	152\$000

Ijuhy	152\$000
Santa Cruz	150\$000
Alfredo Chaves	149\$000
Garibaldi	149\$000
Lavras	149\$000
Livramento	148\$000
Guaporé	138\$000
Lageado	137\$000
Quarahy	131\$000
Encantado	126\$000
Porto Alegre	123\$000
Viamão	120\$000
Antonio Prado	118\$000
Herval	118\$000
Gravatahy	117\$000
Santo Antonio	115\$000
Pinheiro Machado	114\$000
Cachoeira	111\$000
Rosario	111\$000
Jaguarão	108\$000
Triumpho	106\$000
Santa Victoria	105\$000
São Vicente	101\$000
São Gabriel	99\$000
Santa Maria	97\$000
Santo Amaro	96\$000
Itaquy	96\$000
Erechim	94\$000
São Jeronymo	92\$000

Piratiny	92\$000
S. Francisco de Paula	90\$000
São Sepé	86\$000
Cangussú	85\$000
Rio Grande	83\$000
Camaquam	83\$000
Rio Pardo	82\$000
São Borja	81\$000
Julio de Castilhos	80\$000
Vaccaria	80\$000
Caçapava	77\$000
Dores de Camaquam	76\$000
Arroio Grande	73\$000
S. Francisco de Assis	73\$000
Santo Angelo	72\$000
Encruzilhada	71\$000
Passo Fundo	70\$000
Cruz Alta	70\$000
Soledade	68\$000
Torres	68\$000
Lagoa Vermelha	67\$000
Santiago do Boqueirão	65\$000
São Luiz	64\$000
Bom Jesus	61\$000
Palmeira	56\$000
Conceição do Arroio	53\$000
São José do Norte	35\$000

Tres municipios da zona onde prosperou a colonisação de origem germanica marcham á testa dessa classificação. Os

demais se seguem a pequena distancia, compreendidos sempre na categoria daquelles onde a valorisação da terra alcançou a mais alto gráo.

A lei 304, de 30 de novembro de 1854, mandava vender a 300\$000 um lote de cem mil braças quadradas de terras. Na zona colonial allemã é esse quasi, segundo as cifras do censo de 1920, o valor medio de um só hectare. E esse valor chega a medir-se pelo dobro e até pelo triplo do que nos mesmos dados se attribue a terras de municipios dos mais adeantados da zona pastoril.

Que melhor prova se poderia desejar de como frutificou o trabalho allemão, de como elle foi util á terra que fecundou e de como recompensou a esses fortes e operosos pioneiros do nosso progresso?

Capítulo IX

O ISOLAMENTO DAS POPULAÇÕES DE ORIGEM GERMANICA

Responsabilidades a apurar — A falta de escolas — As primeiras prevenções — Naturalização e religião — A desídia dos governos — Uma lei inqualificavel — Circulo que se fecha — Confusão desfeita e prevenções que se dissipam — Conclusão.

A' immigração allemã, por tantas razões, como vimos, benemerita, tem se movido, com insistencia, uma accusação em apparencia justificada: é a que estriba naquella „infusibilidade“ de que fala Oliveira Vianna. As populações de origem germanica — diz-se — vivem sua vida á parte, extremadas no seio da communhão nacional, dentro do circulo fechado dos seus costumes peculiares, dos seus usos tradicionaes, da sua lingua.

Mais que nenhuma outra causa, esta, a da lingua, ou melhor, a da profunda dissemelhança da lingua é que as isola. E o colono germanico — assevera-se — tem se mostrado sempre refractario a cultivar esse elemento capital de união, de solidariiedade, de fusão, que é a lingua nacional.

Mas terá sido sempre assim? Caberá exclusivamente ao colono allemão, ao seu apego ás tradições da terra de origem, a culpa do isolamento que chegou a enkistar como corpos extranhos no organismo em que se inseriam, os seus nucleos coloniaes? Não haverá, antes, ao contrario, graves responsabilidades dos dirigentes brasileiros a apurar, nessa materia? E' o que facilmente veremos.

As condições em que inicialmente se operou a immigração no Rio Grande do Sul e o destino dado aos colonos pro-

piciavam o isolamento. De 1824 até 1856, os immigrantes eram exclusivamente de origem teutonica. Estes ou fundavam novos nucleos ou iam reunir-se aos já existentes de povoadores da mesma origem. Quando começaram a entrar europeus vindos de outras terras e, sobretudo, quando se iniciou outra corrente volumosa, a dos italianos, estes passaram, por sua vez, a agrupar-se, separados daquelles, em novas colonias que se iam installando. Entre elles, os colonos continuavam naturalmente a empregar a lingua mater. Nos primitivos nucleos coloniaes, a não ser dous ou tres agentes da autoridade, não havia quem falasse a lingua do paiz. Difficil resultava aos immigrantes aprendel-a no trato diario, de oitiva. Muito menos havia quem ali a ensinasse.

E' intuitivo — mas levamos quasi um seculo para comprehendel-o — que a escola devia ter sido o elemento primario de nacionalisação a empregar em tal conjuntura. Desde começo, desde o inicio da colonisação se devia ter cuidado de proporcionar aos colonos meio facil de aprenderem a lingua do paiz onde iam viver. Era medida que se impunha não só por dever de providencia politica, mas como indispensavel ao exito economico da acção colonisadora que o Imperio iniciava. Era o meio de prender mais efficaçmente o trabalhador alienigena á terra onde elle desejava e nós queriamos se radicasse definitivamente; era igualmente, e concorrendo para o mesmo objectivo, o meio de facilitar-lhe o commercio com os naturaes, assegurando-lhe assim mais prompta prosperidade economica e permittindo-lhe sentir-se melhor no novo habitat.

Quando taes cautelas elementares se descurassem em relação aos colonos vindos d'além mar, ao menos se devia cuidar fossem aprendendo o idioma de seu paiz, os filhos daquelles que aqui iam nascendo. Foi, entretanto, do que menos se curou. Não faltou, por certo, quem advertisse ao governo imperial, da necessidade de fazel-o. Mas eram os proprios colonos que, de inicio, renovavam insistentemente as suas advertencias e as suas sollicitações nesse sentido.

Ainda em novembro de 1825, em São Leopoldo não havia nenhuma escola. „O colono Fernando Pfeiffer — diz um

officio de José Thomaz de Lima, desse mez e anno, ao presidente da Provincia ⁹⁶⁾ — está prompto para ensinar as primeiras letras aos filhos dos Colonos, e eu fico esperando insinuações de V. Exa. sobre este objecto para se abrir a escola.“ Certo, se esta chegasse a abrir-se não havia de ser o portuguez que Fernando Pfeiffer, havia tão pouco chegado da Allemanha, iria ensinar aos filhos dos colonos.

Mas nem mesmo solicitações como essa, e que se tornavam cada vez mais frequentes, demoviam o governo imperial a cuidar de um problema de maxima importancia para o futuro da nacionalidade e cuja solução, encaminhada em tempo, teria evitado não poucos dissabores. O proprio Fernandes Pinheiro, presidente da Provincia, ponderava ao ministro do Imperio, já em meados de 1825: „... não escapará, de certo, ás luzes superiores de V. Exa. quanta influencia isso (a creação de uma escola de primeiras letras) póde ter sobre os costumes, e quanto importa ir destruindo o uzo exclusivo da Linguagem Allema.“ ⁹⁷⁾

Afinal, em 1826 inaugura-se uma escola. Mas essa aula unica é já insufficiente para a população, inacessivel para uma grande parte della. Far-se-ia necessaria outra, pelo menos. Mas o proprio presidente da Provincia, que aponta a necessidade, declara que „parece não convir, por ora“, satisfaz-a. Eis a original informação:

„Em quanto ao objecto da Escolla, havendo esta sido collocada junto á antiga Feitoria apenas he e pode ser frequentada pelos alumnos filhos dos colonos estabelecidos aquem do Rio dos Sinos, e nunca pelos que se achão datados além do dito Rio; inconveniente que nem provem de ommissão dos Colonos, nem poderá remediar-se sem que seja creada outra Escolla, que parece não convir por ora, attentas as grandes despesas consignadas á manutenção da Colonia, e as remotissimas esperanças de sua indemnisação.“ ⁹⁸⁾

⁹⁶⁾ Officio de José Egydio Gordilho da Barbuda, em 11 de

⁹⁷⁾ Officio de José Feliciano Fernandes Pinheiro, em 14 de maio de 1825 — Documentos do Archivo do Estado.

⁹⁸⁾ Officio de José Egydio Gordilho da Barbuda, em 11 de outubro de 1826. Documentos do Archivo Historico do Estado.

Vê-se bem, pelo tom da linguagem, que já não era mais presidente da Província o futuro visconde de São Leopoldo. Os colonos, entretanto, encaravam a questão sob outro aspecto. Para elles, a falta de escolas primarias era uma das razões maiores de queixa. Em 1832, escrevendo a um cunhado, a quem convidava a transferir-se da Allemanha para cá, o colono Mathias Franzen, lamentava: „O que nos falta aqui são unicamente escolas e egrejas. As missas ás quaes podemos assistir são as celebradas em Sant'Anna do Rio dos Sinos e em São Leopoldo: esta localidade dista daqui 7 e aquella 4 leguas, por estradas mal cuidadas e em épocas chuvosas quasi intransitaveis. Tambem ha grande falta de escolas primarias; as poucas que existem são tão distantes que não podemos mandar para lá os nossos filhos e nos vemos obrigados a dar-lhes alguma instrução em casa.“⁹⁹⁾

E, rematando, com visível satisfação e demonstrando o apreço em que o colono tinha o conhecimento da lingua do paiz, Franzen concluia: „O meu filho Pedro José já andou viajando por todo esse paiz e fala bem a lingua portugueza“.

* *

*

Peor era a situação da colonia de Torres onde, em 1830, não existia uma unica aula de primeiras letras. Continuava a prevalecer entre os governantes de então o criterio de que não convinha augmentar, com o ensino nas colonias, despesas para as quaes eram „remotissimas as esperanças de indemnisação“. Em taes condições não era de confiar numa rapida modificação de tal estado de cousas. A guerra civil, em 1835, veio aggravar-o ainda mais.

Ficou-nos do decennio daquella epopéa um patrimonio inestimavel de glorias, um acervo inexgotavel de tradições enobrecedoras. Mas, na Província, ao findar a luta, tudo era ruina economica e desorganização administrativa. A propria

⁹⁹⁾ „O Municipio de São Leopoldo“ — Dados historicos, geographicos e estatisticos coligidos por Leopoldo Petry — Pag. 26.

população decrescera. Os serviços publicos haviam soffrido enormemente.

As colonias, em meio daquella situação attribulada, não podiam ter pretendido melhor sorte. Ellas haviam ficado esquecidas. Não se cuidara do ensino, como não se cuidara de outra qualquer cousa que não fosse a luta em que se degladiavam republicanos e imperiaes e se dessangrava o heroico Continente. Entretanto, a propria luta offerecera ensejo a que se constatasse como os colonos allemães se sentiam presos á terra de adopção, como partilhavam de suas vicissitudes e como faziam seus os sentimentos que animavam ou dividiam a sua gente. Vimos já, em capitulo anterior, como os colonos tomavam partido, com Hermann von Salisch, pela Revolução, ou com João Daniel Hillebrand, pelo Imperio.

Ha um documento, datado de 1842, que nos diz de maneira expressiva, dos sentimentos dos colonos por esse tempo. O documento, de mão illustre, é do barão de Caxias, que então estava na presidencia da Provincia de que viria a ser o pacificador, e no commando do exercito imperial que combatia os republicanos. Voltando de uma visita á colonia de São Leopoldo, o futuro duque de Caxias, escrevendo a 12 de dezembro daquelle anno ao ministro do Imperio, conselheiro Candido José de Araujo Vianna, lhe dizia:

„Os Colonos reclamão ardentemente ser reconhecidos Cidadãos Brasileiros, conforme o trato com elles feito, que por copia incluso remetto. Este reconhecimento daria á legalidade uma força de 500 homens, bons e valentes soldados, a pé e a cavallo, e evitaria a despeza que se faz com uma porção delles, que servem como engajados; e posto nada possam lucrar com tal reconhecimento elles o desejão, talvez por amor dos filhos nascidos no paiz. Como a Colonia está estabelecida ha 18 annos, avulta o numero das Creanças, que já se vão dedicando exclusivamente aos misteres da industria e da agricultura e mesmo o numero de rapazes que servem nas nossas fileiras com os vencimentos de estrangeiros engajados, quando de facto são Brasileiros. Elles se entristecem com a lembrança de que o governo Imperial concedesse o titulo de nossa nacio-

nalidades aos da colonia Sahi, entretanto que elles, antigos, presentes e cheios de filhos, que já servem ao paiz, que os vio nascer, estão privados deste gozo.“

O que, sobretudo, preocupava, ao barão de Caxias — vê-se bem nesse documento — era o aspecto militar da questão: os „quinhentos bons e valentes soldados, de a pé e a cavallo“. que a legalidade podia obter. Fica, porém, a descoberto o des-caso do governo imperial pelo problema fundamental da assimilação do colono. Não só não se fizera nada para apressar a fusão desejavel; mas até mesmo os filhos de colonos, nascidos no Brasil, não conseguiam ver reconhecida a sua qualidade de brasileiros: ao contrario, eram tratados como estrangeiros. E esses homens que pediam lhes fosse permittido servir gratuitamente, sómente figuravam nas fileiras imperiaes como „estrangeiros engajados“.

Póde surpreender, em taes condições, o isolamento dos que se viam, por tal modo, não só descurados, mas repellidos? Negavam-se-lhes escolas, nada se fazia por ensinar-lhes a lingua nacional attraindo-os ao convivio dos nativos. Recusava-se-lhes o reconhecimento da cidadania brasileira que reclamavam como condição contratual e a seus filhos, já brasileiros natos, se continuava a tratar como se estrangeiros fossem. Não está ahí á mostra a causa originaria do mal? Em vez de procurar combater ou neutralizar a „infusibilidade“ do allemão, a incapacidade dos governantes a propiciava. E outros motivos viriam, mais tarde, sommar-se aos já existentes, para aggravar o problema.

*

*

*

Em 1846, vemos, pela primeira vez, reflectir-se, em documento publico, uma nascente prevenção contra os colonos allemães.

O abandono em que a colonia de São Leopoldo fôra deixada, a falta de escolas publicas, produzira seus frutos. Entre

os seus povoadores vindos d'além-mar, como entre seus proprios filhos já aqui nascidos, o portuguez era pouco corrente. Muitos delles o ignoravam totalmente. E só atravez dos bons officios de um interprete logravam as autoridades entender-se com elles. Por outra parte, reencetára-se em 1844 a corrente immigratoria. Para o entendimento com os recém-chegados mais indispensavel se fazia aquella funcção.

Na escolha de quem devia exercel-a, se offereceu pretexto para demonstração publica da prevenção a que acima alludimos. Fora São Leopoldo elevada á categoria de villa no anno anterior. Indicado, pelo presidente da Provincia, João Daniel Hillebrand, para o cargo de interprete, impugnou a Camara Municipal da nova villa, a nomeação, pedindo se designasse de preferencia um brasileiro e solicitando mais, „em nome dos habitantes deste municipio“, que „nenhum emprego se crie ou se conserve sem que este deixe ser puramente exercido por pessoa brasileira e esta catholica“. ¹⁰⁰⁾

¹⁰⁰⁾ Vale a pena conhecer, em extenso, os dous documentos que aqui se mencionam. O officio de Patricio Corrêa da Camara, datado de 25 de setembro de 1846, e dirigido ao Ministro dos Negocios do Imperio, propondo a nomeação de Hillebrand, era, na parte pertinente ao assumpto, assim concebido:

„Existe desde ha muito tempo alli, o doutor João Daniel Hillebrand, seo compatriota, homem de muita probidade e decisiva adhesão A Pessoa de S. M. o Imperador e ao Systema, que actualmente nos rege; he muito bem quisto dos Colonos e goza entre elles de grande prestigio e influencia. Durante a revolução depois de ter feito muitas reuniões a favor da Legalidade, foi nomeado Cor.^{el} de Comsão, e Commandante da Policia daquelle Districto, cuja elevação muito agradou e lisongeou aquelles colonos. Posto que fosse só Commadante Militar, elle sempre que podia aproveitava seo tempo a bem do progresso da mesma Colonia; enviando por curiosidade sua, e de seis em seis mezes, hum mapa Statistico da extração de seus productos; e finalmente ainda hoje todas as informações a respeito dos Colonos se pedem a elle por ser o unico que as póde dar; concorrendo para isso o saber perfectamente o idioma Portuguez e o Alemão. Pacificada a Provincia o Exmo. snr. Conde de Caxias, em vista das reduções ordenadas pelo Ministerio da Guerra, o dispensou daquelle Commando; porém para aproveitar sua habilidade e prestimo o nomeou Director da Colonia com a gratificação de oitenta mil reis mensaes; e assim se achava

Accusava a Camara a Hillbrand, aliás em absoluto contraste com a opinião sobre elle externada pelo presidente da Provincia, de „disposições anti-nacionais“ e lamentava-se da „falta de força moral que soffrerão as autoridades brasileiras,

até que a Assembléa Legislativa Provincial elevando a Cathegoria de Villa aquella Colonia não votou quantia para semelhante pagamento, e ficou elle dispensado do mencionado Cargo; (de cujas incumbencias encarreguei a Camara Municipal) e a meu ver com prejuizo do adiantamento, tranquillidade, e arranjo de seus compatriotas; e tanto isto he verdade que a mesma Camara acaba de representar-me a urgencia que ha de hum interprete juramentado com quem ella se entenda nos negocios de Colonos; pois que os mais delles não sabem fallar a Lingua do Paiz e tão boas razões me apresentaram que me vi na necessidade de crear esse Emprego sob minha responsabilidade, até ulterior decisão da Assembléa Provincial.“

O officio da Camara de São Leopoldo, impugnando a designação de Hillebrand, era deste teor:

„A Camara com o mais profundo respeito á pessoa e authoridade de V. Exa. faharia ao seu mais sagrado dever deixando de impugnar quanto a necessidade que V. Exa. supõem na pessoa do referido Coronel; ella está ao facto das muitas chagas que este Municipio soffreu com o seo commando geral, e director das colonias, por suas disposições anti-nacionais, e falta de força moral que soffrerão as Authoridades Brasileiras, a ponto dos Colonos Alemães reconhecerem authority na pessoa de seu Director sómente!! A Camara, Exmo. Snr., não quer aponfar factos, por quanto V. Exa. não lhe determina se formasse a mesma em Tribunal de Accusação, mais seja-lhe licito defender os Direitos Nacionais, rogando a V. Exa. em nome dos habitantes deste municipio, que nenhum emprego se crie ou se conserve sem que este deixe de ser puramente exercido por pessoa brasileira e esta catholica.

O capitão João Bento Alves fala perfeitamente o idioma alemão, em sua pessoa encerra qualidades honrosas, necessarias não só para Interprete, como para Director da Colonia, quando V. Exa. ou o governo de S. M. I. queira crear hum tal emprego, e supomos que o mesmo servirá com gosto, dando-lhe o soldo e gratificação de sua patente, com menos dispendio á Fazenda Nacional que algum Estrangeiro.

Pode-se achar hum Alemão por menos ordenado, porém pôde ser algumas vezes enganado como de ordinario acontece com os juizes de paz e mais auctoridades deste lugar, deixando por isso de administrar justiça recta, ficando tudo arremediado com o Interprete que esta Camara tem a honra de apresentar a V. Exa.“

a ponto dos colonos allemães reconhecerem autoridade na pessoa do seu director sómente!" Mas a prevenção, generalizando-se a todos os colonos, melhor se accentuava na accusação implicita neste periodo final: „Poder-se-ha achar um Allemão por menos ordenado, porém pode ser algumas vezes enganado como de ordinario acontece aos juizes de paz, e mais auctoridades deste lugar, deixando por isso de administrar justiça recta, ficando tudo arremediado com o Interprete que tem a honra de apresentar a V. Exa.“.

Devemos ver, nessa attitude, uma subita explosão de espirito nativista? Mais natural, talvez, seria consideral-a como reflexo da necessidade de reacção que já então se devia figurar necessaria ante o estado de cousas creado pelo isolamento em que haviam sido deixados os colonos allemães, pela falta de escolas onde seus filhos aprendessem a lingua do paiz, e pelo des-caso das autoridades.

Mas é de crêr, tambem, que estivessem a influir, no caso, resentimentos sobreviventes ao periodo revolucionario. Hillebrand, como sabemos, tomara decididamente o partido do governo imperial. Servira-o com efficiencia e delle tivera honras e posições de mando. Ao sentimento republicano, ao espirito de rebeldia e de independencia dos rio-grandenses, essa attitude havia de ter chocado e, vindo de um estrangeiro, por maiores titulos de benemerencia que este houvesse de conquistar á gratidão nacional, devia parecer uma intromissão indebita, que não veriam com bons olhos nem mesmo os rio-grandenses devotados á causa imperial.

Certo é, entretanto, que a prevenção se manifestava. E incidentemente, o officio da Camara Municipal de São Leopoldo levanta o véo sobre uma outra causa de afastamento entre allemães (ou, pelo menos, uma parte delles) e brasileiros: a religião. Pedia aquella a nomeação, para o cargo de interprete, de pessoa brasileira e *esta catholica*. E as restricções que os acatholicos soffreram, nos seus direitos de cidadania, mesmo depois de resolvida a questão da naturalização, prolongaram-se, por longos annos, augmentando ás razões de afastamento. Muitos annos mais tarde, Gaspar Silveira Martins fez da famosa questão da „elegibilidade dos acatholicos“, o motivo de uma

de suas mais brilhantes campanhas. E ella valeu ao grande tribuno, com a victoria que a coroou, o prestigio de que o seu nome gozou sempre entre os elementos de origem germanica.

* *
*

Hillebrand, a despeito das accusações que a Camara Municipal lhe movera, guardava o favor do governo imperial e do presidente da Provincia. Vamos encontral-o, assim, de novo, no posto de director da colonia. E em seu relatorio de 1850, vemol-o observar em relação á instrucção publica:

„O estado da Instrucção Primaria he satisfactorio. Mais de 600 Discipulos frequentão as Aulas Publicas e Particulares; julgo porem q. o Emprego de mais dois Professores do Paiz, seria de summa necessidade; pois se encontrão muitos filhos de Colonos, nascidos no Brasil, com mais 20 annos de idade, os quaes, ignorando absolutamente o idioma Brasileiro, necessitão de hum Interprete, quando p.^r ventura são obrigados a comparecerem perante qualquer Tribunal; mormente entre os habitantes do lado Occidental do Rio dos Sinos e das picadas da Serra; ficando d'esta maneira privados de serem eleitos Juizes de Pases, ou de poderem occupar outro qualquer emprego inherente ao fóro de cidadão Brasileiro.“¹⁰¹⁾

A descripção ahi feita não confirma, como se vê, a premissa inicial. O estado da instrucção primaria nada tinha, em verdade, de satisfatorio. Hillebrand, reclamando novas escolas, não firmava, porem, apenas, a sua solicitação no interesse nacional: eram os interesses dos proprios colonos, eram os direitos de seus filhos que estayam em jogo. Fazia-se necessario habilital-os ao exercicio desses direitos — e tambem ao cumprimento de seus deveres — de cidadãos brasileiros. Nem por isso, entretanto, o problema merecia maior attenção.

¹⁰¹⁾ Relatorio de João Daniel Hillebrand, em 1850. Documentos do Archivo do Estado.

Em seu notavel relatorio de 1854, muitas vezes citado neste trabalho e que mereceria ser reproduzido totalmente, pois que vale por uma exposição completa e minuciosa da situação dos colonos allemães no Rio Grande do Sul, áquelle tempo, João Daniel Hillebrand, referindo-se, mais uma vez, á falta de escolas publicas onde se ensinasse o idioma patrio e ás prevenções já então declaradas, escrevia:

„O Exmo. Snr. General Francisco José de Souza Soares d'Andréa, ex-Presidente da Provincia, no seo relatorio apresentado a Assembléa Legislativa Provincial, na Sessão de 1.º de Junho de 1849, fallando da Colonia de S. Leopoldo disse que se devia prohibir a admissão de novos Colonos allemães nesta Colonia para não formar uma pequena Alemãha dentro da Provincia. Se comparativamente á população primitiva, os descendentes dos Colonos, Cidadãos Brasileiros, tivessem sido desde a fundação da Colonia de S. Leopoldo, educados em aulas Nacionais, viria-se melhor que essa população verdadeiramente alemãa he bem pequena a proporção da população nacional ou descendente dessa primitiva; e esta circumstancia bem certo teria evitado ao Exm.º General, de avançar hua proposição, que pelo lado economico torna-se hum absurdo, e pelo lado politico, hum receio mal fundado, que tem feito supor, que um punhado de homens industriosos que não procuram senão o seo bem estar pelo trabalho, e que não aspirão a outra cousa, podessem intimidar a hua valente população como a Rio-Grandense.“

E, mais adiante:

„O mappa n.º 9 demonstra o lugar que actualmente occupa a colonia de São Leopoldo, entre os povos que mais cultivão a intelligencia, isso é em relação ao numero de alumnos que proporcionalmente á população, frequentão as aulas primarias. A prevenção contra os industriosos colonos allemães de São Leopoldo, he grande, e o facto de não fallarem nem elles nem os seus filhos nascidos no Brasil, o idioma Nacional ainda coopera para que com mais afoitesa lhes chamão de „brutos“; porem, esses homens que assim pensão e que assim chamão, que lancem um golpe de vistas sobre aquelle mappa n.º . . . e verão neste

espelhão o nome que lhes compete. Não se pode dizer que o não estabelecimento de aulas Nacionaes na colônia é devido á falta de numero de alumnos, que igual numero de aulas Nacionaes ao das aulas alemães existentes poderia exigir, para funcionar em conformidade a Lei da Instrucção Primaria. Este numero de alumnos excederia de muito aquelles que pelo artigo 7.º da Lei n.º 14 de 22 de Dezembro de 1837 é determinado; pois que esse artigo da Lei da Instrucção Primaria apenas exige, que quinze alumnos frequentem cada huma das aulas primarias, para estas poderem funcionar no lugar em que estiverem estabelecidas; mas suppondo mesmo por um momento, que este caso não se desse na Colônia de São Leopoldo, ainda assim não se deveria considerar esta falta de numero como motivo plausivel, visto o caso excepcional da colônia de não estabelecimento de aulas primarias, pois que vimos no Relatorio apresentado por V. Exa. á Assembléa Provincial na Sessão de 6 de Outubro de 1853, que três aulas primarias em Piratiny são frequentadas por quatorze alumnos, o que faz por cada aula 4,66 alumnos, em lugar de quinze como a citada Lei exige."

Nada demovia, porem, os governantes de sua inercia. Nenhuma advertencia, nenhuma supplica os abalava. Poucos annos depois, o mal já estava muito aggravado. E já então appareciam os allemães responsabilizados quasi exclusivamente por uma situação que elles não haviam creado, contra a qual haviam em mais de uma oportunidade reclamado e que resultava nociva a seus proprios interesses. Com effeito, a Camara Municipal de São Leopoldo, em seu relatorio de 1858, ao presidente da Provincia, depois de descrever o estado da instrucção primaria, observava, duramente:

„Esta Camara julga de seu dever chamar a attenção de V. Exa. sobre a necessidade de criar mais aulas Nacionaes nesta colônia, porem, com leis fortes e exequiveis, a fim de obrigar os Colonos a mandarem ensinar nellas a seus filhos a lingua de seu paiz, de preferencia a allemã; pois devemos consideral-a como instrucção secundaria, sendo tão vergonhozo dizer-se que Brasileiros, filhos de colonos nascidos no Brazil, não saibão falar sua lingua vernacula, carecendo de interpretes quando são chamados ao serviço Nacional e perante as

proprias auctoridades de seu paiz; além de se tornarem inaptos para poderem exercer cargos publicos, procedimento este que tem dado em rezullado o nenhum amor que consagrão a seu paiz e a seus concidadãos, e que até hoje tem sido tolerado pelo governo, em detrimento da civilisação moral, e da sociedade em geral.“¹⁰²⁾

A esse teípo, segundo o mesmo relatorio, a população do municipio não podia ser avaliada em menos de 12.500 almas, tocando aproximadamente 9.000 á colonia de S. Leopoldo e o restante aos demais logares do Municipio. Pois bem: em toda a colonia só existiam tres aulas publicas providas, duas mixtas, na villa, e uma, do sexo masculino, na Capella da Piedade.

Havia, porém, 27 escolas particulares: destas, sómente numa, na picada do Hortencio, se leccionava o portuguez. „Todas as outras — informa o relatorio — insinão simplesmente o Allemão“.

Póde-se culpar aos colonos se, á falta de aulas publicas primarias, preferiam que seus filhos aprendessem o allemão, a deixal-os analphabetos de todo?

* * *

Já se haviam, então, fundado novas colonias. Nellas, a situação não era diversa. Renovavam-se os mesmos pedidos dos colonos, a mesma falta de escolas, a mesma imprevidencia e o mesmo descaso dos governantes.

Montenegro tivera a sua primeira escola creada em 1847; mas só quatro annos depois, em maio de 1851, foi ella provida. Durante dezeseis annos, foi essa a unica aula publica que ali existiu. Só em 1867, se creou a segunda, installada em Maratá! O numero de escolas particulares contava-se já então pelo dobro.

A colonia de Santa Cruz teve a sua primeira escola em

¹⁰²⁾ Relatorio da Camara Municipal de São Leopoldo, ao presidente da Provincia, Angelo Muniz da Silva Ferraz, em 29 de setembro de 1858. — Revista do Archivo Publico.

1851. Mas essa era particular. Fundára-a, na Picada Velha, Guilherme Koch, que viera pouco antes da Allemanha, numa leva que deu á colonisação germanica no Rio Grande o valioso contingente de um grupo de homens de elevada cultura ou de illustre nascimento, aos quaes os acontecimentos politicos de 1848 haviam tornado impossivel a permanencia em sua patria.

Quanto a escolas publicas, a primeira foi creada em 1857, na linha do Rio Pardinho, mas, ao que parece, só veio a funcionar em 1859. Annos depois, em 1867, havia no municipio treze escolas, mas destas, apenas uma gratuita, duas subvencionadas pela Provincia e as demais particulares, onde apenas se ensinava o allemão.¹⁰³⁾ Aliás, houvera, ao que parece, proposito de fazer alguma cousa para modificar essa situação. Mas procurava-se resolver o problema de maneira que, longe de remedial-o, sensivelmente o aggravava. Assim, em 1864, promulgou o governo provincial uma lei, que vale por um verdadeiro testemunho de inconsciencia e attesta uma absoluta incompreensão das mais elementares e imperiosas exigencias da formação da nacionalidade. Equivalia essa lei á decretação do ensino publico em allemão.

Datada de 17 de maio de 1864, a lei n. 579 assim dispunha:

“Art. 1.º — Fica o Presidente da Provincia autorizado a contractar professores particulares, quer nacionaes quer *extrangeiros* para leccionarem primeiras lettras dentro das colonias provinciaes, *devendo o professor saber o idioma predominante na Colonia.*

„Art. 2.º — Serão preferidos para estes contractos, aquelles que se acharem habilitados para ensinar a lingua nacional e seus alumnos; porém, *na falta destes poderão ser engajados mestres que leccionem na lingua que predominar no districto em que a aula houver de funcionar.*

¹⁰³⁾ „Municipio de Santa Cruz“ — Apontamentos colligidos por J. Bittencourt de Menezes.

Art. 3.º — As remunerações pecuniarias arbitradas nos referidos contractos deverão ser proporcionadas ao numero de alumnos gratuitos que houverem de frequentar a escola; porém nunca maior de dous terços dos vencimentos designados aos professores publicos do 1.º gráo, podendo ser arbitrado até um conto de réis annual o vencimento dos professores *que ensinarem tambem o idioma nacional*.

„Art. 4.º — A presidencia da Provincia poderá fórmar tantos destes contractos quantos forem precisos nas Colonias de Santa Cruz, Mont'Alverne, Santo Angelo, Nova Petropolis, Santa Maria da Soledade e São Lourenço, ou que para o futuro se fundarem com emigrantes, com tanto que o seu total em cada colonia se ache na razão de um para cada cem menores de ambos os sexos.“

A diffusão do ensino nas condições que essa lei estabelecia não havia de favorecer a disseminação do vernaculo entre as populações de origem germanica. Ao contrario, com pasmosa cegueira, os governantes cõcorriam para aggravar o problema. Mas os professores contratados não foram muitos e, na realidade, a situação do ensino publico não se modificou nas colonias. A falta de escolas continuou, fazendo-se cada vez mais sensivel á medida que a população crescia. Póde della dar idéa esta referencia do relatorio da Camara Municipal de Santa Cruz, já no anno de 1887, em vespas quasi da proclamação da Republica:

„Sendo este — dizia ao presidente da Provincia, a referida Camara, tratando da instrucção publica — um dos ramos do serviço publico pelo qual muito se interessa esta municipalidade, permittir-lhe-eis que ella insista em pedir-vos que faças extensiva a este municipio a autorisação concedida a outros de, na falta de professores habilitados com o curso de Escola Normal, poder contractar professores para regerem interinamente as cadeiras, ha muito creadas nas linhas Santa Cruz, Travessão, Sinimbu e São João, onde existem mais de

800 creanças de 6 a 12 annos de idade, sem que haja nessas linhas um só professor publico, que possa diffundir o conhecimento da lingua vernacula entre essa grande massa de creanças. Que amor á patria deveremos pois esperar desses futuros cidadãos que do Brasil tudo desconhecem, a começar pelo idioma!

„Com sacrificio de suas rendas, subvenciona esta Camara um professor para leccionar as creanças existentes no Herval de São João; por isso pede-vos que a liberteis desse onus, creando uma escola publica naquella populosa circumscripção“. ¹⁰⁴⁾

Afinal, já em pleno regimen republicano, encontramos este exemplo dos frutos produzidos, na região colonial, pelo abandono em que fora deixado o ensino do vernaculo: reunida a junta municipal provisoria de Santa Cruz, em novembro de 1891, fôra-lhe presente um officio do redactor do jornal *Kolonie* o qual „fazia sentir a conveniência de serem publicados os actos da mesma junta no idioma allemão, visto a maior parte dos leitores do dito jornal não entenderem o portuguez“. A junta accitou, pressurosa, e ainda „agradeceu o alvitre que lhe fez o mencionado redactor“.

Fechava-se, assim, o circulo: aos primeiros colonos, haviamos negado as escolas que pediam; a seus filhos haviamos incitado a aprender o allemão nas escolas particulares, pela falta quasi total de aulas publicas; mais tarde, havia se tolerado, nestas, o ensino do allemão. Não era de admirar se, afinal, nos encontravamos em face de brasileiros que ignoravam o idioma de seu paiz e só atravez do allemão podiam ter conhecimento dos actos officiaes deste.

* * *

De começo, teria sido facil evitar o mal. Eram os proprios colonos allemães que solicitavam se lhes dessem escolas. Eram elles que pediam se proporcionasse a seus filhos a possibilidade de aprender o idioma patrio, ao mesmo tempo que

¹⁰⁴⁾ „Município de Santa Cruz“, obra cit. Pag. 208.

demonstravam vivo empenho por obter a naturalização. Movia-os, a isso, o seu proprio interesse. Em numero ainda limitado, formando nucleos isolados em meio da população indigena, tornava-se-lhes indispensavel o conhecimento da lingua para o seu commercio, para o seu trato constante com aquella.

Desattendidos, cuidaram de supprir por seus proprios meios á falta das escolas que os governos lhes negava. Não podendo ensinar o portuguez aos filhos, queriam ao menos que não ficassem analphabetos. O mais instruido dentre os proprios colonos era, de inicio, o mestre-escola e não podia ensinar sinão a unica lingua que sabia: a sua propria. Só mais tarde, foram chegando da Allemanha, em novas levas de immigrants, os que já traziam o proposito de consagrar-se ao magisterio.

O mal que se não evitára, em tempo, podia, ainda ser remediado. Também o não fizemos e, reatado, em 1844, o curso da immigração, deixamos, a despeito das advertencias que iam surgindo, aprofundar-se rapidamente o mal. Enquanto isso, a situação se ia modificando, tornando mais difficil neutralizar as consequencias do erro inicial e exigindo mais energia no combate a dar-lhe.

Crescia o numero dos colonos; multiplicavam-se os nucleos por elles formados. O lavrador, para a venda de seus produtos, já não tinha necessidade de pôr-se em contacto directo com o comprador brasileiro. Nas villas proximas, algumas dellas antigas sédes de colonias, encontrava o commerciante de origem germanica, com quem se entendia na lingua de seus paes. Tornava-se-lhe, assim, menos sensivel o desconhecimento do portuguez. Por outro lado, não se resignando á falta de escolas, já que o governo não lh'as dava, multiplicavam, os colonos, as particulares. Mais tarde, as foram creando associações germanicas, algumas constituidas para esse preciso fim. As difficulades que haviam, de inicio, encontrado para a naturalização, arrefeceram, de algum modo, o ardor dos colonos e o seu empenho por associar-se á vida publica da terra em que viviam. Congregaram-se, entre si, isolando-se. Para os que eram protestantes, as restricções oppostas por motivos

de ordem religiosa mais contribuíram para o isolamento. Creara-se, assim, o ambiente propício ás suspeições, ás prevenções que não tardaram a apparecer e que a reciproca incompreensão foi, com os annos, avolumando.

A incuria, sinão a ineptia dos governantes chegou a extremos inverosímeis na materia. A inqualificavel lei de 1864, modelo de inconsciencia, é uma prova disso. Retiravam-se as nossas autoridades da luta, quando ella se ia tornando mais necessaria. Com effeito, a Allemanha iniciava, na Europa a sua grande marcha ascensional. Preparada pelas victorias prussianas sobre a Dinamarca e sobre a Austria, surgira a unidade allemã do triumpho sobre a França, na guerra de 70. O novo imperio, guiado pelo genio politico de Bismarck, alcançava rapida expansão. Os novos immigrants que de lá chegavam transmittiam, em suas narrativas, a visão poetisada da nova grandeza germanica e, nos velhos colonos, a saudade antiga se dourava da admiração, do orgulho, que aquelle poderio crescente inspirava e que transmittiam a seus filhos. O governo de Berlim, por sua vez, começava a voltar suas vistas para as terras distantes que colonos allemães fecundavam. Multiplos interesses aconselhavam a manter estreitamente ligados á patria de origem os emigrados e seus filhos, a quem o „jus sanguinis“ imperante ainda nas legislações europeas attribue a nacionalidade paterna. O melhor meio de estreitar esses laços, era, ainda, a lingua, ou antes a escola onde se aprendia a falar o allemão, a venerar a Allemanha, e a adquirir uma fé inabalavel na superioridade de seus destinos. Vieram, então, os mestres que a Allemanha imperial enviava para as escolas que o seu governo subvencionava, para as escolas que as associações germanicas creavam em centros densos de população ou em nucleos apartados, onde as aulas publicas escasseavam ou appareciam humilhadas pela extrema modestia de sua installação, pela pobreza de seu aparelhamento, quando não pela impreparação de seus professores.

Foi a situação que a Republica encontrou e que continuou a se aggravar até o começo do seculo presente, favorecida pela fascinação que sobre o colono allemão e seu descendente exer-

cia a potente irradiação da grandeza imperial germanica e do maravilhoso surto da Allemanha nas industrias e nas sciencias.

* *

Sobreveiu a guerra européa. O germen de antigas suspeições gerou momentos dolorosos. Chegou-se ao conflicto germano-brasileiro. Mas, passada aquella hora de profunda perturbação, pôde-se advertir uma consequencia inesperada.

A guerra mostrára a existencia de um possivel antagonismo de interesses de que, até então, pareciam não haver suspeitado os proprios interessados. Provara, quando menos, uma absoluta diversidade de destinos. E a confusão que até ahi dominava os espiritos se desfez, delimitando nitidamente a linha de separação que nos descendentes do velho tronco germanico, distingue a admiração pelas glorias da terra de seus maiores, do affecto e dos deveres para com a patria de seu nascimento. São sentimentos que estão hoje visivelmente differenciados. Novos factores — a multiplicação de aulas publicas, o sorteio militar, a crescente actividade politica local, notavel nos municipios da antiga zona colonial allemã, como em todos os demais — concorreram para fazer cessar o alheimento das populações de origem germanica e trazer-as a um convivio que está hoje intimamente estabelecido com a massa total dos povoadores do Rio Grande.

A' medida que o tempo ia pondo em claro culpas passadas e erros removiveis, os mal-entendidos e as prevenções perdiam sua força de separação. Caminhamos, agora, para a fusão total. A' formação da raça, a contribuição germanica terá trazido, como vimos, um quinhão valioso. Os beneficios que da colonisação allemã recebemos são inestimaveis. A situação que os colonos allemães e seus descendentes desfrutam mostram, de outra parte, que soubemos ser gratos e que a terra, generosa e acolhedora, recompensou fartamente aos que vieram fecundal-a com seu trabalho.

A influencia das revoluções Pernambucanas de 1817 e 1824, na republica de Piratinim

Quando em 10 de Novembro de 1710, no Senado da Camara de Olinda em Pernambuco, o capitão-môr Bernardo Vieira de Mello, propõe que se declare a Republica, moldada na de Veneza, esse brado de liberdade repercute, em muitos corações de brasileiros e em muitas localidades do Brazil.

As ideas democraticas, pullulam em todos os cerebros e insofregos pela liberdade, desejam a republica e, companheiros de Bernardo Vieira de Mello já dizem: „Os pernambucanos sabem se governar e não precisam de rei“.

Essas theorias insufladas pelo echo da revolução franceza de 1789, fazem estalar a de 1817. Essa ephemera republica que foi suffocada, por covardia de uns e traição de outros, deixou no animo da mocidade, sementes de profundas raizes e o anseio pela liberdade já não era mero devaneio, era ideia predominante.

Em 1824 estala a revolução conhecida na historia por Confederação do Equador, onde Paes de Carvalho tem esta expressão, que bem define o pensamento predominante: „Republica e só Republica, abaixo a tyrannia da realenza“.

Todas estas tentativas de republica, desde o brado de 1710 até a Confederação do Equador, passando por cima dos cadaveres dos martyres da Inconfidencia, não podiam deixar de influir nos corações dos gauchos; e os farroupilhas impellidos por caudilhos como Rivera, proclamam a Republica de Piratinim.

Bento Gonçalves, Bento Manoel, Canabarro, Garibaldi, Onofre, Corte Real e outros, se se deixaram levar pela propa-

ganda de caudilhos do Estado Oriental, para se formar uma republica no Sul do Brazil, era porque já a semente da ideia republicana e de liberdade, tinha sido lançada por Pernambuco, e os echos dessas intentonas tinham chegado até o sul, provavelmente pela voz da imprensa, que naquelle tempo era, em Pernambuco, o „Typhis Pernambucano“ e o „Argos Pernambucano“, onde fulguravam pennas como a de José da Natividade Saldanha, João Soares Lisboa, Frei Caneca e outros, que tão fortemente abalam a coroa do primeiro imperador.

Na proclamação dos farroupilhas, de 29 de Agosto de 1838 aos povos do continente, se nota o brado da consciencia de um povo que quer ser livre e que está impulsionado ou influenciado por um ideal, como é commentado pelo historiador Rocha Pombo em sua „Historia do Brazil“.

Nessa proclamação é palpavel a influencia dos ideaes expendidos pelos revolucionarios de 1710, 1817 e 1824. Essa proclamação que Rocha Pombo vê nella: „a alma commovida de um povo que clama pelos ideaes da indepencia“, — não pode deixar de ter soffrido a influencia das ideias democraticas de 1817 onde, occultamente, se prégava odio á tyrannia dos reis e doutrinarimente se chegava á independencia pela republica.

Se essas ideias chegaram ao Sul pelos artigos inflammados do „Typhis Pernambucano“ ou do „Argos Pernambucano“, jornaes, daquella época, impressos no Recife, onde fulguravam scintillantes pennas, vieram então por intermedio da maçonaria, cuja disseminação pelo paiz era tão grande, que fez sentir sua influencia, em todos os fastos da Historia do Brazil.

Já Felisbello Freire na sua Obra „Historia Constitucional da Republica“ 2.^a edição, diz que: „a Republica de Piratinim e a Confederação do Equador em 1824 em Pernambuco, offerecem pontos de semelhança, parecendo que ambas idealisaram o mesmo fim, baseadas nos mesmos principios de uma republica federativa“.

Não se pode deixar de ver que as influencias das ideias de: independencia, liberdade e republica, vinham solapando a America. Em 1776 os americanos proclamavam a indepen-

dencia e o direito de eliminar os governos despoticos e fundaram os Estados Unidos da America. Em 1810 Bolivar na Venezuela proclama a sua independencia com a republica. Em 1816 os Argentinos em Tucuman, rompem todos os laços que tinham com a Hespanha e proclamam a sua independencia. Em 1817 dá-se a revolução de Pernambuco. Emfim em 1824, Paes de Andrade proclama a Confederação do Equador e: — „estabelisada a nova forma de governo, as *provincias do sul* seriam convidadas — como foram — para se confederarem“. — (Rev. do Ins. II. G. Pernambucano).

Não se vêm na proclamação de 29 de Agosto de 1838 as mesmas ideias, no convite ás suas irmãs para se reunirem á Republica de Piratinim?

A affirmativa se impõe.

Um povo que vem sabendo das continuadas victorias da liberdade, que vê a tentativa de 1817 e de 1824, que esta não é mais do que uma continuação daquella; um povo aguerrido que teve a gloria de conquistar com o seu esforço o seu Rio Grande, a custa de muita luta, muito sangue e memoraveis victorias; esse povo afeito ás campanhas e contando os seus dias por victorias e batalhas não podia deixar de se influenciar pelos exemplos daquelles heroes do norte, daquelle Pernambuco que tambem conquistou o seu territorio a custo do sangue dos seus filhos e que deu muitos martyres á causa da liberdade.

Quando se observa que os objectivos da Confederação do Equador, proclamados pelos chefes do governo eram: „representação das classes, independencia dos magistrados, tolerancia religiosa, liberdade de opinião, direitos dos estrangeiros“ — etc. e, compara-se com os preceitos do projecto de Constituição da Republica Riograndense de 1835, vê-se que os principios são identicos, e se alguma differença fazem, é devido a essa influencia dos emissarios de Rosas, Rivera e outros que querendo se intrometterem na politica riograndense visando ambições pessoas; como a proposta de Lavalleja, que felizmente o Dr. Marciano Ribeiro considerou — absurda.

O brado de republica em 1710 em Olinda, o movimento de 1817 com o seu idealismo que durou pouco mais de dois

mezes; a revolução de 1824 denominada Confederação do Equador que teve a ephemera vida de dois mezes, foram os alicerces da Republica de Piratinim, que os mesmos principios edificaram esta vigorosa republica, que o imperio com todo o seu poderio, não foi possivel suffocar, e só a habilidade diplomatica e guerreira de Caxias, faria terminar, depois de quasi dez annos de lutas onde, os heroes riograndenses, com essa coragem spartana, que era o apanagio daquelle tempo, souberam dar exemplos ao mundo, de que batiam-se por um ideal de honra e de liberdade, arrancando em cada acção scintillas de heroismo, que Garibaldi em sua patria, recontava esses feitos heroicos como lendas dos tempos medievaes.

Assim, esse espirito republicano, prégado pelos proceres das revoluções de 1817 e 1824 em Pernambuco, propágou-se, como os filamentos de um canero, encontrando o seu habitat na alma gaucha, pela sua nobreza, brio, independencia e amor a liberdade.

Na alma brasileira echoou muito forte a independencia americana, e a revolução franceza de 1789 ainda mais insuflou as ideias democraticas, fazendo a mocidade daquelle tempo ter arroubos de eloquencia, e essas, calando no povo, como cala tudo que é contra o despotismo e a tyrannia, foi pouco a pouco sazonnando o fructo que outros haviam de colher em 15 de Novembro de 1889, mas, que vinha sendo trabalhado para sua maturação desde 1710 passando pelos annos de 1720, 1789, 1817, 1824, 1835, 1837 na Bahia, 1842 em S. Paulo e Minas, 1848 em Pernambuco e tudo era insuflado pelo prurido de liberdade cujo facho incendiava todos os povos.

Si muitos escriptores acceitam a hypothese, e alguns provam exuberantemente, que as revoluções de Pernambuco, foram ideias provenientes da revolução franceza de 1789, que pela bocca dos moços que estavam no reino de Portugal, e que de lá vieram; ideias essas que foram, como a agua que gotta a gotta perfura o mais duro rochedo, insuflando principios democraticos e republicanos, tendo por norte o pharol da victoria da liberdade sobre a tyrannia; e tanto isso é verdade que a divisa da Inconfidencia Mineira era: „Libertas quae sera tamen“; si essas ideias influiram nas revoluções da Inconfi-

dencia e nas pernambucanas de 1817 e 1824", pode-se affirmar que as ideias dessas ultimas, influissem, já pelas propagações revolucionarias feitas pela imprensa, já pelas razões de ordem ethnica, na alma gaúcha, que sempre foi avida de liberdade. Si não houvessem razões de ordem ethnica, a influencia de Rosas, de Rivera e principalmente do General João Antonio Lavalleja, que tudo fez para a Republica de Piratinim se unir á Entre Rios, Rio Grande e Uruguay e constituirem uma federação, tudo teria sido acceito e o desideratum desses caudilhos seria alcançado. Mas, a raça, essa ogerisa nata que nos veio da penisula iberica, sempre predominou na alma gaucha e com todos os seus anceios de liberdade, preferiram levar a luta sosinhos, com ideias sempre de união entre brasileiros, e, assim pensando resolveram: — „proclamar o regimen republicano, dispostos a federarem-se ás *provincias irmãs*, que venham a adoptar o mesmo regimen“ —, segundo reza a proclamação republicana de 29 de Agosto de 1838, aos povos do continente.

As ideias modernas de democratisação, tinham encontrado meio propicio no Brazil, onde as aspirações de liberdade concorriam extraordinariamente para o seu desenvolvimento.

A tendencia de liberdade, de separatismo, de independencia ampla e de republica, brotava em cada provincia e pode-se dizer que a influencia dessas ideias, cujo exemplo Pernambuco em 1817 e em 1824 pagou com bastante sangue de seus filhos, tinha que calar em mentalidade de escol, como eram as dos proceres da Republica de Piratinim.

Em muitas provincias houve tentativas republicanas, embora em pouco tempo reprimidas, como: a Sabinada na Bahia, revolta no Pará, em Alagoas, em S.Paulo e em Minas.

As ideias expostas pela constituição americana, nação que vinha de proclamar sua independencia; a influencia da Colombia, onde José da Natividade Saldanha, implicado na revolução de 1817, tinha lá se homisiado e de lá mantinha assidua correspondencia; todas essas ideias democratisadoras, não podiam deixar de repercutirem em todos os lugares, onde existissem cerebros susceptiveis de sentir, comparar, julgar e terem sede de liberdade.

O Rio Grande do Sul não podia fugir á ordem natural das cousas e as ideias liberaes eram muito tentadoras para serem despresadas por homens, cujo sentimento era pautado nas normas de uma altivez sem limites, uma nobreza sem igual, uma coragem sem emulos, e, na phrase de Garibaldi: — „podiam dar exemplos ao mundo“ —.

Esses exemplos successivos vindos do estrangeiro, si calaram nos espiritos dos sulistas, as revoluções de 1817 e 1824 feitas por irmãos, no proprio seio da patria, foram o facho que incendiou as reverberações das mentalidades dos pampas, que guiavam os gauchos nos seus anseios pela liberdade, e desse incendio explodiu a Republica de Piratinim, que brevemente festejaremos o centenario.

A. D. Pinto

Do Inst. Arch. Hist. e Geog. Pernambucano

INDICE

CAPITULO I — ASPECTO ECONOMICO DO RIO GRANDE, AN- TES DA INDEPENDENCIA NACIONAL.	Pag.
A vinda dos colonos açorianos — Motivos que deter- minaram o governo portuguez a promovel-a — A transfor- mação dos colonos em estancieiros — Circumstancias que a favoreceram — Facilidade na obtenção de terras e abun- dancia de gado — A agricultura no Rio Grande do Sul — Causas que se oppunham ao seu desenvolvimento — Exa- gero das affirmações que a respeito se têm formulado — O que demonstram as estatísticas de Antonio José Gonçalves Chaves — O abandono da cultura do trigo no primeiro quartel do seculo XIX.....	163
CAPITULO II — AS PRIMEIRAS TENTATIVAS DE COLONI- SAÇÃO.	
Um decreto do principe regente d. João — Um pro- jecto de immigração chinesa — Fundação de Nova Friburgo pelos colonos suossos — A vinda dos primeiros colonos alle- mães para o Brasil — A Real Feitoria do Linho Canhamo — Obstaculos creados pelo brigadeiro Pinto Bandeira ao seu desenvolvimento — Administradores ineptos ou rapaces — O abandono em que se achava a Feitoria — A transforma- ção desta segundo um projecto de José Thomaz de Lima..	177
CAPITULO III — FUNDAÇÃO DA COLONIA DE SÃO LEOPOLDO.	
A chegada das primeiras levas de immigrants — Co- mo eram ellas compostas — Os soffrimentos dos immigran- tes durante a viagem — Vantagens offerecidas pelo governo imperial aos colonos — As difficuldades na installação destes — A construcção das casas para os recém-chegados — Os máos elementos que perturbam a existencia da na- scente colonia de São Leopoldo — <i>Solteiros e voluntarios...</i> — A suspensão do pagamento dos subsidios — Consequen- cias a que isso dá lugar — A ameaça dos indios — San- grentas incursões dos bugres — Apezar de tudo, a colonia consegue prosperar	187
CAPITULO IV — TENTATIVAS QUE FRACASSAM.	
A fundação da colonia de São João das Missões — Os elementos que lhe foram destinados — Como fracassou essa tentativa — A colonisação em Torres e Tres Forqui- lhas — Como foram installados os colonos — Abandono em que foram elles deixados — Os immigrants entrados, no Rio Grande do Sul, até 1830 — Interrompe-se a corrente immi- gratoria — As colonias e a revolução de 35 — Os progressos de São Leopoldo, após a guerra civil — A decadencia das colonias de Torres e Tres Forquilhas — A difficuldade das communicações entre essas colonias e a capital — Um pro- jecto para facilitar os transportes: a navegação pelas lagoas	201

CAPITULO V — O RESTABELECIMENTO DA COLONISAÇÃO.	Pag.
Estende-se a area destinada á colonisação — A intervenção do governo provincial — Funda-se a colonia de Santa Cruz — A lei 304, de 30 de novembro de 1854 — Uma phase promissora — A iniciativa particular — Feliz, Bom Principio, Mundo Novo — O povoamento do valle do Taquary — A colonia de Santa Maria da Soledade — No valle do Cahy — Uma nova tentativa nas Missões.....	217
CAPITULO VI — CAUSAS DE RETARDAMENTO E DE PERTURBAÇÃO.	
A luta contra a natureza — A ameaça dos indios — Afastada com a derrubada das mattas, esta se manteve, entretanto, durante longos annos — Uma absurda concepção dos governantes — Colonias destinadas á abertura de communicações em regiões semi-desertas — O isolamento e as distancias — Questões religiosas — As questões de terras — Conflictos graves que se geravam na defeituosa discriminação das terras — Um mal que se prolongou até quasi os nossos dias.....	227
CAPITULO VII — As PRIMEIRAS ACTIVIDADES DOS COLONOS.	
Os trabalhos iniciaes — Fiando e tecendo para vestir — As primeiras culturas — A derrubada das mattas e a devastação dos ervaes — O plano do fumo — O algodão e o linho — As primeiras manifestações industriaes — Vicissitudes da industria de couros — Os maravilhosos frutos do trabalho dos colonos.....	247
CAPITULO VIII — A INFLUENCIA ETNICA, SOCIAL E ECONOMICA DA COLONISAÇÃO ALLEMÃ.	
A immigração allemã e o elemento servil — A progressiva exclusão deste das regiões povoadas pelos colonos — A redução da população negra no Rio Grande do Sul — O cruzamento entre brasileiros e allemães — A estatistica dos casamentos — Natalidade e mortalidade nas zonas em que predomina a população de origem allemã — A criminalidade nessas mesmas zonas — A produção agricola na região colonial allemã — Cifras que revelam a capacidade de trabalho das populações de origem germanica	267
CAPITULO IX — O ISOLAMENTO DAS POPULAÇÕES DE ORIGEM GERMANICA.	
Responsabilidades a apurar — A falta de escolas — As primeiras prevenções — Naturalização e religião — A desidia dos governos — Uma lei inqualificavel — Circulo que se fecha — Confusão desfeita e prevenções que se dissipam — Conclusão	285
A INFLUENCIA DAS REVOLUÇÕES PERNAMBUCANAS DE 1817 E 1824, NA REPUBLICA DE PIRATINIM, por A. D. Pinto	305